



Università
Ca' Foscari
Venezia

Corso di Laurea Magistrale
in Lingue e Letterature Europee,
Americane e Postcoloniali

Tesi di Laurea

**Literatura marginal, variação linguística e desafios
na tradução em *Reservado* de Alexandre Ribeiro**

Relatore

Ch.ma. Prof.ssa Vanessa Castagna

Correlatore

Ch.ma. Prof.ssa Carla Valeria de Souza Faria

Laureanda

Asia Breda

Matricola 858547

Anno Accademico

2022 / 2023

Índice

Introdução	2
CAPÍTULO I - Representação da variação linguística na literatura marginal.....	4
I.1 A literatura periférica brasileira	4
I.2 Uma nova linguagem	10
I.2.1 Os neologismos.....	11
I.2.2 As gírias e as variações linguísticas.....	15
I.3 O autor	23
I.4 A obra	26
CAPÍTULO II - Proposta de tradução.....	33
CAPÍTULO III - Traduzir para o italiano a literatura marginal brasileira.....	81
III.1 Características estruturais do texto original	81
III.2 As notas do autor.....	85
III.3 Assimetrias entre o português brasileiro o italiano	90
III.3.1 Pronomes sujeito e formas de tratamento	90
III.3.2 O português brasileiro como língua pro-drop parcial	93
III.3.3 Graus aumentativo e diminutivo	94
III.3.4 O singular nu	95
III.3.5 Uso dos Pretéritos	96
III.3.6 Uso do Gerúndio	97
III.3.7 Expressão do futuro.....	99
III.3.8 O infinitivo pessoal	99
III.3.9 A dêixis	100
III.4 O <i>giovanilese</i> na tradução da literatura marginal.....	101
III.5 A tradução de gírias.....	105
Conclusão	110
Bibliografia	112

Introdução

Este estudo aborda o fenômeno da variação linguística e o desafio que esta constitui na tradução de um texto do português brasileiro para o italiano a partir do caso de estudo de *Reservado* (2019), romance de literatura marginal escrito por Alexandre Ribeiro.

O trabalho estrutura-se em três capítulos. No primeiro, há uma breve panorâmica no que concerne a literatura periférica, gênero literário surgido na década de 90, pertencente a um movimento social, político e cultural muito mais amplo, que também inclui arte e música. A chamada “literatura de favela” é uma literatura engajada, determinada a mostrar a realidade dos “sujeitos subalternos” num quadro que retrata com extrema transparência as difíceis condições às quais estes últimos estão submetidos. Os mesmos autores moram, ou moraram, nos bairros mais pobres, e o propósito deles é denunciar o cotidiano das “quebradas”, onde violências e abusos estão na ordem do dia. É neste contexto que se insere *Reservado*, obra da literatura periférica que é apresentada brevemente no final do primeiro capítulo. Neste romance encontram-se todas as características temáticas, mas inclusive, estilísticas típicas deste gênero literário.

O segundo capítulo apresenta uma proposta de tradução dos capítulos de III a V do romance de Alexandre Ribeiro, assumindo a tentativa de não desnaturar e de não perder a forte marca cultural que distingue as obras da literatura chamada periférica. Esta marca cultural é muito sentida e de fundamental importância em romances nos quais as palavras atuam como armas contra as injustiças sociais e os autores, através dos próprios escritos, alimentam a esperança de um dia fazerem a diferença num país onde a corrupção precisa ser combatida e a educação, em determinados contextos, ainda pode ser considerada um privilégio.

No terceiro e último capítulo do trabalho são analisadas algumas escolhas da proposta de tradução, observando a relação entre texto-fonte e texto-alvo, de uma perspectiva linguística e estilística. Antes de tudo, são destacadas as principais assimetrias gramaticais, sintáticas e morfológicas, além de sociopragmáticas, entre o português brasileiro padrão e a língua italiana, tais como elas se exemplificam na tradução, com respectiva explicação para cada caso.

Em seguida, apresenta-se uma análise das especificidades da linguagem usadas pelos autores marginais e, em particular, neste romance de Alexandre Ribeiro, ou seja, uma linguagem repleta de neologismos e gírias, e das soluções aplicadas frente às dificuldades geradas pela variação linguística. Para a tradução recorreu-se ao chamado *italiano dell'uso medio*, que se caracteriza pelo uso de estruturas morfossintáticas e lexicais que desviam da norma padrão, e ao *giovanilese*, uma variedade do italiano muito difundida entre os jovens. Este último, permitiu fazer face, na tradução, às problemáticas geradas pela linguagem singular da literatura periférica, extremamente informal e coloquial e por isso também chamada de “fala escrita”.

CAPÍTULO I

REPRESENTAÇÃO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA LITERATURA MARGINAL

I.1 A literatura periférica brasileira

Na década de 90, o escritor Ferréz cunhou o termo “literatura marginal dos marginalizados” para distinguir uma nova categoria de produção literária da corrente da poesia marginal, que se tinha firmado no Brasil no início dos anos 70.

Os dois movimentos, mesmo compartilhando o mesmo adjetivo no nome, são absolutamente distintos e, para começar, é interessante investigar as especificidades de um e do outro grupo, e enxergar como estas são produtos de atuações culturais diferentes (NASCIMENTO, 2006, p. 11).

Os poetas da poesia marginal eram conhecidos também com o apelativo de “geração mimeógrafo”, expressão que justificava a transgressão deles com respeito à literatura convencional e estava ligada ao fato de que muitos componentes deste grupo utilizavam o mimeógrafo para copiar os livros, libertando-se, assim, de qualquer vínculo com as editoras. Os poetas desta geração foram apelidados de “marginais” devido à propensão de se posicionarem “à margem” em relação a tudo o que era tradicional e padronizado, não somente no que concerne os processos editoriais, mas também em termos literários.

A ideia era de uma poesia “extraordinariamente comunicativa”, “bem humorada”, “ardilosa” e “instantânea”, que recusava a escrita de um texto caracterizado por palavras rebuscadas e por uma erudição que evidencia a subjetivação, o lirismo e a cristalização poética. (GONÇALVES NASCIMENTO, 2016, p. 14)

Os poetas marginais diferenciavam-se muito dos autores da literatura marginal, a começar pela condição social. Os primeiros eram, na maioria, da classe média, representantes das camadas privilegiadas, e haviam acessado a uma boa instrução.

Os segundos são autores que moram, ou moravam, nas grandes periferias do espaço urbano, representantes das classes populares e, principalmente, pretos, pretas¹ e pobres. Uma característica peculiar destes autores é o fato de estarem ligados aos movimentos rap e hip hop e estarem envolvidos com projetos culturais e sociais (NASCIMENTO, 2006, p. 19).

O propósito dos poetas marginais era buscar uma alternativa à literatura canônica para aproximar-se do leitor e da vida, enquanto o objetivo dos escritores da literatura marginal contemporânea é romper com a cultura das cidades para poder contar as histórias de quem mora nos subúrbios, especialmente nos de São Paulo, lugares procriadores desta mobilização.

Além disso, é o próprio contexto histórico a ser bem distinto. Os anos 70 foram marcados pela ditadura militar, regime instaurado em 1964 que durou até 1985, e o engajamento político das composições dos poetas marginais era o conteúdo panfletário das mesmas. Diferentemente dos anos 70, os anos 90 foram caracterizados pelo fenômeno do multiculturalismo, ou seja, um conjunto de ideias que visa sedar e anular os conflitos provocados pelas diversidades. Este fenômeno preocupa-se principalmente com a integração na sociedade de grupos historicamente estereotipados e marginalizados, com o objetivo também de valorizar as várias culturas destes sujeitos no panorama urbano (DE SOUSA, IVENICKI, 2016, p. 282).

A corrente literária nascida em resposta ao multiculturalismo é também conhecida como “literatura de favela” ou “literatura periférica”, e é um movimento quer artístico, quer político e social. Pode ser definido social porque é suscetível de mostrar as realidades dos chamados “sujeitos subalternos”, aqueles que nunca foram protagonistas e, ainda menos, cronistas ou editores de obras literárias, até então. Também pode ser considerado político pelas temáticas tratadas, que são o cotidiano das favelas, o crime, a violência, o racismo, o descaso e o abuso por parte das autoridades, a falta de recursos, as condições péssimas das estruturas indispensáveis como hospitais e escolas, os problemas econômicos, e assim por diante. Também a descrição dos espaços físicos e das personagens (que, por exemplo, podem ser traficantes, bandidos, alcoólatras, mães ou pais solteiros, jovens sem oportunidades etc..) são relacionadas a este tipo de problemas.

¹ Foram mantidos os termos “preto” e “preta” usados por Nascimento em *Literatura marginal: os escritores de periferia entram em cena* (2006).

Às vezes, e assim como acontece com o romance *Reservado*, de Alexandre Ribeiro, texto que será analisado nesta dissertação, os relatos são inspirados pelas experiências de vida do próprio autor, sugerindo uma possível veracidade do conto (NASCIMENTO, 2006, p. 34).

Como é explicado por Marcos Zimbordi, isso não significa que a narração precisa ser autobiográfica e extremamente fiel; ela simplesmente baseia-se no conhecimento direto de quem escreve em relação às questões debatidas (ZIMBORDI, 2004, p. 73).

Quem escreve é, além do mais, quem experiencia as vicissitudes em primeira pessoa. O narrador é, portanto, testemunha direta dos fatos descritos, e suas obras relatam as histórias de personagens oprimidos pela condição social e econômica na qual se encontram, aparentemente sem possibilidade de um futuro mais brilhante. O cotidiano dos protagonistas dos romances periféricos é desolador: os dias passam, um igual ao outro, na esperança de não levar um tiro na rua ou não ser injustamente preso por um policial. Suas existências são infelizes, os sentimentos que prevalecem são a raiva e o desconforto, ambos devidos à improbabilidade de resgate e à carência de tudo o que é positivo, bondade, atenção, cuidado, carinho, amizade e amor.

Isso faz com que a literatura não seja fim em si mesma, mas tenha um envolvimento pedagógico, pois que traz à luz as diferentes problemáticas que se espera que, mais cedo ou mais tarde, possam ser resolvidas, também graças à educação literária e a estes testemunhos (ZIMBORDI, 2004, pp. 75-76).

O envolvimento social e político é dado, inclusive, pela constante preocupação com a circulação e o acesso aos produtos deste movimento. Brotou, por isso, o mercado das editoras independentes e, entre elas, podemos citar a Editora Benfazeja, a Edições Me Parió Revolução, a Editora e Gráfica Heliópolis e a LiteraRUA, todas em São Paulo.

Não é apenas o autor a ser um “sujeito subalterno”, mas também os possíveis leitores, já que não são só os pertencentes à classe médio-alta a consumir este tipo de produtos. Estes últimos são acessíveis também aos “leitores marginalizados” devido à escolha de edições baratas e à própria estrutura do texto, compreensível até aos integrantes da camada popular e com uma educação básica.

Um pouco como acontecia nos salões literários franceses dos séculos XVII e XVIII, os escritores da literatura periférica costumam organizar encontros e saraus de leitura. O mais influente da cidade de São Paulo é o Sarau da Cooperifa, no Bar do Zé

Batidão, que conta com a participação de artistas de vários gêneros, como escritores, poetas, mas também cantores, MC's e pintores. Os saraus servem de símbolos da democratização da literatura e da integração de novas perspectivas que, até recentemente, não foram consideradas relevantes, e nem escutadas. Até 2004 este era o único sarau literário regular em São Paulo e em 2005 alcançou um sucesso ainda maior graças à publicação da sua primeira Coletânea, um conjunto de 61 poemas de 40 autores e 3 autoras. A antologia foi um triunfo para a literatura periférica, foi vendida de mão em mão pelos próprios poetas e esgotou em pouco tempo, tornando o sarau e este gênero mas fortes no panorama artístico da época.

Uma figura fundamental no panorama da literatura marginal é Carolina Maria de Jesus. Nascida em Sacramento, Minas Gerais, em 1914, e falecida em São Paulo em 1977, como aponta Eliane da Conceição Silva (2009 pp. 32-33), esta mulher foi, na verdade, uma precursora do movimento. Apesar de não ter tido a possibilidade de uma boa escolarização, nos poucos anos de estudo floresceu nela um amor incondicionado pelas letras, o que a tornou uma grande escritora, a qual traz à tona, adicionalmente, a condição da mulher pobre e preta dentro da sociedade brasileira em meados do século XX.

A obra mais relevante com vista à temática deste trabalho, e também texto que levou Carolina Maria de Jesus a ser conhecida a nível internacional, é *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, publicado em 1960 pela Livraria Francisco Alves, no Rio de Janeiro, e até hoje traduzido em 17 línguas.

Este romance gera um fortíssimo impacto no leitor porque, através de palavras simples, descomplicadas, Carolina Maria de Jesus relata a miséria e a pobreza sofridas pelos marginalizados. O leitor encontra-se cara a cara com a violência do cotidiano, que o sujeito subalterno não somente experimenta, mas também inflige aos outros.

Todo esse *pathos*, é dado pelo uso da chamada “fala escrita”, repleta de neologismos, gírias, impropriedades linguísticas e desvios gramaticais que normalmente não são aceitos mas que, neste contexto específico, contribuem para o envolvimento emocional. Quem lê é empurrado para a realidade das periferias, contada por quem tem de enfrentar esta vivência em primeira mão (SILVA, 2019, pp. 26-28).

Carolina Maria de Jesus, obstaculizada por ser não somente mulher mas também preta, conseguiu no intuito de chocar o leitor diante de uma descrição tão transparente, e ao mesmo tempo tão dramática, da realidade social daquela altura, rompendo o silêncio

que pairava em relação ao tema. O pobre e suas adversidades tornam-se, finalmente, protagonistas e a perspectiva dos relatos muda, visto que quem escreve sobre a pobreza e a violência é outrossim quem as vive em primeira pessoa.

Um outro nome significativo no que concerne a literatura de favela é certamente Reginaldo Ferreira da Silva, mais conhecido como Ferréz, autor de *Capão Pecado* (2000), que em 2004 comentou: “Quando eu lancei o Capão Pecado me perguntavam de qual movimento eu era, se eu era do modernismo, de vanguarda... e eu não era nada, só era do hip hop” (apud NASCIMENTO, 2006, p. 15).

Nessa entrevista, ele contou que descobriu o termo “marginal” graças a algumas reportagens sobre João Antônio e Plínio Marcos. O primeiro foi um jornalista e escritor brasileiro, célebre por ter retratado a realidade dos proletários, moradores dos bairros suburbanos. O segundo, além de jornalista e escritor, foi também diretor de teatro e ator em peças que podem ser consideradas espetáculos de “teatro marginal”. Ferréz meditou sobre este termo e sentiu que era adequado à literatura que ele estava produzindo, aos temas que ele tratava e à forma como ele os enfrentava.

O romance, lançado pela editora Labortexto, trata a vida de Rael, filho de uma empregada doméstica e de um alcoólatra, morador de um bairro do distrito de Capão Redondo, na Zona Sul de São Paulo, que realmente quer sair da difícil situação socioeconômica na qual se encontra. Amante da literatura e com a cabeça no lugar, o jovem protagonista é um humilde trabalhador, ajuda a mãe a levar um pouco de dinheiro para casa e no tempo livre gosta de sair com os amigos. Nesta obra, o problema principal é a violência que reina soberana nas ruas e faz com que a situação, já dificultada pela pobreza, seja ainda pior. No romance, há uma passagem que evidencia de forma eficaz, através de uma reflexão do protagonista, a crueldade com a qual os habitantes do bairro, no dia a dia, têm que lidar:

Vagou pela rua e lhe vieram várias lembranças, lembranças daquele pastor que esfaqueou um homem morro acima: o homem gritava e se retorcia, os golpes eram fortes e seguidos, o pastor fazia força e o homem ia recuando, subindo o morro, a faca perfurava órgãos internos, o homem era um boneco, caiu no chão frio. A dor do pastor? Uma paixão, o amor de sua filha. Rael sabia da história, a filha pura do homem de Deus e o escravo do crack juntos, unidos, nus no ato de amor divino. Rael

tentou parar de raciocinar, tentou parar de pensar, tava tudo errado, a porra toda tava errada. Tudo. (FERRÉZ, 2000, Kindle pos. 679)

Inicialmente, a obra não foi comentada sob o ponto de vista literário e estilístico mas foi considerado principalmente o seu reflexo sociológico que, como já foi evidenciado, é uma das particularidades deste gênero.

A publicação de *Capão Pecado*, e a resposta positiva do público, fizeram com que Ferréz começasse a colaborar com a revista *Caros Amigos*, lançada em 1997 pela editora Casa Amarela (São Paulo), e que ganhasse fama nacional. Fundou assim o projeto de “literatura marginal” em revista e começou a descobrir novos talentos, lançando autores que se ocupavam das temáticas psicológicas, sociais, políticas e econômicas da mesma maneira que ele.

Paulo Lins é outro autor que se deve mencionar quando se fala de literatura periférica. Natural do Rio de Janeiro, deu vida a *Cidade de Deus*, romance emblema do movimento, publicado em 1997 pela Companhia das Letras, a maior editora localizada no Brasil. A obra passa-se nas décadas de 60 a 90 e tem lugar no Rio de Janeiro, num bairro da Zona Oeste, considerado naquela época muito perigoso e conhecido precisamente como Cidade de Deus.

O livro baseia-se em fatos realmente acontecidos e, como já comentou Heloisa Buarque de Hollanda (2010), na obra de Paulo Lins temos uma pormenorizada anatomia do cotidiano da miséria e da delinquência no Brasil. Essa descrição é vívida, é lúcida, uma vez que o mesmo autor foi morador da favela carioca Cidade de Deus e, portanto, entrou em contato pessoalmente com a criminalidade retratada, com os bandidos e traficantes cuja história é narrada. Já não se trata mais da favela idealizada e separada do asfalto, mas da brutalidade às claras entre as vielas dos novos conjuntos habitacionais (apud MIOLA, 2012, p. 2).

Encontram-se, em *Cidade de Deus*, as descrições da distribuição geográfica da favela e das vidas dos protagonistas, criminosos e não, tendo todos o mesmo objetivo de escapar da miséria e melhorar o próprio estatuto socioeconômico. A favela é nada menos que o reflexo da sociedade e, como bem descreve Miola (2012, p. 3), *Cidade de Deus* não é a história de uma só pessoa, não é a crônica das vicissitudes de um protagonista em particular; pelo contrário, é a apresentação de uma favela em ação. Essa obra não sintetiza apenas as atrocidades e o tráfico de drogas, analisando o fenômeno e as trágicas

consequências às quais conduz, mas destaca também a existência de pessoas honestas que têm que lidar com a desastrosa realidade da favela.

O escritor, neste romance, denuncia não só a falta de oportunidade e educação, mas também outras problemáticas que, infelizmente, se encontram até hoje radicalizadas na construção social e que são a intolerância, o racismo, o preconceito e a discriminação de todo o tipo.

Na atenta análise de *Miola*, o cenário da favela não é algo estático, imutável, mas transforma-se de mão dada com as personalidades que moram nela. O que inicialmente tinha de ser um conjunto habitacional se transforma em favela e as crianças tornam-se “os caixas-baixas”, querendo virar traficantes, porque veem nos bandidos uma figura heroica, respeitável e rica. Nisso tudo, quem teria o dever de manter a ordem, ou seja, o Estado e as forças policiais, revela-se corrupto, incapaz de desempenhar o próprio papel, deixando a favela à mercê dos tristes acontecimentos (MIOLA, 2012, p. 4-7).

A obra trata da brutalidade do cotidiano na Cidade de Deus de forma tão nítida quanto crua, a ponto de abrir uma brecha e tocar o coração do leitor, o qual não pode ficar indiferente frente a uma tão sábia e detalhada narração. O fim de Paulo Lins é claramente político, sendo o seu texto distintivo de uma realidade inaceitável e símbolo de luta contra esse gênero de injustiças.

I.2 Uma nova linguagem

A literatura periférica caracteriza-se por uma linguagem extremamente informal, rica de neologismos e gírias, inclusive do rap e do hip hop, distante do português padrão e da norma culta.

Este gênero surgiu nos anos 90 (SILVA, 2020, p. 114), portanto, de mãos dadas com o fenômeno do multiculturalismo e a linguagem introduzida pela literatura de favela é fruto da necessidade de um novo jeito de exprimir-se num contexto dinâmico como aquele da última década do século XX. Modernidade, criatividade, mudança e renovação são as palavras-chave no que concerne esta metamorfose linguística e expressiva. Analisando esta forma de comunicação, pode-se afirmar que os elementos principais que a distinguem são os neologismos e as gírias.

I.2.1 Os neologismos

O estudo sistemático da neologia começou na segunda metade do século XX, aproximadamente nos mesmos anos em que se desenvolveu e se afirmou a lexicologia.

A razão principal que levou os estudiosos a focar a neologia foi a vitalidade lexical, que ganhou especialmente terreno naquela altura e em todas as línguas.

Até a primeira metade do século XX, as inovações lexicais eram alimentadas, pela maioria, por escritores e poetas, os quais utilizavam palavras recém-nascidas, ou criadas do nada pelos mesmos, nos próprios escritos.

Após a Segunda Guerra Mundial, o desenvolvimento das novas tecnologias e dos meios de comunicação como a rádio, a televisão, o cinema e a própria imprensa, fez com que houvesse a exigência de um novo jeito de exprimir-se, repleto de termos que acompanhassem os tempos. Iniciou, portanto, a divulgação de modelos linguísticos contemporâneos, um processo em curso ainda hoje.

O uso de neologismos tornou-se fundamental também em áreas mais específicas, sobretudo no campo científico, dado que assegura uma passagem de informações eficaz à escala internacional, limitando as divergências dadas pelos léxicos nacionais (ADAMO, DELLA VALLE, 2019, pp. 8-9).

Os neologismos podem ser palavras já existentes que ganham um novo significado, expressões novas que podem ser criadas a partir da própria língua de origem ou se formar a partir de palavras estrangeiras (por exemplo, *googlar*, que significa pesquisar na Internet, *deletar*, do inglês *to delete*, que significa apagar, cancelar, entre outras), ou palavras que passam a ocorrer em registros linguísticos nos quais não costumavam ocorrer.

De acordo com Evanildo Bechara (2009, p. 193), o neologismo surge como resposta às novas exigências culturais, científicas e comunicativas, dadas pela evolução da sociedade.

Como salienta Margarida Basílio (2007, pp. 5-6), o fenômeno neológico, a que se refere com o termo “formação de palavras”, ocorre de forma natural, conforme as necessidades de comunicação.

Ieda Maria Alves (1994, p. 5), sustenta que o neologismo é um item lexical, ou um estrangeirismo, estreitamente assujeitado ao caráter social da linguagem, portanto,

tem de ser considerado como produto de exigências específicas da época durante a qual é utilizado.

Giovanni Iamartino (1999, p. 258), que analisa minuciosamente o fenômeno neológico em âmbito literário, explica que o processo de inovação lexical realiza-se graças à criatividade que caracteriza o ser humano e que se manifesta na geração de uma nova terminologia.

Giovanni Adamo e Valeria della Valle (2019, p. 17) salientam que o neologismo segue regras de construção próprias, podendo ser fruto da necessidade de batizar um novo objeto ou conceito, mas pode nascer também como expressão artística ou devido a intenções jocosas, irônicas ou polêmicas.

Por fim, o neologismo é interpretado por Adílio Junior de Souza (2015, p. 14), como uma mudança consagrada pelo tempo e pelo espírito de adaptação intrínseco aos falantes. À luz disso, o novo vocabulário torna-se o meio para renovar um idioma.

Os especialistas em linguística sustentam que os critérios para distinguir um neologismo são dois: o sentimento de novidade e a lexicografia. De acordo com Correia e Almeida (2012, p. 22), o primeiro critério é o fator preambular. O falante concebe uma unidade lexical que não existia antes, e não há certeza de que o receptor compreenda em pleno o significado do novo termo, mesmo sendo, ele, como já vimos, muito plausível. O termo introduzido por quem fala gera um estranhamento em quem ouve, e é esta sensação de novidade a dar-nos a confirmação que se trata de um neologismo. Este critério, sozinho, não basta para categorizar uma palavra no vocabulário neológico, portanto, entra em jogo a lexicografia.

O critério lexicográfico revela-se mais preciso em comparação com o sentimento de novidade que, como já a palavra “sentimento” sugere, é uma avaliação principalmente subjetiva, que não tem valor a nível prático (ECKERT, 2019, p. 4).

Relativamente à institucionalização de um termo, Correia e Almeida (2012) explicam que este passa a ser oficializado somente quando se converte em uma palavra de uso comum, frequentemente utilizada em um dado contexto e em uma grande comunidade linguística apenas quando surge, portanto, por uma necessidade denominativa estável.

A dicionarização desses termos é um aspecto importante a ser tratado porque nem todos os neologismos sobrevivem até à institucionalização. Para que uma palavra seja

oficializada deve tornar-se de uso frequente e tem de ser utilizada durante um longo período de tempo. Alguns novos termos desaparecem com a mesma rapidez com que surgem, e não sobrevivem o tempo necessário para entrar nos vocabulários (CORREIA, ALMEIDA, 2012, p. 16).

Há diferentes procedimentos na criação de neologismos. Conforme os estudos de Bechara (2009), os principais processos de produção de palavras são dois: a composição e a derivação.

A composição consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si. Isto não impede que um dos elementos do composto seja ele mesmo já um composto, contado como um termo único, pelo princípio dos constituintes imediatos.

[...] A derivação consiste em formar palavras de outra primitiva por meio de afixos. De modo geral, especialmente na língua literária e técnica, os derivados se formam dos radicais de tipo latino em vez dos de tipo português quando este sofreu a evolução própria da história da língua. (BECHARA, 2009, pp. 297-298).

Ferreira (2021), apoiando-se nos trabalhos de outros linguistas, distingue catorze processos de produção de palavras.

Antes de tudo, diferencia três tipos de derivação. Começando pela derivação afixal, essa consiste na adição de um afixo (prefixo, sufixo ou circunfixo) a um radical.

Os afixos e os sufixos atribuem às palavras às quais se sucedem um determinado valor, por exemplo, *inter-* confere ao radical uma conotação de inter-relação entre instâncias (*internacional*); *pré-* e *pre-* dão valor de anterioridade (*preconceito*), *-ismo* está correlacionado às ideologias, doutrinas e vertentes de pensamento (*socialismo*) e *-ico* transforma o substantivo em adjetivo (*giriático*).

A maioria dos prefixos tem origem latina enquanto os sufixos provêm quer do latim, quer do grego. Os circunfixos encontram-se entre uma partícula fixa anterior e uma posterior e participam na composição de novos verbos operando segundo o esquema *en-x-desinência* (*encantar*).

A segunda tipologia de derivação que Ferreira distingue é a derivação regressiva, ou seja, a subtração de uma partícula morfêmica que leva à produção de uma palavra nova (fugir → *fuga*).

Por fim, ele menciona a derivação imprópria, que manifesta-se com a alternância da classificação gramatical da palavra em questão dependendo do contexto em que é utilizada, passando de uma categoria morfossintática a outra (*belo* pode ter a função tanto de adjetivo quanto de substantivo).

Outro tipo de processo que o autor analisa é a composição, que consiste na união de duas ou mais palavras (áudio + livro → *audiolivro* ou, para dar um exemplo com o uso do hífen, *beija-flor*). O significado da nova palavra que se origina deste processo não é necessariamente a soma dos significados das palavras que a compõem, mas tem significação própria, e mesmo assim resulta de fácil compreensão por parte de quem recebe a informação.

Curioso é, ademais, o cruzamento vocabular, ou seja uma tipologia de composição na qual se unem partículas lexicais pertencentes a duas palavras distintas para formar uma única palavra que apresente parte de ambas (português + espanhol → *portunhol*).

Mais um exemplo de processo de produção de novas palavras é o truncamento, melhor dizendo, a redução de uma palavra que faz com que esta se torne mais prática (refrigerante → *refri*).

Igualmente, siglagem e acronímia têm de ser tomadas em consideração em relação ao argumento tratado, tendo em conta que há uma diferença basilar entre sigla e acrônimo. A primeira não resulta pronunciável lida como palavra em si mas precisa ser soletrada, o segundo, pelo contrário, pode ser descomplicadamente pronunciado pelo falante como uma palavra só (sigla: *PCP*, Partido Comunista Português; acrônimo: *FAOJ*, Fundo de Apoio às Organizações Juvenis).

Ferreira menciona, logo, a reduplicação, que consiste na repetição de toda a palavra ou parte da mesma e é um fenômeno que, por um lado, acentua o significado desta última (*chororô*, choro excessivo, *pula-pula*, brinquedo adequado apenas para pular).

Semelhante ao truncamento, há o fenômeno linguístico da recomposição, que consiste no recorte de uma palavra composta (televisão → *tele*).

É examinada, ainda por cima, a formação por splinters. Por splinter entende-se “fragmento”, e um termo criado através deste processo é uma palavra que ocorre sem qualquer motivação morfêmica. Esta apresenta-se composta por um radical “fixo” e uma série de combinações dependendo do que se quer indicar (bebidas similares à caipirinha mas com algum ingrediente diferente podem ser chamadas de *caipivodka*, *caipisaquê*,

conforme o que a bebida contém). Ao tornar-se comum o uso de uma determinada palavra formada por splinter, esta pode começar a ser considerada um morfema por direito próprio.

Temos que lembrar que, até uma palavra já existente mas que ganha um novo significado, pode ser designada como um neologismo. Quando verifica-se esse fato, estamos, portanto, falando de extensão semântica e essa ocorre quando uma palavra preexistente adquire um insólito sentido (magrela, pessoa muito magra, → *bicicleta*, meio de transporte bem fininho).

Até na literatura há uma figura de estilo que gera novas palavras mediante a transcrição linguística dos sons, ou seja, a onomatopéia (*kkkkkk* → som de risada).

Um outro processo interessante na geração de novos termos é a criação ex-nihilo. Este tipo de criação é rara porque não utiliza qualquer padrão previsível mas, obedece a motivações e padrões da língua em que se manifesta. Aliás, este novo termo tem de ser pronunciável.

Por último, Ferreira menciona o empréstimo linguístico, ou seja, um processo de criação de uma nova palavra estruturado em duas fases. Na primeira fase há o uso de um estrangeirismo, grafado segundo as características da língua originária, na segunda o estrangeirismo transforma-se em um verdadeiro empréstimo adaptando-se às peculiaridades ortográficas, semânticas e morfossintáticas da língua na qual enraíza-se (*scanner*, estrangeirismo → *escâner*, empréstimo) (FERREIRA, 2021, pp. 46-65).

I.2.2 As gírias e as variações linguísticas

Como já dissemos, os neologismos não são a única novidade introduzida com a literatura periférica. Este gênero caracteriza-se também pelo uso profuso de gírias, refletindo a fala das comunidades retratadas literariamente. No que respeita as gírias, Rangel e Vieira (2011) sustentam que o uso extensivo destas, no Brasil, é devido principalmente às condições educacionais do país. Embora elas sejam utilizadas, ainda que exiguamente, também pelos mais escolarizados, o uso das gírias destaca-se especialmente na parte da população menos instruída.

Ao responder porque há a necessidade de uma linguagem diferente da língua padrão, os dois autores acima referidos afirmam que esse peculiar jeito de expressar-se

resulta da necessidade dos grupos marginalizados de comunicarem entre eles sem serem entendidos por pessoas externas a tais comunidades,

As gírias não devem ser confundidas com as expressões idiomáticas, ou seja, expressões de uso comum, por vezes de caráter familiar ou vulgar, cuja interpretação ultrapassa o sentido literal, devendo ser entendidas globalmente e não pelo sentido de cada uma das suas partes. Apesar de alguns elementos em comum, não é difícil diferenciar uma gíria de uma expressão idiomática.

Antes de tudo, a duração das duas é algo distinto: as expressões idiomáticas geralmente se mantêm por muito tempo, pelo contrário, as gírias são frequentemente cunhadas recentemente e a tendência delas é cair em desuso e serem substituídas por outras gírias. Com o passar do tempo cada língua está sujeita a mudanças e o mesmo vale para as gírias; as de cinquenta anos atrás não são as mesmas usadas hoje em dia, embora possam resultar ainda compreensíveis. Isso significa que as gírias são algo transitório mas que o fenômeno é permanente (RANGEL, VIEIRA, 2011, p. 33).

O dicionário online Infopédia define gíria como:

1. Linguagem específica utilizada por elementos de setores profissionais (gíria jornalística) ou sociais (gíria académica).
2. Linguagem codificada de determinados grupos, usada com a intenção de impedir a sua compreensão por parte de elementos exteriores a esses grupos.

Já o dicionário Online de Português, na primeira definição oferecida, a qualifica como uma nomenclatura momentânea e recém-adquirida, especificando também que, até uma terminologia antiga que passa a possuir novos significados pode ser considerada uma gíria.

Uma outra designação que encontramos neste dicionário é a de gíria como dialeto singular de um grupo, de uma comunidade, de uma dada profissão ou de uma determinada classe social.

Como última definição, este termo é indicado como modo de falar marginal, incompreensível aos ouvidos de outras pessoas externas, que estabelece uma relação de pertencimento com o grupo.

Outro aspecto que distingue gírias e expressões idiomáticas é, portanto, o conceito de identidade, marco fundamental também de autores e leitores marginais. As gírias

podem indicar a faixa etária dos indivíduos que as utilizam e, nem sempre mas frequentemente, funcionam como marcadores de uma identificação social. A comunicação oral predominante no popular sempre será um meio através do qual os sujeitos marginais se sentem unidos e representados, sendo que essas pessoas partilham, geralmente, as mesmas condições sociais e o mesmo nível de instrução (RANGEL, VIEIRA, 2011, p. 31).

Como comentam A. Rangel e V. Vieira (2011, p. 30), este novo modo de comunicar é parte da língua que, conforme o que já se constatou, é algo dinâmico, que evolui ao longo do tempo e que é enriquecedor, uma vez que retrata a expressão de traços culturais, expressões atitudinais, formas de encarar a realidade social e, mais em geral, o mundo que nos rodeia, de uma maneira nova e sempre diferente.

Certamente, um outro caso que não tem de ser confundido com a gíria é aquele dos regionalismos. O português regional é a variedade do português falado em uma determinada zona do país que mostra características diferentes quer do português padrão, quer das outras variedades da mesma língua faladas nas outras áreas. Portanto um regionalismo é um “vocábulo ou expressão regional”, uma palavra, uma expressão, uma locução ou um significado específico atribuído a dado termo, que apresenta unicidades linguísticas próprias de uma dada área geográfica e que frequentemente se baseia nos aspectos culturais dos oradores.

Falando de literatura periférica, não seria possível deixar de examinar a questão da variação linguística, sendo necessário especificar que as dimensões de variação não são próprias do português, mas são comuns a todos os idiomas, e são cinco: diatópica, diacrônica, diamésica, diastrática e diafásica (ILARI, BASSO, 2006, pp. 152-185).

Por variação diatópica entendem-se as diversidades que uma mesma língua manifesta na dimensão espacial, quando esta é falada em várias regiões de um mesmo estado ou em distintos países.

É o tipo de variação na qual se enquadram dialetos e regionalismos. Cunha e Cintra (2007) definem os dialetos como as formas características que uma língua assume regionalmente (CUNHA, CINTRA, p. 4) enquanto, no que concerne os regionalismos, Sousa e Lima (2019) sustentam que esses últimos são um conceito mais amplo, constituído por um conjunto de particularidades típicas de uma determinada área geográfica, que incluem fatores decorrentes da cultura ali existente e dos eventos

históricos que marcaram tais zonas. Com base nessa afirmação, os dialetos devem ser considerados como uma das principais formas de expressão dos regionalismos (SOUSA, LIMA, 2019, p.67).

Para dar um exemplo de variação diatópica podemos observar como é chamada a planta com que se faz a tapioca: no Sul e Sudeste do Brasil é conhecida como mandioca, no Rio é chamada aipim e no Norte e Nordeste o seu nome é macaxeira. Esta variação compreende também as diferenças na pronúncia das palavras, no domínio dos sons nos sotaques, todas alterações devidas à colonização por diferentes populações e às correntes migratórias às quais o país foi submetido. Outro aspecto que não deve ser subestimado é a extensão do território, que desempenha um papel fundamental no quadro da variação regional, pois que seria impossível uma fala homogênea em uma área tanto ampla (ILARI, BASSO, 2006, p. 160). Da mesma forma que muda o léxico de uso comum, igualmente mudam as gírias utilizadas.

A variação diacrônica está relacionada ao tempo e as mudanças que este determina no que se diz respeito à língua. Como bem explicam Ilari e Basso (2006), é indispensável não pensar na língua como algo fixado definitivamente em algum momento do passado porque os idiomas são vivos por natureza. A forma como falamos hoje, certamente não será a mesma que usaremos daqui a uns anos, pois que são muitos os aspectos submetidos constantemente a alterações, a língua em si, a sociedade em que vivemos, o mundo à nossa volta (ILARI, BASSO, 2006, p. 153). Processos inerentes a esta tipologia de variação são a gramaticalização e o seu contrário, a lexicalização. A primeira ocorre quando um termo lexical assume função gramatical, a segunda acontece quando novos elementos lexicais vêm formando-se a partir de um elemento que geralmente desempenha um papel gramatical (ILARI, BASSO, 2006, p. 153).

Da mesma maneira que a língua, também as gírias são sujeitas a alterações e é por essa razão que, como já foi dito, uma dada gíria pode funcionar como marcador de idade. Para comprovar esta afirmação é interessante dar uma olhada na pesquisa realizada por Viana e Alves (2020), as quais entrevistaram um grupo de pessoas de sexo masculino e feminino com idades compreendidas entre 18 e 30 anos. Aos informantes foram feitas cinco perguntas e, no que concerne a variação diacrônica, surgia a pergunta: *ainda utilizam as gírias de sua adolescência?* 42% dos entrevistados responderam que sim (é interessante o fato que todos os que responderam afirmativamente se encontram na faixa

etária compreendida entre os 18 e os 25 anos de idade), enquanto o restante 58% disseram que não (VIANA, ALVES, 2020, p. 109).

A variação diastrática consiste na diferença entre o chamado português subpadrão, ou seja, a variante do português falada pela parte menos escolarizada da população que, não por acaso, representa também a fatia mais consistente da sociedade, já que a educação ainda é privilégio de muita pouca gente (BAGNO, 2007, p. 16), e a língua utilizada por quem tem um maior grau de escolarização.

No que respeita esta variável, são principalmente dois os fatores a ter em conta: a idade dos falantes e os aspectos usualmente ligados à classe social, ou seja, as condições econômicas e o nível de escolarização. O português falado pelos menos abastados é conhecido como “português subpadrão” ou “português sub-*standard*”, e está caracterizado por fonética, morfologia e sintaxe diferentes daquelas típicas da norma padrão.

No português subpadrão a pronúncia das palavras às vezes é simplificada e mais imediata, um exemplo é *sustança* em vez de *substância*. Outro ponto interessante são os tempos verbais; muitas vezes há a queda do -s da desinência da primeira pessoa plural, *vamos* torna-se então *vamo*.

Mais uma particularidade desta fala é a falta de concordância de número não sendo raro deparar-se em construções gramaticais como esta:

Entre as frases, fases e várias etapas,
Do quem é quem, *dos mano* e *das mina fracas*.
(RACIONAIS MC's – Negro drama, 2002)

Como haverá maneira de verificar, com referência ao artigo de Silva (2020), o mundo do rap e do hip-hop está estreitamente correlacionado à literatura periférica e ao conceito de “fala escrita”, conteúdo que será melhor explicado mais adiante.

A variação diamésica é relativa aos meios de expressão utilizados na comunicação e é nesta dimensão que se situam as profundas diferenças que podem ser enxergadas entre a língua falada e a língua escrita.

É claro que, uma longa tradição escolar faz com que a linguagem utilizada nos textos escritos, que são geralmente textos formais, seja mais controlada e controlada sob os aspectos gramaticais e morfossintáticos, face à língua utilizada no dia a dia e, normalmente, em situações informais.

A dimensão diamésica é bem interessante na abordagem de uma temática como a literatura de favela que, como já dissemos, se caracteriza precisamente pela chamada fala escrita.

Para enquadrar bem esta variação é preciso partir do pressuposto de que o escrito e o falado seguem construções gramaticais, lexicais, morfológicas, e assim por diante, distintas.

Se traçássemos duas linhas imaginárias, uma representando a escrita e outra representando a fala, estaríamos diante da seguinte situação: o texto escrito apresentaria-se como uma linha reta, isso porque é factível um planejamento prévio por parte de quem escreve. É também possível corrigi-lo ou modificá-lo uma vez terminada a elaboração e isto é algo que não deve ser subestimado, já que se presume que quem lê o texto possa não ter nenhum conhecimento no que respeita o assunto tratado. A língua falada é, pelo contrário, reconduzível a uma espiral que se atropela a si própria, uma vez que a fala e os textos falados dificilmente podem ser organizados na mesma medida que os textos escritos. Por esta razão, não é raro achar repetições, imperfeições e desvios que na escrita não seriam aceitos. Acontece também que quem fala retoma as informações fornecidas para acrescentar detalhes que antes não foram explicitados ou para reformular o conceito (ILARI, BASSO, 2006, p.181).

Por fim, há a variação diafásica, ligada à situação comunicativa, ao assunto tratado e ao nível de intimidade que o orador tem em relação ao interlocutor (D'ACHILLE, 2019, p. 32).

Esta é, portanto, a variação que tem a ver com a escolha de um registro formal ou informal e o léxico específico de um determinado sector, por exemplo médico, científico, artístico entre outros.

Todas estas dimensões de variação estão de alguma maneira ligadas à linguagem que caracteriza a literatura marginal e será interessante identificá-las na proposta de tradução das páginas de *Reservado*. Como afirmam Ilari e Basso (2006):

[...] a variação diacrônica, diatópica, diastrática e diamésica **convivem**: elas não são características que possam ser aplicadas em separado a alguns textos e não a outros. Assim, qualquer produção verbal é simultaneamente marcada do ponto de vista diacrônico, diatópico, diastrático e diamésico.

[...] Para isso, partimos da idéia de que toda língua a qualquer momento de sua história, está irremediavelmente sujeita à variação e à mudança. (ILARI, BASSO, 2006, pp. 189-194; **negrito do autor**)

Voltando ao assunto da chamada fala escrita, é preciso ter em mente as temáticas da literatura de favela e os objetivos dos autores marginais, portanto, a atenção no que concerne o estilo de vida dos pertencentes às classes populares que moram nos bairros periféricos das grandes metrópoles, bem como as problemáticas sociais e os acontecimentos históricos.

Esta escolha estilística é útil para os fins dos autores marginais, que utilizam uma escrita singular com o objetivo de retratar a realidade dos sujeitos subalternos e de espaços marginais que, somente os autores de obras periféricas, descrevem de uma forma tão original (NASCIMENTO, 2006, p. 53).

Os expoentes deste gênero literário recorrem a uma linguagem coloquial, não apenas quando é representado um diálogo, mas também na descrição de situações, ambientes e pessoas. Isso não só faz com que mesmo os menos escolarizados possam alcançar a leitura destes romances, mas representa também uma identificação social muito importante por parte do autor, que confere poder político e social às suas palavras, abraçando a marginalidade e recusando a sua alienação.

O escritor marginal é porta-voz de uma realidade que não é nova mas que nunca teve voz e, para melhor retratá-la, utiliza uma linguagem repleta de estrangeirismos, gírias, exclamações e palavrões, tipicamente usados nas “quebradas” (NASCIMENTO, 2006, p. 53).

As palavras, no contexto da literatura periférica, atuam como armas, símbolo de luta e de revolução, na promoção de transformações sociais que principiam daqueles que são os excluídos (OLIVEIRA, PELLIZARO, 2013, p.115).

Desta maneira, são trazidas à luz uma nova estrutura textual e novas perspectivas, quer literárias quer humanas, com o objetivo de conferir dignidade à figura do subalterno e proporcionando pontos de reflexão sobre os problemas que este último tem de enfrentar no seu dia-a-dia (NASCIMENTO, 2006, p. 132).

Em relação a isso, significativas são as palavras de Ferréz no seu *Manifesto de abertura: Literatura Marginal*:

Uma coisa é certa: mentirão no futuro, esconderão e queimerão tudo o que prove que um dia a periferia fez arte. Jogando contra a massificação que domina e aliena cada vez mais os assim chamados por eles “excluídos sociais” e para nos certificar de que o povo da periferia/favela/gueto tenha sua colocação na história e não fique mais quinhentos anos jogado no limbo cultural de um país que tem nojo de sua própria cultura, a *Caros Amigos/Literatura Marginal* vem para representar a cultura autêntica de um povo composto de minorias, mas em seu todo uma maioria. (FERRÉZ, 2001)

Esse autor, evidencia a importância de expor e, ao mesmo tempo, defender a linguagem única dessas minorias, ferramenta de protesto e marca distintiva de uma comunidade que não tem representação social e cultural e que não tem, por essa razão, outra escolha se não falar em seu próprio nome.

Ligado ao tópico da fala escrita há sem dúvida a esfera cultural do rap e do hip-hop que, como já foi mencionado, para os artistas do movimento marginal, teve uma grande influência.

Basta pensar que *Capão Pecado*, obra inspiradora da literatura periférica, apresenta paratextos escritos por outros autores e que, entre eles, se destaca o nome de Mano Brown, líder dos Racionais MC's. A sua participação é tão significativa que aparece já na capa do romance, devido também ao fato de ele ser um ilustre morador de Capão Redondo.

Esta colaboração foi possível porque rap e hip hop são considerados outras formas expressivas da corrente marginal, como se vê mesmo em relação a *Capão Pecado*; a literatura periférica e o hip-hop são duas expressões artísticas estreitamente relacionadas, pois que ambas surgiram da violência cotidiana que assola arredores das grandes cidades e à qual os moradores dos subúrbios estão sujeitos (SILVA, 2020, p. 117).

Para compreender melhor esta correlação, convém lembrar que o hip-hop surgiu em Nova Iorque (EUA) na segunda metade do século XX, mais precisamente entre os anos 60 e 70, como meio de protesto entre a população preta. O movimento chegou nos anos 80, primeiro em São Paulo e logo no resto do Brasil, e foi adotado pelos jovens pretos da periferia que cada dia tinham que lidar com as injustiças que desde sempre afligem os menos favorecidos (SILVA, 2020, p. 113).

Outro traço que aproxima os dois movimentos artísticos é a questão da identidade. Essas artes são produzidas exclusivamente por sujeitos moradores das regiões periféricas,

portanto, eles reconhecem-se como menos favorecidos, como pobres, como pretos. Contudo, seria incorreto resumir a literatura marginal e o hip hop somente no tópico da identidade porque, por mais difícil que pareça, a condição dessas populações não deve ser considerada algo imutável (SILVA, 2020, p. 117-121). Pelo contrário, o objetivo é mesmo alterar as estruturas e lutar contra as injustiças sociais.

A literatura marginal e o mundo do rap e do hip-hop tratam as mesmas temáticas e têm os mesmos objetivos políticos, sociais e pedagógicos. A diferença substancial é que fazem isso de maneira distinta: uma através de poesias e textos escritos, outro através da música. Isso faz com que o movimento se espalhe em várias frentes e atinja o maior número de pessoas possível, espalhando a imagem da coletividade.

A ideia essencial é denunciar os problemas das camadas sociais mais pobres, testemunhando as dinâmicas da vida dentro das favelas e manifestando cotidianamente a própria decepção perante os mecanismos errados e a violência que vigora nas vielas das “quebradas”. O propósito é combater o sistema que faz com que o rico se enriqueça mais e mais e o pobre não tenha oportunidades para sair da sua situação de miséria.

O que esses artistas perceberam é talvez que o único meio para chegar a tantos e ser escutados seja esta forma artística inovadora, inclusiva e crua na sua expressão. É uma arte que não tem medo de falar o que tem de ser falado com uma linguagem simples e de impacto, compreensível também para quem normalmente não tem os recursos necessários para entender textos complicados, sejam estes textos literários ou letras de músicas (SILVA, 2020, p.114).

Por todos estes motivos, não é raro encontrar gírias comumente usadas pelos rappers nas obras dos autores marginais, como teremos a oportunidade de ver nas páginas de *Reservado* do jovem autor de periferia Alexandre Ribeiro.

I.3 O autor

Alexandre Ribeiro é um jovem autor brasileiro, originário da Favela da Torre (no Jardim Canhema, em Diadema), na periferia de São Paulo.

Preto-nem-tão-preto, para usar as palavras próprias do escritor, é filho de mãe branca e pai preto. Nascido na pobreza econômica, mas sempre equipado com a riqueza

de espírito, aos seis anos escreveu seu primeiro poema, baseado na desigualdade social. Ribeiro conta: “Ele [o poema] fala um pouco sobre a relação de território, de que eu escrevi uma parada que era tipo assim: “Eu queria morar em São Bernardo, porque talvez fosse mais perto da escola e aí eu ia ser uma criança mais feliz” (FERRARI, 2022).

À criança, portanto, só faltavam os recursos, mas certamente nunca lhe faltaram a curiosidade que está na base da aprendizagem e o amor pelas letras, coisa que lhe foi transmitida pelo pai. Como explica o jovem: “Meu pai gastou R\$ 25 – um dinheiro que a gente nem tinha - em seis livros bíblicos que alguém passou vendendo na viela e me obrigava a ler antes de dormir. No começo, eu odiei experiência” (FERRARI, 2022).

Cada noite, antes de dormir, ele tinha que ler cinco páginas de um livro, acabando logo por apaixonar-se pela literatura e suas nuances, a alternativa, se não quisesse ler, era o castigo.

Alexandre Ribeiro começou a trabalhar muito cedo. Aos 9 anos, iniciou entregando produtos de limpeza perto de casa e ajudando o pai, o qual trabalhava como segurança de firma no âmbito da construção civil.

Aos 10 anos escreveu *Moradia*, um pequeno poema que, igual ao que escreveu quando era mais novo, tem a ver com a temática do social. O poema recita: “Se chovesse dinheiro, eu daria para a Prefeitura para construir uma praça perto da minha casa” (RIBEIRO, 2019b). Esta frase resulta ser muito impactante se pensamos que quem a escreveu só tinha 10 anos. A consciência de um garoto tão novo diante da situação econômica da periferia deixa claro quanto esta última era grave e isto bem perceptível até aos olhos de uma criança.

Infelizmente, em 2009, o pai de Alexandre Ribeiro faleceu vítima do vírus H1N1, a gripe suína, quando o autor só tinha 11 anos de idade. A reação que teve em primeiro lugar foi violenta, começou a ter problemas com os professores e a bater nos amiguinhos. Numa entrevista o jovem afirmou:

Depois que isso aconteceu eu comecei a ficar muito violento, dei muitos problemas na escola, comecei a bater mesmo nos meus amigos por ter uma violência que estava-me transpassando, era uma coisa que eu nem sabia explicar. [...] Isso mexeu muito comigo e começou a me levar por um caminho que, talvez eu tivesse seguido aquele caminho, eu não estaria vivo hoje pra contar a história. (VOLPATO, 2019)

Como revela o autor nas entrevistas e em vários artigos, foram as lágrimas da mãe que o afastaram do caminho da violência e da criminalidade, elementos que, tristemente, não é difícil encontrar nas vielas das “quebradas”. Não foi só o amor da mãe, misturado ao desespero de já ter perdido o marido e ao medo de perder também o filho a levar Ribeiro à salvação, porque fundamental neste processo de elaboração do luto e de crescimento foi o rap.

Foi assim que começou a vender CDs na rua por conta do rapper Marcello Gugu, praticando a profissão de marreteiro que, como bem clarifica o autor:

[...] é um artista comerciante. Diferentemente do camelô, que comercializa as mercadorias nas ruas e calçadas, o marreteiro faz isso nos vagões da metrópole. Produto original do Brasil, o marreteiro nasceu para driblar a dificuldade e entreter os passageiros na venda de qualquer produto. Não é apenas uma venda, é um show. (RIBEIRO, 2019a, pp. 168-169)

A poesia chegou na sua vida vindo do rap, e foi através do movimento social do marginal que a cultura chegou até ele. Aproximou-se à cena rap brasileira com os shows de Emicida, personalidade para a qual Alexandre trabalhou como assistente de produção no Laboratório Fantasma, e de Rael. Inclusive, tiveram um papel importante as músicas dos Racionais Mc’s, citados diversas vezes nas páginas do seu primeiro romance, *Reservado*.

Em 2018 lançou seu primeiro livro, uma coleção de 25 poemas intitulado *Inflorência*, que explica assim: “Inflorência significa algo bem técnico, mas usei para buscar as flores que habitam em mim em meio à guerra que vivemos. O livro foi pensado com poemas para florescer. Fiz até uma curadoria para colocar os mais introspectivos” (apud. BRITO, 2018).

Foi no ano seguinte que teve lugar a publicação de *Reservado*, editado pela editora Miudeza, fundada pelo próprio Alexandre Ribeiro. Numa entrevista, ele explica como é ter uma editora própria, afirmando que não é fácil porque até no setor literário percebe-se o racismo ínsito no Brasil, pois que as editoras maiores costumam publicar preferencialmente obras de homens brancos, velhos e heterossexuais, deixando muito pouco espaço às minorias.

A publicação de seu segundo livro foi possibilitada pelos recursos que lhe deram, ao ter este projeto aprovado por um programa de incentivo à cultura do governo de São Paulo. A venda dos seus livros sempre foi de mão em mão; o pequeno formato dos livros ajudou nisso e o preço era livre.

Para realizar seu sonho de ir à Alemanha, país onde ganhou uma bolsa de trabalho voluntário, iniciou uma campanha virtual chamada #DaQuebradaProMundo, graças à qual conseguiu alcançar objetivo.

Atualmente, o escritor mora na Alemanha e viaja de um país para outro com a intenção de promover os seus livros e de divulgar a literatura marginal brasileira. Uma anedota certamente interessante é que chegou até vender uma cópia de *Reservado* ao presidente de Portugal, que pediu até que ele a autografasse.

I.4 A obra

O jovem autor brasileiro Alexandre Ribeiro publicou seu primeiro romance, *Reservado*, em 2019, com a editora Miudeza, fundada pelo mesmo.

O livro é dividido em oito capítulos, os quais são por sua vez divididos em vários subcapítulos, e cada um deles conta diferentes episódios da vida do protagonista, João Victor, em um romance que se pode definir semi-autobiográfico.

Antes do sumário, e depois dos agradecimentos finais, há duas pequenas seções, ambas intituladas *Histórias mudam histórias*. Na primeira, Ribeiro dirige-se aos leitores, começando pelos leitores pobres e de periferia, com uma origem igual à dele. Ele escreve:

Infelizmente o que você está prestes a ler
não é uma coisa fácil de se encontrar.
A história é comum.
Fala sobre nós, eu e você.
A treta mesmo foi o nascimento desse livro.
Infelizmente as pessoas que escrevem
raramente são pessoas como nós, ou pior,
raramente se preocupam com pessoas como nós.
Este livro é um aviso.

(RIBEIRO, 2019a, p. 4)

Suas palavras são palavras de encorajamento e de esperança. Ele explica que, como ele conseguiu escrever seu livro na mesma favela onde ele mora desde sempre, todo mundo pode fazer igual, se somente quiser.

Logo depois, há uma mensagem para os leitores com origens diferentes, que se consideram privilegiados face ao autor. Ele diz:

O que eu proponho é que você se delicie
com histórias que não se parecem com a sua,
e quando encontrarmos um ponto de encontro,
que a gente se abraça feito irmãos.
É aí que mora a magia da palavra.
O sentir não se limita em prisões.
(RIBEIRO, 2019a, p. 7)

Depois deste preâmbulo, começa a verdadeira narração.

O romance, que nem sempre segue uma ordem cronológica, abre-se tristemente, com a cena do velório organizado para pai do protagonista, João Victor, falecido por causa do vírus H1N1 quando João era somente uma criança.

O primeiro capítulo prossegue tocando um dos pontos-chave do conto, que elucida também o título da obra, ou seja, a questão do ônibus reservado. O menino, depois de ter sido convocado para um jogo de futebol, ao qual teve que ir de ônibus, lembra-se de quando com o pai via passar os ônibus com a placa “reservado” e brincava a imaginar a destinação destes.

No terceiro capítulo, o destino de João Victor e aquele do ônibus reservado cruzam-se pela primeira vez: será este meio de transporte, um Mercedes Benz modelo 0-364 CMTC, que vai levá-lo, junto com os familiares, ao lugar onde se celebrará o funeral de Angenor, seu pai. A viagem que o protagonista faz a bordo deste ônibus não é só o trajeto que o levará para o enterro do pai, mas será também um percurso à busca da sua própria identidade.

O romance narra em primeira pessoa muitas das “primeiras vezes” de João, o primeiro amor e a primeira desilusão amorosa, o primeiro emprego que ele teve, o

primeiro abuso que ele sofreu, e assim por diante. É através de todas estas experiências, umas positivas e outras negativas, que se delineia a personalidade do jovem, é graças a estes acontecimentos que ele entende o que são o amor e a amizade, mas também o desespero e a dor.

As páginas do livro acompanham o crescimento do protagonista que, pouco a pouco, conquista o coração do leitor por sua maneira simples e educada de se relacionar com os outros, por seu jeito delicado de falar do amor, pela lealdade demonstrada aos amigos, e por seu modo de raciocinar nem sempre lúcido mas, certamente, honesto.

Em tudo isso, há uma pergunta que passa frequentemente pela mente de João Victor: qual será que é a cor da sua pele?

“Eu olho para o espelho e não consigo enxergar essas cores que o mundo vê. Nem-tão-preto-nem-tão-branco. Preto, branco? Mulato? Pardo? O que será que é tudo isso? O que eu enxergo não é nada disso. Qual será o lado que eu devo ficar?”
(RIBEIRO, 2019a, p. 67)

Da “cor do talvez”, afinal, ele decide definir-se assim

Voltei a ler como antídoto dos meus dias de tristeza. Hoje à tarde, eu preparava arroz e lia “Mayombe”, do Pepetela². Achei curioso o fato. O que eu chamo de “preto-nem-tão-preto” Pepetela descreveu como “a cor do talvez”. Vou adotar essa poesia pra mim daqui pra frente. (RIBEIRO, 2019a, p. 140)

Mas, mesmo querendo adotar essa designação, ele confere-lhe a sua própria conotação.

Assim que comecei a ficar feliz, o cheiro do arroz queimando me puxou de volta para a realidade. Vitória de pobre é conseguir emprego. A nossa poesia carregamos na pele. Para o Pepetela é cor do talvez, hoje, entendi que sou arroz queimado.
(RIBEIRO, 2019a, p. 143)

² Pepetela, pseudônimo de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, é um escritor angolano. Exponente do Movimento Popular de Libertação de Angola, escreve muito sobre Angola e se preocupa sobre a questão da nacionalidade, temática chave de todas as suas produções.

No seu primeiro dia de trabalho no Hotel Pampas, em São Paulo, João enxerga mais uma vez o que significa ser da “cor do talvez”, pois que todos seu colaboradores têm a mesma cor da pele que ele, mas quem suja os quartos do hotel é branco. A desigualdade é tangível dentro e fora do seu bairro, em cada aspecto da vida do jovem, e tudo o que ele faz é tentar buscar uma ruptura, demonstrar que todos são capazes de mudar a própria história, que nada está realmente perdido.

Não obstante a mensagem de esperança lançada pelo protagonista, o romance, que descreve de maneira muito original os pontos salientes da vida do moço, não tem um final feliz. Nem sempre tudo está bem quando bem acaba, e este livro é a prova disso.

Infelizmente, Douglinhas, o melhor amigo de João, é assassinado pelos policiais enquanto trabalha como marreteiro, vendendo CD's na rua. A sua morte é relatada assim:

Descobrimos pelo anúncio do jornal. “Um corpo foi encontrado boiado no córrego.” Esse corpo, viajou quilômetros até chegar no extremo sul da cidade de São Paulo. Trinta quilômetros para ser preciso. Esse corpo, desfigurado, repleto de sangue seco e de barro, não era somente um corpo. Antes de boiar, ele viveu, sorriu, amou e chorou. Foi teimosia, foi coragem e foi atitude. Foi o corpo do pobre que me fez sorrir, foi o corpo do rico que me fez sonhar. Foi o parceiro perfeito que desobedeceu até a mãe para estar do lado do amigo. Foi o corpo que, se soubesse, jamais iria me escutar. Um corpo, que para os jornais é “só mais um”. Para sempre será o meu irmão, o meu melhor amigo. Esteja em paz Douglas Rodriguez. (RIBEIRO, 2019a, p. 194)

João não vai conseguir suportar a dura estocada. Ele encontra-se sem pai, sem melhor amigo e sem paz. Seu coração, pelo choque, para de bater. João Victor, afinal, rendeu-se ao seu destino e à sua condição aparentemente imutável de pobre e favelado, cansado depois de tantas guerras e de tantas derrotas.

Pelo contrário, quem nunca desistiu, foi o autor, Alexandre Ribeiro, que graças a esse texto conferiu ao subalterno, ao marginalizado, a dignidade que ele merece. As palavras de Ribeiro, que no final podem ecoar como palavras de desconforto, são na realidade palavras de resgate, que um rapaz de vinte anos conseguiu escrever sentado no banco da praça do bairro onde mora.

Um último aspecto para o qual vale a pena chamar a atenção, é a questão dos nomes das personagens. Como já foi explicado acima, no livro há duas seções intituladas *Histórias mudam histórias*: na primeira (pp. 6-7) o autor fala aos leitores, e, na segunda (pp. 204-207), que se encontra nas páginas finais, há uma elucidação relativa à escolha dos nomes.

Os nomes, de fato, não foram atribuídos por acaso, mas são todos nomes de personalidades que o escritor quis homenagear por terem sido mortas pela violência, pelo racismo, pelo tráfico, pelos preconceitos e pelos policiais, por terem sido vítimas das injustiças e por terem pagado com a vida.

Em seguida constam as informações sobre o verdadeiro João Victor:

João Victor Souza de Carvalho, 13 anos. Antes de ser um anjo foi uma criança criativa, simples e sorridente. Sua vida foi tirada truculentamente na porta de um restaurante. Que a justiça seja feita para que João descanse em paz. Sua vida não será esquecida. (RIBEIRO, 2019a, pp. 205)

É assim, com a coragem de falar nomes e sobrenomes, com a coragem de denunciar as problemáticas do dia-a-dia nas periferias e nas “quebradas”, que Alexandre Ribeiro conquista um lugar no panorama literário brasileiro e, no específico, no âmbito da literatura marginal.

Este movimento, surgido na década de 90, continua até agora, firme, porque o povo precisa dele. Esta corrente artística é necessária, porque nela as pessoas veem um meio para protestar e nela reconhecem a si mesmas.

A escolha dos capítulos a serem traduzidos neste trabalho não foi casual. Foram acordados os capítulos de III a V porque neles encontra-se o núcleo central da história.

O terceiro capítulo é um ótimo ponto de partida, pois que inicia com um dos acontecimentos mais trágicos na vida do protagonista, a morte do pai, e continua com a introdução das personagens principais, quais o protagonista, João Victor, seu melhor amigo Douglinhas e a sua “paixonite” Bárbara. Com eles, João Victor aprenderá o que é a verdadeira amizade e experimentará as joias e as angústias amorosas. Sensações únicas, que farão com que ele se sinta vivo e o acompanharão no crescimento pessoal e emotivo.

O capítulo III atua como um segundo início dentro da obra. A parte inicial intitula-se *O ônibus reservado* e, começando pelo terrível falecimento de Angenor, fornece uma explicação acerca do título do romance.

O que João faz, não é mais do que uma viagem introspectiva à descoberta de si mesmo. O protagonista, a bordo desse “ônibus reservado” que é a vida, toma consciência da sua própria identidade, mas também do mundo ao seu redor.

Ao princípio do capítulo III, João Victor mostra-se como um moleque instável, atraído pelas tretas, que busca dar vazão à sua raiva na primeira oportunidade. Logo no final desta parte, algo principia mudar no coração do menino.

O primeiro encontro com Bárbara, a sua “crush”, o faz enfrentar o seu medo maior: consegue finalmente falar do pai, o “seu coroa”, e fazer o luto. Outrossim, o encontro com a moça, que ele chama até de rainha, abre as portas a uma outra temática que desempenha um papel fundamental dentro da história, ou seja, a questão da cor.

Meu Deus. Que menina incrível! A pele dela é **meio-preta-meio-branca**, e ela tem várias manchas em várias partes do corpo. O que ela chamou de vitiligo era realmente o equilíbrio entre as cores. Parece que ela carrega um mapa do mundo na pele. Uma obra de arte! Foi a coisa mais linda que eu já vi na vida. Ela é única. (RIBEIRO, 2019a, p. 66)

O que, infelizmente, seria normalmente visto como um defeito, é percebido pelo jovem como uma qualidade, algo que torna extraordinária a garota.

Assim, pensando na singular cor da pele de Bárbara, ele surpreende-se, tocando seus próprios lábios e seu cabelo, a perguntar-se qual será que é a sua cor, já que ele não consegue enxergar as cores de que todos falam. É com essa dúvida que conclui-se a primeira parte.

Os dois capítulos seguintes narram alguns dos acontecimentos, mais ou menos positivos, que desencadeiam diversas reflexões por parte de João. Suas memórias são, pela maioria, contadas em forma de diário e, de fato, ele promete voltar a escrever no seu “sagrado caderninho” somente quando valer a pena.

Devido à sua precária condição econômica, que determina, na verdade, também a sua posição social, João se interroga sobre as grandes contradições da vida e sobre os limites impostos a partir dessas duas variáveis.

Para dar um exemplo, na primeira parte do capítulo IV, intitulado *O dia em que minha barriga escreveu um poema*, o jovem pergunta-se se é certo ou errado desobedecer à mãe de um menino rico que ele tinha conhecido há pouco tempo, de nome Rodrigo. Ela, quando João foi fazer uma visita ao amigo, o tinha chamado de “mãonzinha leve”, e não queria que ele saísse da “sala da internet”, pois que tinha medo que ele pudesse roubar em casa. O moço, que estava com fome, tinha vontade de comer um lanche junto com o amigo na cozinha e começou a avaliar se seguir as ordens ou se seguir o próprio caminho. Depois de páginas de continuas considerações, afinal, toma consciência do que ele realmente é, ou seja, não um ladrão, nem um mal-educado, mas simplesmente um rapaz faminto que queria comer na companhia e decide sair da sala na qual estava confinado e alcançar Rodrigo.

Este, é somente um dos episódios que encontram-se em *Reservado* e que João Victor pretende contar. Com a sua atitude de bom rapaz, enfrenta temáticas geralmente difíceis a ser tratadas e dá sempre a sua opinião.

Portanto, foram escolhidos os capítulos de três a cinco porque o capítulo III decreta um bom ponto de partida em relação à história, mas qualquer divisão desse romance teria sido ótima para abordar a literatura periférica e analisar as suas particularidades.

CAPÍTULO II

PROPOSTA DE TRADUÇÃO

CAPITOLO 3

L'AUTOBUS RISERVATO

“Perdere il padre è una tragedia. Perderlo durante l’infanzia è sentire nostalgia non di ciò che si è vissuto, ma di quel che si sarebbe potuto vivere.”

Mi venne in mente la frase della mia amica, Jacira, mentre organizzavamo tutto per il funerale. Dopo che la famiglia si era riunita in sala da pranzo, disse che avevamo tutti bisogno di andare avanti.

La notte del 24 luglio 2006, io e miei figli non chiudemmo occhio. Alle 9.00 sarebbe partito il nostro autobus per il Cimitero Vale da Paz. Non riuscendo a dormire, andai di porta in porta e avvisai tutti i vicini dell’accaduto. Tuttavia, non specificai la causa del decesso. Se, di fatto, l’avessero saputo, c’era il rischio che non venisse nessuno.

Nel luglio del 2006, Diadema fece fronte a una corrente fredda di grande portata che causò un aumento del 20% dei ricoveri in ospedale. Gli ospedali della città già non erano in grado di sopperire a una situazione nella norma e, con l’aumento del venti per cento, fu decretato il caos. Angenor arrivò in sala d’attesa nel bel mezzo di questa confusione. Nonostante presentasse un quadro clinico considerato ad alto rischio, non venne considerato un caso d’emergenza.

In un corridoio sporco, maleodorante, con attrezzature arrugginite e anziani che venivano ignorati, Angenor dovette attendere per dodici ore su una barella corrosa dalla ruggine.

Durante la prima ora, i colpi di tosse si intensificarono. Durante la seconda ora, riprese a sputare sangue. Durante la terza ora, la sfida fu la richiesta di andare al bagno. Io da sola non riuscivo a sollevarlo dalla barella. Senza personale ospedaliero, dovetti ricorrere ai parenti più stretti. Ciò che non poté attendere fu il corpo in disequilibrio. Angenor, così come tanti altri invalidi, la dovette fare lì. Il cattivo odore si intensificò.

Erano le 20.00. A causa della precarietà del trasporto pubblico i familiari arrivarono quando poterono. Aspettammo 12 ore, eravamo in ospedale da quando l'orologio segnava le 8.00.

Arrivati i parenti, mi allontanai per un po' dal corridoio e andai a fumare. Tra tiri di sigaretta e preoccupazioni, finii di fumare e comprai un hot-dog appena fuori dall'ospedale. Nonostante fossi affamata, sentivo l'amaro in bocca ad ogni morso. Finii di mangiare, accesi la seconda sigaretta e feci altri due tiri. Sentii una stretta al cuore.

Non era da me, ma sentii che andava fatto, gettai la sigaretta a terra. Presi a correre.

Arrivai angosciata in ospedale e mi girai. Guardai più volte verso il corridoio, che sembrava essere infinito, ma non riuscii a trovare il mio compagno.

– Angenor? Angenor? Dov'è mio marito?

Immediatamente un addetto alla sicurezza dell'ospedale si avvicinò e mi chiese di calmarmi. Mi trascinò fino alla sala emergenze. Lì, appena fuori, vidi i familiari.

– Cos'è successo?

– Zia, cinque minuti dopo che sei uscita lo zio ha cominciato a dimenarsi sulla barella e ha fatto una smorfia per via del dolore molto forte. L'unica cosa che abbiamo potuto fare è stata chiamare aiuto...

– Ma cosa gli è successo? Sta bene?

Sentendo i nostri schiamazzi lì fuori, il medico uscì dalla sala emergenze e venne in sala d'attesa.

– Signora Zica? È lei la moglie?

Possiamo parlare?

Entrata in sala emergenze, rimasi subito scioccata. Il corpo **nero-nemmeno-così-nero** di mio marito era completamente pallido. Non riuscii a sentire neanche una parola di ciò che dicevano i medici. Mi lanciai verso il corpo. Toccai disperatamente il petto del mio amore, ma non sentii nulla. Con ancor più disperazione, le mie piccole dita salirono fino al volto del mio grande amore. Le passai sul mento, sullo zigomo e infine toccai gli occhi del mio Genô. Nella stanza regnava il silenzio. Le apparecchiature smisero di funzionare.

Gli occhi chiusi, nonostante il mio tocco, sentenziarono la fine di un percorso.

Guardai nuovamente le apparecchiature,

Osservai gli aghi nel corpo,

Cercai nel soffitto qualche ragione per crederci,

Non ne trovai nessuna.

In lacrime, mi inginocchiai a terra e appoggiai la testa sul petto del mio grande amore.

L'affermazione si fece strada con impeto e ritornò.

“Lui non tornerà.”

Qualche minuto più tardi, carico del maggior fardello della sua professione, il medico riapparve.

– Signora, se permette, avrei bisogno di parlarle un momento.

Dopo aver dato un bacio in fronte ad Angenor, uscii dalla stanza. Seguì il medico in sala d'attesa.

– Signora, sono davvero dispiaciuto per la sua perdita, ma ora dobbiamo occuparci di alcune formalità.

– Continui, dottore...

– Siccome gli sono stati diagnosticati i sintomi della polmonite e il numero di pazienti in cura per questa malattia è consistente, abbiamo chiesto ad Angenor di attendere. Purtroppo, suo marito è stato portato in sala emergenze in seguito a complicazioni originate da un infarto.

– Sì, dottore...

– Ciò nonostante, temo che non sia stata questa la vera causa della morte. Temo che la sua morte in verità sia stata causata da un virus. Il virus dell'influenza suina.

– Ma come, dottore? Quel virus H1N1? Quello di cui tutti parlano in TV?

– Sì, signora. Mentre cercavamo di rianimarlo, il paziente ha presentato alcuni comportamenti che ci hanno portato a sospettare che si trattasse del virus. Tossiva pezzi di polmone, era grave. Ne abbiamo prelevato qualche campione che ora stanno analizzando. Visti i dubbi, dobbiamo informarla e chiederle l'autorizzazione per effettuare dei test, per sapere se di fatto avesse contratto il virus o meno.

– Ma dottore, in TV dicono che questo virus può ammazzarci tutti, che è contagioso, che ha già ucciso più di cinquemila persone in tutto il mondo.

– Ed è proprio per questo che lei deve aspettare, non lo deve raccontare a nessuno. È un caso raro, questa notizia potrebbe avere conseguenze che non immaginiamo nemmeno.

Anche dopo tanta disgrazia, dovetti trovare la forza di reggermi in piedi. Alle 8.30 del mattino, stavo già chiamando in comune e prenotando un autobus che ci portasse al cimitero.

I miei pensieri non la smettevano di gorgogliare.

“E se non dovessero trovare il vaccino per questa malattia?”

“E se fossimo tutti infetti?”

“E se stessi portando questa vagonata di gente a morire?”

Tutte domande che dovettero soffocarsi nel mio cuore di madre. La mia paura di dire queste cose e spaventare tutti i presenti al funerale venne strategicamente arginata. Immagina se vuoto il sacco e per un virus i miei figli vengono isolati? Trattati come spazzatura? Non potrei lasciarli soffrire. Tacqui e continuai a organizzare tutto.

Quando il sole entrò in conflitto con il cielo grigio della città, capimmo che era ora. La fila per l'autobus si trovava nella terza strada sterrata, dopo le viuzze in terra battuta. In fila, João si guardava intorno, osservava gli sguardi pesanti che gli erano rivolti, osservava le dita leggiadre della sorella che tremavano e, senza ancora riuscire a versare una lacrima, l'abbracciò. L'abbraccio, affettuoso e delicato, aprì la visuale su ciò che si trovava di fronte alla sorella. Mercedes-Benz, modello 0-364 CMTC, ricoperto di adesivi con i loghi del comune di Diadema e con il display che confermava l'incubo: “Autobus riservato”.

Vedendo il display, João non riuscì più a trattenersi.

Quando finì di leggere l'enunciato, di colpo vide tutti i momenti trascorsi col padre passargli davanti agli occhi. Le ninne nanne, le partite a calcio, le gite in autobus e i viaggi fatti attraverso i libri. In un attimo, la tristezza spazzò via queste immagini lasciando una cicatrice ardente nel profondo dell'anima. Quello non era un sogno. Per la seconda volta in un breve lasso di tempo, il tanto agognato autobus riservato cambiò direzione. Era diretto all'incubo.

Senza soldi, senza sostegno, e ora senza padre. Cosa riserverà il futuro a questo ragazzo?

NON ANNUNCIARE MAI UN ATTACCO DEL P.C.C.*

8 AGOSTO 2006. Tempi duri per chi vive da queste parti. E la scuola, poi? Madonna, meglio non parlarne!

Io ero lì. Al quinto anno della scuola dell'obbligo, alla diciassettesima settimana di lezioni sempre uguali.

Le lezioni si susseguivano e io stavo chiacchierando con un bro – bro, questo, che non aveva nulla. Nulla oltre a un patrigno super okay, la madre presente e un videogame. E io trovavo che lui fosse il più figo di tutti. Ma pensa te.

Stavamo parlando della violenza della vita, della morte di mio padre e di come le cose si stavano facendo difficili. Ogni giorno un nuovo arresto, un nuovo morto. Il discorso si è concluso con la riflessione “che strada prendiamo quando sarà ora di uscire?”

– **Passiamo per il Morrão o per il Klinger?**

– **Ah, bro, dipende tutto da dove sono le pattuglie. Sai che ogni volta che torniamo a casa prendiamo per i fondelli gli altri, dobbiamo sperare che non tocchi a noi.**

Mentre chiacchieravamo abbiamo visto Tom passare in corridoio. Tom era un ragazzino con una camminata stilosa. Metteva quasi in soggezione. A dire il vero, non è che mettesse in soggezione, è che a noi piaceva un casino e avremmo voluto camminare allo stesso modo. Ma non lo avremmo mai ammesso. E non lo abbiamo ammesso. Con Tom non si poteva parlare, era diverso da noi, un vero delinquente, non faceva scena. A me aveva già rubato il cappellino proprio in quel corridoio. Me l'aveva tolto e, per di più, mi aveva preso per i fondelli dicendo che avevo la testa tra le nuvole. Ebbi la fortuna che i bros della favela che mi conoscevano videro la scena e gli chiesero di restituirmi il cappellino. La verità? Io non avevo mai la testa tra le nuvole. Comunque, lasciamo perdere questi pensieri dato che Tom era uscito dal nostro campo visivo ed era entrato nell'altra aula.

Appena entrato, la porta di ferro, vuota all'interno, ha fatto un gran casino. “Buuuummmmm.”

I pensieri andavano e venivano e il tempo non passava più in quella prigione. Io e Douglinhas eravamo annoiati. Tre e ventotto. Meno due minuti al suono della campanella. Abbiamo mantenuto la calma ma, siccome soffro di iperattività acuta, la gamba mi tremolava. Nove e trenta. Finalmente è suonata la campanella. Le sirene del carcere.

L'agitazione. Le scale. L'atrio. La fila. Il pane. Un morso. I sorrisi. È stato soltanto dopo aver sorriso che l'adrenalina è scesa. Avevamo avuto la meglio sulla fila degli affamati della scuola e stavamo sorridendo nel nostro angolo sacro dell'atrio. Ecco che, dal nulla, si era formata una cerchia che gridava in coro:

“Rissa! Rissa!”

Senza capire bene che cosa stesse succedendo, siamo stati guidati dall'istinto e, qualche istante dopo, ci siamo ritrovati in mezzo all'atrio. Il nostro discorso sulla violenza stava prendendo forma. È stato esattamente quando abbiamo visto la folla che abbiamo capito il motivo per cui Tom aveva sbattuto la porta così forte. Probabilmente era già arrabbiato e, durante l'intervallo, avrebbe dato sfogo alla sua rabbia. Ce l'aveva con Diego. Proprio i due ragazzi più impertinenti della scuola. Madonna. Dopo la ventesima rissa che capita di vedere nella vita, mah, lavorare in nome dei propri obiettivi sembra una cosa molto più figa che rimanere un ciarlone. Va sempre così, “rissa, rissa, rissa”, sembra non cambiare mai nulla. Oggi la penso così, ma quel giorno no. Quella era forse la quinta rissa che vedevo in vita mia. Allora, l'emozione mi sprizzava da tutti i pori. A maggior ragione, perché in mezzo a una valanga di ciarlioni, lì sì che sono rimasto un sacco estasiato. Mi sono dibattuto, ho spinto, e ho continuato a battere i pugni su Douglinhas, il mio bro.

Stavo assistendo a uno dei più grandi spettacoli della vita scolastica. Una pietra miliare. Era semplicemente wow.

Mentre la rissa continuava, mi è venuto in mente uno dei punti cruciali del nostro discorso sulla violenza. Convivevamo con la violenza del traffico di droga. Convivevamo con la violenza della polizia. Convivevamo con la violenza dello Stato. Erano varie le violenze. E, indipendentemente dalla parte da cui stavamo, eravamo sempre noi a prenderle. Io, un ragazzino **nero-nemmeno-così-nero**, e il mio bro, Douglinhas, **nero-nemmeno-così-nero**, ma rosso di capelli e con le lentiggini. Uniti dai capelli crespi e dalla paura merdosa della violenza. Durante la rissa, ho sentito un turbinio di emozioni germogliarmi dentro. Non c'era modo di controllare quella sensazione. In quel momento, mi è preso il matto e ho sentito che nella nostra insignificante esistenza c'era bisogno di una rottura! Dovevamo finirla con questa cazzata di prenderle sempre e basta.

Ho sentito questo messaggio provenire dal mio petto e lo ha sentito anche il mio corpo. Dovevo ribattere! La vita mi aveva dato un mucchio di legnate. Allora, quando mi sono trovato nel bel mezzo della calca, mi sono chiesto: “con cosa vado all’attacco? Chi attacco?” e lì la mia creatività ha risposto: “non c’è bisogno di una risposta.” Mi sono venute in mente le storie dei film americani che mi avevano insegnato che non c’è bisogno di molti motivi per essere un idiota. Se non pensare che tutti gli altri siano idioti tranne te. Ed è stato così, come un perfetto idiota, che ho trovato un’arma per l’attacco.

Nella ricerca di un’arma per l’attacco, ho guardato verso il basso. E, proprio sotto ai miei piedi, c’era un **p.anino c.on la c.arne*** calpestato. Non ci ho pensato due volte. Quella sarebbe stata l’arma per la mia vendetta.

Mi sono guardato intorno cercando un qualche segnale che dovevo fermarmi, ma non ne ho visti. Solo Douglinhas se n’era accorto. Furtivamente, mi sono curvato e, parafrasando Spike Lee³, mi sono detto “fa’ la cosa sbagliata”. Ho afferrato il panino sporco e malconcio con la mano destra, mi sono alzato, mi sono fatto spazio per il lancio con la mano sinistra, ho inclinato il corpo all’indietro e... proiettando tutto il mio futuro lungo quell’incredibile traiettoria, il mio diaframma mi ha accompagnato con un grido:

“Attacco del Pi Ci CiiiiiiiIII”

La mia mano destra aveva appena catapultato un panino con carne trita verso la folla. Renditi conto di che gran cagata. Mentre il panino era in volo ho avuto modo di vedere circa 457 morti diverse, ad esempio:

- La morte del sogno di laurea ✓
- Il venir meno di una casa propria ✓
- Il rifiuto di visto in tutti i paesi, cancellamento di vari viaggi in giro per il mondo ✓

E, principalmente, la mia morte. Per questa non è servita nemmeno una ✓, non ce ne sarebbe stato nemmeno il tempo.

³ **Spike Lee:** Shelton Jackson Lee, più conosciuto come Spike Lee, è un cineasta, scrittore, produttore e attore statunitense. Tra i suoi film spiccano “Malcom X” e “Fa’ la cosa giusta”.

Il volo è stato molto breve. Di circa 12 metri. È stato l'impatto a essere piuttosto disastroso. Circa 9 schizzi di salsa. Il panino, che in mezzo a tutta questa confusione emotiva-istintiva-idiota aveva perso qualsiasi speranza di incontrare il suo vecchio amico, l'apparato digerente, ha fatto uno dei voli più turbolenti – e senza scali – della sua vita. E in tutta la sua brillantezza, e con l'esperienza da panino-rockstar (finito nella fossa calpestato da degli adolescenti), era tornato a brillare. In mezzo a una calca di circa 327 persone, il panino era riuscito letteralmente a colpire in faccia il capo del sistema carcerario. Volevo dire, educativo.

Dal grande impatto ha sprizzato come una pallottola in faccia alla bidella che in quell'esatto momento sedava la rissa. Solo, non è riuscito a fermarsi prima che echeggiasse il grido "...pi ci ciiIII".

“PLÀ”

C'era il peggio casino, ma il rumore del panino che colpiva in faccia la bidella è stato potente tanto quanto il sound funk delle macchine che passano per la favela. Lo hanno sentito tutti. Dopo quel rumore, il finale era prevedibile. Lì sì che la ✓ della mia morte sarebbe arrivata in perfetto orario. Un sacco di risate seguite da una mitragliata di sguardi. E tutti gli sguardi erano indirizzati a un solo idiota. Proprio a me, il terrorista più idiota che esiste, João Victor.

Non è servito nemmeno che qualche dito mi indicasse perché la bidella mi trovasse. Il corridoio polacco⁴ di sguardi diretti a me ha decretato la mia fine. È venuta biascicando verso di me e per sette insignificanti secondi ho sperimentato la purezza di essere un perfetto idiota.

Quel giorno ho seguito il mio cuore, ho sentito una sensazione unica. Il punto di rottura nella mia vita stava arrivando davvero, il punto di rottura tanto sognato! Sì, dovevo solo aspettare che mia mamma tornasse a casa e lei mi avrebbe spezzato per bene. A dire

⁴ **Corridoio polacco:** è una forma di castigo fisico in cui una persona deve passare correndo tra due file di persone che la percuotono il più forte possibile.

il vero, ad ogni passo che facevo a fianco alla bidella verso l'ufficio del preside, pensavo a un epitaffio⁵ differente. Il migliore è stato: “Non annunciare mai un attacco del P.C.C.”

JOÃO VICTOR

Chi racconta questa storia? Facci l'abitudine, caro lettore, João racconta, con parole uniche, la propria storia, solamente quando gli va. È tutto scritto. Le sue parole dicono una verità che nessuno potrà silenziare.

Analizzando le pagine del quadernino cerco di comprendere questo ragazzetto. Un ragazzetto minuto, che racchiude in sé più mondi. Adora leggere e ogni santo giorno scrive sul suo diario. Tra le mie teorie riguardanti quest'avvenimento astronomico, la butto lì che l'esistenza di João Victor è stata data per conto di un confine. Il confine tra il bene e il male. Il confine tra il ricco e il povero. Il confine tra il nero e il bianco. Per il fatto di essere un confine tra due punti, a seconda della giornata, João poteva essere un ponte o poteva essere uno spartiacque.

Ha avuto la fortuna di essere dell'ultima generazione nata prima di Internet. Dentro casa, divora libri e ancora libri su indicazione del padre. Non ha molti amici. Sono parecchi i momenti di solitudine che hanno fatto di João un bambino riservato. Dei diversi modi di liberarsi di un demone, João non ne conosce nessuno.

Discendente di nordestini⁶, la pelle del piccolo è **non-così-nera-né-così-bianca**, è un ragazzino povero e della favela. Un mix caotico e perfetto. A volte, João si guarda le braccia e tenta di scorgere qualcosa. Si ricorda degli insulti: “capelli di paglia”, “naso a patata”, “bianco sporco”, “nero sbiadito”. Torna a guardarsi le braccia. João si sente senza un colore.

Anche degli avanzi si può banchettare. L'immagine del cuore di João è la stessa della fine del mercato della domenica. Con molto lavoro e molto spreco, João si ritrova in tutto ciò che è già stato calpestato. L'umiltà del piccolo è ammirevole. Per João la vita è una corsa verso l'oblio. Lui cerca soltanto di farla con stile.

⁵ **Epitaffio:** deriva dal greco “epitáfios” e significa “sopra il tumolo”, questo termine si riferisce alle frasi che sono scritte sulle lapidi dopo che le persone vengono a mancare. Ad esempio: Frank Sinatra, un musicista famoso, ha scritto nel suo epitaffio “Il meglio deve ancora venire”.

⁶ **Nordestini:** popolazione del Nordest del Brasile (N.d.T.).

Così come i suoi capelli crespi, la sua creatività è completamente aggrovigliata. Gli occhi, tanto neri e brillanti, sembrano due olive minuziosamente lucidate. Con la sua intelligenza e la familiarità con le parole, per le strade João è considerato il futuro. In realtà, con tanta voglia di tornare a quando era piccolino, il suo sogno è essere il passato.

Fin dai tempi della scuola materna João trova nel fare lo sciocco una forza sovranaturale. In strada con gli amici è uno dei maestri dell'inventiva. Fa proposte con idee mirabolanti, crea con delle cose vecchie i migliori giocattoli e, per tutti gli amici, fa sì che la scienza smetta di essere un mistero e diventi concreta. Il bambino, sempre ispirato da *Il Mondo di Beakman*⁷, cerca di essere una versione ricca di immaginazione dello scienziato – e senza fondi – se visse in una favela. Nei suoi viaggi interspaziali, con l'astronave che rimaneva parcheggiata nel garage invisibile della nostra baracca, João Victor inventa giochi che nessun videogame sarebbe capace di riprodurre.

Il Secchiello della Realtà Aumentata, dove tutti usano il secchio della mamma come casco e basta metterselo in testa perché la sfida cominci. Il gioco consiste nel rimanere con gli occhi chiusi e immaginare dei nemici alieni. Il grido è lo strumento principale che descrive a gran voce quel che tutti affronteranno. Stabilita dal creatore la posizione del mostro, tutti, ciechi come talpe, iniziano a correre – pieni di armi immaginarie – e fanno ritorno al mondo reale soltanto dopo aver sconfitto il mostro.

La Biglia nella Densità Gravitazionale Marziana, dove anziché le biglie, vengono lanciate sfere d'acciaio – di quelle rubate dagli pneumatici dei camion. Togliendo dalle sfere il peso che simulava la gravità marziana, il gioco era esattamente uguale a quello convenzionale. João inventò il nome solo perché su Marte rubare pneumatici non era un reato.

Il Trampolino Etereo delle Razze Mortifere, che in realtà è solo un nome spettacolare e di grande attrazione per il buon vecchio gioco “il pavimento è diventato di lava, non possiamo calpestarlo”.

E, come gran finale, nato dai desideri più umani di João, il gioco di “Che casa è questa?”. Consiste nell'empatia e, si gioca a occhi chiusi toccando il portone delle case. Facendo attenzione ai dettagli, quando il giocatore sa di che casa si tratta, lo dice a voce alta. Se indovina, vince due punti. Se sbaglia, ne perde uno e ritenta. Il gioco è stato

⁷ **Il Mondo di Beakman:** era il programma televisivo per bambini più nerd degli anni '90, in cui l'attrazione principale erano gli esperimenti e le conoscenze scientifiche.

inventato nel rispetto e nella solidarietà per il nuovo vicino, Jefferson, che è cieco e, indipendentemente da questa difficoltà, ha voglia di giocare.

Nonostante fosse molto creativo, João non è un gran chiacchierone. Inventava le storie e poi chiedeva ad altre persone che le raccontassero per lui. Ha paura di non essere accettato, ha paura di essere giudicato. Perfino la sua creatività ha fatto sì che diventasse sempre più riservato. Purtroppo, il passare degli anni non ha portato altro al ragazzino che variegati dolori.

Osservando le caccole che vivono tra i sedili dell'autobus, João ha imparato su cosa concentrare la propria attenzione. Mentre viaggiava, gli hanno rubato il portafoglio. E in quel momento ha capito. La città non fa attenzione alle piccole cose. La città non vuole saperne della fanciullezza. La città fa attenzione ai furti, la città fa attenzione ai morti. La città fa attenzione a tutto ciò che potrà rubarti. A poco a poco, la sua realtà ha iniziato a trasformarsi e le storie come "l'attacco del P.C.C." sono diventate sempre più frequenti.

BLOCCATO ALLA FESTA

14 AGOSTO 2006. Il resto dell'anno sarà difficile. Però, se fossi solo, andrebbe tutto peggio.

Appena sono ricominciate le lezioni la mia sfida più grande è stata semplicemente essere un bambino normale. Tre settimane prima ero a un funerale e baciavo la fronte del mio più grande eroe. La cosa che più mi fa male è sentire i compagni che parlano dei genitori.

Ogni volta che sento tossire in classe mi vengono in mente i peggiori ricordi. I giorni in cui mio padre tossiva sangue. Tutte le volte che sento trascinare una sedia, mi esplose l'immagine del mio vecchio che si trascina per casa e cade senza forze. Ogni minuto che passo dentro questa prigione che gli adulti chiamano scuola, penso sempre di più alle umilianti dodici ore che hanno ammazzato mio padre. Mi hanno detto che è stata la polmonite, ma ne dubito. Tutto quello che ho scoperto riguardo alla storia di mio padre, l'ho scoperto ficcanasando. In quei giorni, stavo ficcanasando fuori casa del vicino e ho sentito:

– Che fatalità, non credi? Un ragazzo così giovane se n'è andato lasciando due bambini.

– **Sì, è un peccato. Era un mulatto di quelli buoni. Che peccato.**

Per la prima volta in vita mia avevo sentito una definizione di mio padre. “Un mulatto di quelli buoni”. Pur non capendola, mi ci sono attaccato. Nei rari momenti che passavo con lui, perlopiù viaggiavamo. Che fosse con l’autobus o con un libro. Prima di andarsene, il mio vecchio mi ha lasciato un’abitudine: leggere cinque pagine prima di andare a dormire.

Dopo che l’intera scuola ha saputo dell’accaduto, è stato difficile far finta di nulla. Io ormai non sono più lo stesso e, a poco a poco, il mio atteggiamento sta cambiando. Il mio vecchio era un grande fan del RAP e mi è impossibile ascoltare anche una sola canzone dei Racionais MC’s senza che mi venga in mente. C’è solo una cosa che ancora mi salva dal mondo della tristezza: il funk. Qui nella favela lo si sente sempre suonare dagli altoparlanti e negli MP3 dei ragazzi. Felipe Boladão, MC Zói de Gato, MC Lon, MC Menorzinha, MC Duda do Marapé, MC Pôneis sono i miei preferiti. Ogni volta che ho bisogno di conforto, mi butto nel funk e lì trovo la salvezza. Nonostante mi piacesse molto, non ero mai stato a un ballo della favela⁸. Ed è esattamente per questo che scrivo oggi. Tutto è successo mentre mi trovavo al ballo.

Arrivato al ballo nella Favela da Torre, sono rimasto in disparte con i miei compagni ad ascoltare la musica. Alcuni bevevano whisky con energy drink, altri mischiavano bibite colorate ubriacandosi per bene. Io non ho mai avuto quella di bere e mi sono dissociato, risoluto. Solo che ai balli c’è sempre una rottura di scatole con cui fare i conti. E, senza farsi attendere, è arrivato il riccone noioso che si prende sempre troppe confidenze:

– **Oh, João, che storia è questa? È vero che tuo padre è morto?**

– [...] – **nessuna risposta, il silenzio ha risposto per me.**

– **Ah, ma scialla, brother. Sono solo io, mia mamma e il mio patrigno. Mia mamma mi ha detto che è questo quello che tocca ai neri. Non è così?**

Al ballo volevo solo ascoltare musica e starmene un po’ chill. Ne avevo già avuto abbastanza di quell’argomento. In momenti come questi posso solo ringraziare Dio che esiste l’amicizia.

– **Brother? Ti stai prendendo gioco di lui, figlio di papà? Fai attenzione, pagliaccio. Suo padre non era nero, suo padre era mulatto!**

⁸ **Ballo della favela:** festa funk che si svolge in strada, a cielo aperto, con la musica delle macchine.

La voce di Douglinhas, il mio migliore amico, ha tagliato corto con la sfacciataggine del figlio di papà. Forse ho parlato di lui solo una volta in questo quadernino, ma vale la pena di sottolinearlo. Douglinhas è un vero alleato. Abita nella mia stessa favela, ma l'ho conosciuto soltanto alle elementari. Fin dal primo giorno di scuola siamo diventati migliori amici. Douglinhas è come me. **Nero-nemmeno-così-nero**. Dalla morte del mio vecchio, mi ha insegnato che dobbiamo proteggerci l'un l'altro. Dopo averci riflettuto, il ragazzo ha controbattuto:

– **E c'è differenza, buffone? Che cos'è un mulatto?**

– **Buffone? Qual è il problema? – avanzando verso il riccone Douglinhas era talmente alterato che avrebbe concluso la conversazione con un pugno. Solo che, da lontano, è giunto un grido.**

– **Fermo, fermo, fermo!**

Si è avvicinata a noi una tipa sconosciuta.

– **Che sta succedendo qui?**

Le ho spiegato cos'era successo, che il ragazzo mi stava infastidendo chiedendo di mio padre e che l'aveva chiamato nero. La tipa, più grande di noi, è stata cortese e mi ha detto così:

– **Scialla. Stai tranquillo, amico. Lascia che la risolva io questa cosa. Aspé, ragazzetto. Come ti chiami?**

– **Rodrigo, zia.**

– **Zia? Non ci provare, amico! Lo so di dove sei. Da dove veniamo noi devi raddoppiare il rispetto per entrare nella favela, hai capito? Sei pazzo a parlare del padre del ragazzo? Rispetta il dolore altrui. E un'altra cosa, ti sbagli di grosso se pensi che chiamare qualcuno nero è un'offesa. Essere neri è una qualità, fesso che non sei altro.**

– **In che senso, ragazza? – ha domandato Douglinhas.**

– **Ragazza, no. Mi chiamo Bárbara. E prima che mi dimentichi, Rodrigo, tua mamma si sbaglia. Non è solo la morte che spetta ai neri, ok? E, João, tuo padre sì, era nero, non mulatto.**

Nel momento in cui mi ha detto così mi sono spaventato e ho risposto un po' irrequieto.

– **Pff, sparisci, pazza! Stavi origliando tutta la conversazione?**

– Sì, è così. Avete iniziato a discutere e sono venuta ad aiutarvi. Qual è il problema?

– Nessuno, solo che...

Dovevo ancora finire di parlare che Bárbara mi ha interrotto:

– Il ragazzino mi ha chiesto perché essere nero è una qualità. Posso spiegarlo? Altrimenti, me ne vado.

La ragazza era arrabbiatissima. Nonostante la conversazione così breve, avevamo già paura. Annuendo abbiamo risposto di sì.

– Cercherò di essere diretta per non innervosire nessuno, ma le cose stanno così: per molti anni nella storia del nostro paese ci sono stati due popoli che hanno sofferto molto. Uno di loro, è quello degli indigeni e il secondo è il popolo africano. Gli indigeni erano qui da prima di tutti, ma sono stati quasi tutti ammazzati. Il popolo africano è venuto in Brasile contro la sua volontà. Sono stati venduti, forzati a venire, schiavizzati. Solo che, prima della schiavitù, questi popoli avevano tutta una storia e una cultura. Lo sapevate?

– Non lo sapevo, signora.

– È così. È successo davvero. E dopo che sono arrivati qui, a poco a poco la loro storia e cultura è stata cancellata, hanno cercato di metterla da parte. E sai un'altra cosa? Per diversi anni nel nostro stato di San Paolo hanno cercato di piazzare più persone bianche per “migliorare” le cose, pensavano che essere neri fosse qualcosa di indegno. Che idiozia, no?

– Sì... molto stupido, signora.

– E sai cos'è peggio? A volte quando qualcuno era figlio o figlia di un nero, o indigeno, e di un bianco, allora lo chiamavano mulatto. Mulatto, João, deriva dalla parola “mulo”. E lo sai cos'è un mulo, João?

– Non lo so, cos'è?

– Il mulo è l'incrocio tra una cavalla e un asino, dopo che nasce, non può avere figli. E ciò comporta vari problemi. In primo luogo, paragonare un essere umano a un mulo è trasformarlo in un “essere inferiore”. Lo so che un mulo non è inferiore a un essere umano, ok? Ma le persone che hanno inventato questa cosa la pensavano diversamente. Chiamare qualcuno mulo, è anche un modo per dire che la persona non è adatta nemmeno ad avere figli. È per questo che non trovo molto bello che

chiami tuo padre mulatto, non so, da quel che vedo tuo padre era nero. Non c'è niente di male nell'essere nero.

– Ah, sì. Ho capito – ho detto, mentre stavo ancora elaborando l'informazione.

Ma poi ho ripreso:

– Credo che mio papà non fosse così nero. Guardami – e ho indicato la mia pelle – se lui fosse stato nero lo sarei anch'io. E un'altra cosa: tu cosa sei? Sei **mezza-nera-mezza-bianca?**

– Sì, João, capisco il tuo dubbio. In Brasile è un casino parlarne. Innanzitutto, quello che ho sulla pelle si chiama vitiligine, da cui dipende il mix di colori. Solo che non mi piace molto parlarne, va bene? Tornando al discorso di tuo papà, non è così semplice, João. Noi brasiliani siamo molto variegati. Tu sei il risultato di vari componenti della tua famiglia, non solo di tuo papà, lo sapevi? Non è così semplice. È possibile avere la pelle più chiara ed essere comunque nero. È molto complesso. Ma questo è un signor discorso, non un discorsetto da affrontare a un ballo.

– No, ma dimmi!

Ancor prima che Bárbara potesse concludere il ragionamento sono cominciate delle esplosioni nella favela e un fuggi fuggi pazzesco. Era la polizia municipale che stava lanciando delle bombole di gas lacrimogeno per mettere fine al nostro divertimento. Abbiamo dovuto lasciare il ballo e correre a casa a gambe levate.

Oggi, due giorni dopo l'accaduto, mi sono fermato per ricordare e scrivere questa storia.

Il mix tra adrenalina e curiosità mi ha trattenuto dal farmi film mentali prima che scappassimo. Ad ogni passo sentivo un'energia diversa pulsarmi dentro. Non so spiegarne il motivo preciso. Forse è stato il mix di intelligenza e coraggio, forse il rispetto unito alla pazzesca considerazione. Non lo so... so solo che anche mentre scappavo dalle bombole di lacrimogeno ero affascinato da quella tipa. Con lei a fianco, una delle cose che avevo sentito era un'enorme saggezza. Quando mi aveva guardato negli occhi avevo sentito tutti i dolori e le cure del mondo pulsarmi nelle pupille. Solo a pronunciare quelle parole, mi aveva operato al cuore. Mi aveva fatto affrontare il mio più grande incubo, mi aveva fatto parlare di mio padre.

Anche l'aspetto aveva fatto la sua parte. Dio mio. Che ragazza incredibile! La sua pelle è **mezza-nera-mezza-bianca** e ha diverse macchie in diverse parti del corpo. Quella

che lei ha chiamato vitiligine era davvero l'equilibrio tra i colori. Sembra avere una mappa del mondo sulla pelle. Un'opera d'arte! È la cosa più bella che abbia mai visto in vita mia. È unica.

Mentre scappavo correndo, ho girato la testa e sono riuscito a scorgere soltanto lei in mezzo alla folla. Ho sentito un calore nel petto. Vedevo quella regina che, pur scappando dalle bombole di lacrimogeno, era bella. Sognavo il giorno in cui l'avrei rincontrata e avremmo concluso quel discorso. Magari sarei diventato addirittura suo amico. E, fantasticando, immaginai addirittura di uscire con lei. Chissà, magari ci saremmo baciati. Non so spiegare il perché. So solo che è stato il massimo. Mi sono sentito vivo perché l'ho potuto immaginare.

Oggi, qui seduto sul letto mentre scrivo questa storia, riesco a pensare solo a lei e a riflettere su tutto quello che è successo al ballo. Mi sono guardato il braccio, ho toccato le mie labbra, i miei capelli e mi sono chiesto:

“Avrà davvero un senso quello che mi ha detto? Mi guardo allo specchio e non riesco a scorgere questi colori che tutti vedono. **Non-così-nero-né-così-bianco**. Nero? Bianco? Mulatto? Meticcio? Cosa sarà mai tutto questo? Quello che vedo non è niente di questo. Da che parte dovrei stare?”

CAPITOLO 4

IL GIORNO IN CUI LA MIA PANCIA HA SCRITTO UNA POESIA

20 SETTEMBRE 2006. 3° piano. Casa di Rodrigo, famiglia Campos. Non so da dove arrivasse. Non so dove sia andata. È solamente esistita. E per mia disgrazia, è esistita perpetuando una cosa chiamata discriminazione.

Ti ricordi la lite che c'è stata quando un ragazzo ha chiesto se mio papà era morto? Che Bárbara si era intromessa e tutto? Ecco, in fin dei conti quel ragazzo non era nemmeno un cattivo ragazzo. Con il passare del tempo è diventato mio amico. A Douglinhas non piace per niente, ma io ho cominciato ad avvicinarmi a Rodrigo e lui mi ha invitato ad andare a casa sua. L'intuito di Douglinhas è infallibile.

Appena entrato in casa del ragazzo ho iniziato subito a sospettare di alcuni pregiudizi. Io frequento una scuola che si trova in una città vicino alla mia, São Bernardo do Campo. Per questo, nella mia scuola ci sono persone più ricche di me. È stato sufficiente fare soltanto un passo in casa di Rodrigo per ricordarmelo.

Una famiglia classe media standard brasiliana, che ho avuto il dispiacere di conoscere al quinto anno della scuola elementare. Credo che se la passeranno bene per diversi anni da quelle parti. Ma che sia chiaro: non ci sono poveri da quelle parti. E il peggio è che io ero lì.

Rodrigo è un tipo alla mano. È bianco, alto quasi quanto me e i suoi capelli sono lisci (cosa che lo rendeva sempre migliore agli occhi delle ragazze rispetto a noi). Rodrigo aveva sempre l'orologio al polso. Diceva che il padre gliel'aveva comprato alla Disney.

Diciotto e quarantasette. Il mio sorriso era l'unico nella stanza che esalava adrenalina. Stavo disubbidendo agli ordini della madre di Rodrigo.

Ed è stato lì, in una grande stanza bianca dai dettagli marroni (quella gente strana aveva addirittura un nome per questo che io chiamo "marrone", tipo un legno costoso) che Rodrigo mi ha detto di avere fame. Proprio mentre stavamo giocando con i giochetti nel sito della Cartoon Network⁹. Quando me l'ha detto, io ci ho scherzato addirittura su, gli ho detto che la fame ci rende più furbi.

La stanza bianca dai dettagli marroni, a dire il vero, era la "stanza di Internet". Vai a capirlo. A casa mia non avevo nemmeno una stanza normale e da loro persino il

⁹ **Cartoon Network:** è un canale televisivo di cartoni animati nordamericano a pagamento.

computer ne aveva una. Vai a capire questa gente. Ma non posso dire una cavolata e dire che era brutta. Non sarebbe vero. Non riesco a dimenticarmelo, era tutto così bello! Persino il computer brillava da tanto che era nuovo.

Pochi minuti dopo l'enunciato sulla fame, è passata di lì la sorella di Rodrigo. E, quando è passata, ha rubato tutta l'attenzione che stavo riservando al gioco di "Ed, Edd e Eddy"¹⁰. Il motivo era comprensibile, mi sono girato perché ho visto ciò che aveva in mano. Patatine fritte belle calde avvolte nella carta da cucina. Patatine che, appena le ho viste, hanno brillato ai miei occhi. Si vedeva da lontano, per la loro consistenza, che erano belle croccanti.

Ad ogni passo che Raphaela faceva, le patatine si urtavano, picchiettando quei piccoli granelli di sale.

Quando meno me l'aspettavo, le patatine hanno risvegliato di nuovo quella maledetta sensazione. Ho scosso la testa in segno di negazione. Sono tornato rapidamente a concentrare la mia attenzione sul computer. E dal nulla Rodrigo ha interferito con il tragitto della sorella. È uscito correndo dietro a Raphaela, abbandonando il computer e gridando per le scale.

– Aspetta, Rapha! Dammene una.

Io mi sono ritrovato da solo nella stanza di Internet, mi sono guardato intorno, mi sono appoggiato alla sedia in pelle e, infine, mi sono sentito male. Quello è stato il momento in cui mi sono sentito perso. Turbato. Sotto shock.

Rimasto solo, ho ripensato all'esatto momento in cui la madre di Rodrigo mi aveva chiamato in disparte. Quando soltanto io, lei e le divinità che spaventano i bambini potevano vedere. Si era avvicinata, mi aveva dato una piccola stretta al braccio e aveva detto:

– Guarda, lo so che tu e Rodrigo siete amici, ma io no. Sappi che sei qui solo perché lui ha rotto le scatole al padre perché ti lasciasse venire. Quanto a me? Non pensare che io sia scema! So molto bene dove vivi e non voglio che gironzoli liberamente da queste parti con la tua manina lesta. Puoi solo salire in camera di Rodrigo finché non torno dal lavoro e vi chiamo io. Alle 19 esatte. Capito? Vi lascio

¹⁰ **Ed, Edd e Eddy**: una serie animata su tre amici: Ed, Edd e Eddy. I tre hanno personalità completamente diverse, ma tutti vanno matti per le caramelle spaccamascella. Cercano continuamente di guadagnare soldi per comprare il proprio dolce preferito.

una merenda nella stanza di Internet prima di andare a lavorare, quindi non cercare nemmeno di uscire da lì. Chiaro?

– Chiaro. Sì, signora.

Ripensando a quel discorso malefico, sono tornato in me. Da solo, soltanto io e il miglior computer che avessi mai visto in vita mia. Con tutti i giochi della Cartoon Network, lì, per me. Ho deciso di non contrariarla, mia mamma mi aveva educato bene. Quindi, senza pensarci molto, ho cliccato sul gioco di snowboard e ho sorriso in un modo nuovo.

Per qualche istante mi è sembrato quasi di avere un computer tutto mio. Quasi. Quasi perché, con uno schiocco sonoro, la mia pancia è esplosa in una bolla di succo gastrico. Di nuovo quella sensazione. La sensazione di star morendo di fame. E, ciliegina sulla torta, credi che la “zia” avesse lasciato la merenda nella stanza? Un cazzo di niente.

Per coincidenza, Rodrigo mi ha chiamato proprio in quel momento.

– Oh, João, sali qui in cucina! Facciamo merenda con le patatine fritte.

– Va bene. Arrivo, Rô!

Mi sono fermato. Mi sono guardato intorno e ho riflettuto sulla situazione. Quanta incertezza ti può cogliere in un attimo di pausa?

Perché in quel momento, il peso che sentivo era lo stesso di quando avevo sei anni. Mi sono ricordato con freddezza dell’insegnamento di mia madre: “figlio mio, non mangiare a casa di altri, è da maleducati, da poveracci.”

Riflettendoci, avevo approssimativamente trenta secondi per combattere la più grande battaglia della mia infanzia. Io contro tutti i “no” che mi erano stati detti nella vita. In quell’esatto momento, ero contro tutti i giorni in cui mi ero detto “sì” soltanto per ostinazione. C’ero io contro me stesso. Solamente io.

Ignorando un vecchio me, quella volta non ho chiuso gli occhi per sentire il mio cuore. Non ho iniziato nessun monologo filosofico sull’educazione. No! Ho urlato un grande “fottiti” alla famiglia tradizionale e alle buone maniere e senza pensarci due volte sono uscito di corsa. Ho corso!

Ho corso come un uomo a cui dovevano consegnare l'attestato di uomo libero¹¹. Ero Usain Bolt ad ogni gradino che salivo. Nella corsa ho vendicato Vanderlei Cordeiro¹² per quei passi che non aveva potuto fare e, quando meno me l'aspettavo, ero già al piano di sopra. Un altro di quei posticini della casa. Enorme e con dettagli "marroni".

L'orologio segnava le diciotto e quarantasette.

Sul tavolo, c'erano un toast al formaggio, caldo e bello dorato, e alcune patatine fritte. L'illuminazione aiutava, la temperatura di quel giorno aiutava. Tutto aiutava. Guarda, solo al pensiero mi viene l'acquolina in bocca.

Non sono nemmeno riuscito a pensare lucidamente. Mi sono dimenticato di qualsiasi cerimonia. Ho agito d'istinto. Quando sono arrivato al piano di sopra, non ho detto niente a nessuno, non mi è nemmeno venuto in mente di chiedere permesso. Ho solo seguito le mie sensazioni e la mia volontà. Non era importante quello che mi avevano insegnato.

Mi sono avvicinato, ho dato un bel morso al toast e, non contento, ho infilato in bocca anche una manciata di patatine.

Permissività, hai presente? Non l'avevo mai provata. C'era tutto un sapore oltre all'olio delle patate.

Mi sono concesso alle sensazioni che prima mi contraevano e contrariavano soltanto. I denti che foravano il toast, mescolandolo con le patate, mescolandolo con il formaggio fuso. Ah, che delizia! Ciò mi ha mostrato che il mondo può realmente essere mio. Senza sensi di colpa. E non è mio perché il mondo mi appartiene, è mio perché io appartengo al mondo. È mio per il volo. Perché so apprezzare le mie ali. È questione di opporsi alle sbarre che mi rinchiudono. Con un morso posso essere chi voglio.

Nell'atto di mordere, assaporare e digerire. Sono tornato davvero bambino. Di quelli che stanno vivendo un viaggio bellissimo. Mi dicevo, mentre mangiavo, "Accidenti, che mondo folle...". Non solo mi sono sentito vivo perché stavo mangiando un toast al formaggio, o delle patatine fritte. Erano proprio ottime, sì. Tanto più per me, che le mangiavo raramente. Ma non c'era una grande differenza. Tra avere e non avere,

¹¹ **Attestato di uomo libero:** questa espressione si riferisce a vari documenti che un ex schiavo doveva avere per essere considerato un uomo libero. In molti morirono nel tentativo di ottenerli.

¹² **Vanderlei Cordeiro:** Vanderlei Cordeiro de Lima è un ex maratoneta brasiliano, due volte campione dei giochi Pan-americani, medaglia di bronzo nei Giochi Olimpici di Atene 2004. È diventato molto famoso poiché nel 2004, durante la maratona, un irlandese lo trattenne ostacolando la corsa.

quando sono entrato a casa di Rodrigo e ho sentito che tutto quel lusso aveva bisogno di umanità per avere senso, ho capito che essere un bambino che regalava risate sincere valeva più di tutto quel “marrone”.

L’attitudine di seguire i miei desideri mi ha insegnato una cosa molto bella. Necessariamente, vivere è potersi dire le cose, è poter parlare con sé stessi. Sia per dirsi un sì, sia un no. Sia un riconoscimento, che una stranezza. Che sia quel che sia. Basta che lo si dica.

Nell’esatto momento in cui avevo la bocca piena del terzo morso, un rumore è provenuto dal portone.

Era la “zia”, la strega. La madre di Rodrigo era arrivata. Alle 19 esatte.

La disperazione sul mio volto era più grande del Monte Everest, quindi ho lanciato il pezzo di toast che avevo in mano nuovamente sul piatto, ho afferrato il braccio di Rodrigo e sono tornato di corsa con lui nella “stanza di Internet”.

Rodrigo, un po’ spaventato, e io fingendo che non fosse successo nulla.

La madre di Rodrigo ha parcheggiato la macchina, è entrata in casa. Ci ha salutato normalmente ed è andata in camera sua come non fosse successo nulla.

La paura che mi aveva preso al cuore mi era passata. Ho smesso di pensare cavolate.

*il giorno che
la mia pancia
scrive una poesia
mi disse
– sì
e fu per tutta la vita.*

BIGLIETTO

07 GENNAIO 2007. Miracolosamente, oggi scrivo con il cuore colmo di gioia. Indipendentemente da tutto ciò che ho affrontato, indipendentemente da tutte le cose tristi che mi sono successe, io sono di più. Ho coraggio.

Il 2006 per me è stato terribile. C’è stato il fattaccio con il mio vecchio, dopodiché ho iniziato ad andare di male in peggio a scuola. Avevo addirittura il trauma di andare a

casa dei miei compagni. Per concludere la fatality della mia vita, nell'ultimo bimestre sono stato rimandato in matematica. Dopo questa notizia, io stesso non riuscivo a scorgere un punto dal quale le cose potessero migliorare. Ma chi l'avrebbe mai detto? Incredibilmente, ho ricevuto una bella sorpresa.

La parola "sorpresa" per me non aveva mai avuto una connotazione positiva. Una volta, una tipa della mia vecchia scuola mi disse così: "apri la bocca e chiudi gli occhi, ti faccio una sorpresa!". Sai cosa ricevetti quel giorno? La disgraziata mi diede un bello schiaffone in faccia. Odiavo questa cosa della "sorpresa". Un'altra volta, recentemente, è successo che mentre salivo per la favela sono passato vicino a uno dei posti frequentati da quelli che fumano erba, mi sono guardato intorno e, senza volerlo, ho sentito il discorso di un bro. "Guarda la sorpresina che ho per te, ragazzino". Quando me ne sono reso conto, il tipo stava consegnando un revolver calibro 38 a un ragazzino della mia città. Che scena triste.

Nella mia prospettiva da Jatobá¹³, una sorpresa per coloro che vivono nelle favelas poteva essere solo una fregatura. Pensa te. Ma questa volta no. Questa volta era diverso. Incredibilmente, essere stato rimandato mi aveva portato una bella sorpresa.

Il primo giorno del corso di recupero sono entrato in aula a testa bassa. Ero sopraffatto dai pensieri. Prima di cominciare le lezioni, avevo pensato per diversi giorni "i recuperi sono per gli asini, io non sono un asino, non la faccio questa merda". Solo che è stato con questa testardaggine di non voler entrare in aula che è arrivata la sorpresa. Sono entrato a scuola senza guardarmi intorno e sono andato dritto a cercare la prima sedia per sedermi. Una voce dolce mi ha pescato dal mondo della rabbia e disillusione.

– **Ehi, João. Ci sei anche tu.**

Lentamente, i miei orecchi hanno riconosciuto l'intonazione e ho alzato la testa per vedere chi fosse. I lunghi capelli, il corpo scultoreo e, soprattutto, la pelle **mezza-nera-mezza-bianca** hanno superato ogni mia aspettativa. Mi sono seduto e, sorridendo, ho annotato nel mio quaderno quel che c'era scritto alla lavagna.

"1° ottobre 2006. Recupero di matematica, prof.ssa Bárbara"

¹³ **Prospettiva da Jatobá:** un modo di dire antico, si riferiva al personaggio di Jatobá nella telenovela 'America' del 2005, che era cieco.

Gli stessi voti che avevano fatto sì che mia madre me le desse, erano i voti che mi avevano portato alle lezioni della professoressa Bárbara... La tipa che avevo tanto sognato tempo prima. Ironicamente, da quel giorno ringrazio per i miei voti in rosso. Che situazione. Ed è per via di questi voti che sono venuto qui oggi, mio consacrato quadernino.

Il nostro gruppo di recupero era formato perlopiù da studenti della mia favela. All'inizio, eravamo in sei. Quattro ragazzi e due ragazze. Per via del triste scenario di chi viene dalla zona sud di San Paolo¹⁴, la terza settimana del corso di recupero ero rimasto l'unico ad andare a lezione. E da lì ho iniziato a prendere coraggio.

Il mio più grande problema erano la moltiplicazione e la divisione. L'ho detto a Bárbara e lei ha preparato varie lezioni riguardanti i miei dubbi. È stata un angelo. Da lì in poi non ci è voluto molto. Col tempo e le lezioni, ho preso sempre più confidenza con la professoressa. Per due ore, tutti i santi sabati, lei mi dava tutte le attenzioni del mondo. Con tutta la dolcezza e l'intelligenza, con tutta la saggezza e l'amore per il prossimo. Tutto solo per me. Stranamente, nella mia testa sentii che ci stavamo avvicinando. Ogni volta che le nostre mani si toccavano senza volerlo, ogni volta che sorridevamo assieme per un esercizio corretto, ogni volta che sistemavamo l'aula per chiudere la scuola. Non lo so spiegare, ma c'era qualcosa di buono nell'aria. Qualcosa di angelico. Sono stati dei giorni troppo belli.

E non ci è voluto molto perché tutto quest'impegno desse dei risultati, dopo due mesi di recuperi ho fatto le prove finali di matematica e ho aspettato fiducioso i risultati. Tutto grazie all'aiuto della professoressa Bárbara.

Le lezioni del 2006 finalmente sono finite e, il secondo sabato di dicembre, sulle pareti dell'atrio c'erano le liste dei promossi. Io e Douglinhas abbiamo la favela e siamo andati ansiosi a vederle. Grazie a Dio, senza problemi, abbiamo trovato i nostri nomi nella lista. Fiu!

Non appena abbiamo letto i nostri nomi in mezzo alla lista, ci siamo guardati intorno e abbiamo visto che tutti sorridevano. La nostra reazione è stata la stessa. Io e Douglinhas abbiamo cominciato a festeggiare e ci siamo abbracciati dalla felicità.

¹⁴ *"Da ponte pra cá"*, nel testo originale. È come i Racionais MC's si riferiscono alla Zona Sud di San Paolo (N.d.T.).

Finalmente stavamo festeggiando un buon momento. A quelli che abitano nelle favelas non spettava solo sofferenza. Douglinhas si è girato verso di me e ha detto:

– Complimenti a noi, bro. Chi l'avrebbe mai detto, eh? Dopo varie difficoltà siamo stati promossi. E c'erano professori che dicevano che non saremmo diventati nemmeno dei netturbini, eh? Abbiamo fatto la differenza. Complimenti a noi, compagno!

Il mio battito ha accelerato come se avessi ricevuto un'iniezione di coraggio nel petto. Con i festeggiamenti, ho sentito il veleno della morte di mio padre passarmi per il filtro delle vene e mi sono sentito motivato. Ho sentito le lacrime di delusione di mia madre trasformarsi in orgoglio e ho avuto lo stimolo per essere migliore. Con le parole di Douglinhas, mi è tornata in mente la madre di Rodrigo che mi diceva “no”, la mia professoressa che mi diceva “no”, mi è tornata in mente la vita che mi diceva “no”. E, in preda a un impulso matto, mi sono scollegato da tutto ciò che mi bloccava e ho lanciato un urlo.

– Devo parlare con lei!

Douglinhas mi ha guardato confuso e, senza capirci niente, mi ha detto:

– Sei ubriaco, João? Cosa stai dicendo, bro?

– Con Bárbara, bro! Devo parlare con lei!

– Ah! La tua crush? E cosa le dirai, bro?

– Ancora non lo so, bro. Ma lo devo fare ora!

Abbiamo guardato verso l'atrio e abbiamo visto Bárbara, in un angolo, vicino a un gruppo di persone. Douglinhas ha aggiunto:

– Guarda quanta gente c'è vicino a lei, bro. Ma sei pazzo?

– Bro, devo farlo, zio. Devo seguire il mio cuore per onorare il mio vecchio, cazzo. Questa cosa mi sta pulsando dentro ed è più forte di me.

– Bro, sei proprio cotto, eh?

– Lo so! Hai una penna? Che faccio una cosa.

Douglinhas mi ha prestato la penna, ho strappato un pezzo di carta da una delle liste sulla parete e ho cominciato a scrivere. Ci ho messo circa dieci minuti, ma ho scritto tutto quel che mi esplodeva dentro. Ho scritto male e confuso dai miei stessi pensieri. Però ho scritto. Ho finito e mi sono diretto verso il gruppo. Douglinhas mi ha salutato:

– Vai con Dio, coglione. Buona fortuna.

Le mie mani sudavano freddo e le gambe mi tremavano come fossi stato un coniglio disorientato. Ma mi sono avvicinato, saldo nella fede e nell'amore. Ho domandato permesso per entrare nel gruppo e ho iniziato a parlare.

– **Professoressa Bárbara, tutto bene?**

Posso parlarti un minutino?

Appena ho detto così il gruppo è scoppiato a ridermi in faccia. Curiosamente, uno dei ragazzi nello specifico, ha fatto una smorfia di rabbia rivolta a me e ha continuato a fissarmi. Non ho capito perché. Bárbara mi ha risposto:

– **Ehi, João. Non serve che mi chiami professoressa fuori dalla classe. Tutto bene e tu? Spostiamoci lì.**

Ci siamo spostati in un angolo e ho iniziato subito a parlare in preda all'ansia, quasi balbettando.

– **Ba-Ba-Bárbara, volevo solo ringraziarti per l'aiuto. Mi hai fatto pro-promuovere. Mi hai aiutato a portare felicità a casa. Volevo dirti che mi hai ca-ca-cambiato la vita. Grazie, Bárbara! Grazie di cuore.**

– **Oh, che tenero, João! Che bello! Sono tanto felice di sentirti dire questo, sai? Faccio il tifo per te. So da dove vieni e so che meriti il meglio. È un onore sentire questo da un ragazzino così, che si è impegnato tanto.**

Mi ricordo quanto mi sono vergognato sentendo quelle parole. Stavo quasi per abortire la missione, ma ho continuato con fermezza.

– **Sì, sì. Grazie. Ma aspetta... non era questo quello di cui volevo parlarti... c'è quest'altra cosa qui – presi il biglietto stropicciato dalla tasca – ti ho scritto questo. Mi prometti che lo leggerai solo una volta arrivata a casa?**

– **Va bene, te lo prometto.**

– **Grazie mille, professoressa.**

Le ho dato un abbraccio e me ne sono andato. La mia missione era stata compiuta.

Caro quadernino, oggi, 7 gennaio 2007, dopo aver vissuto tutto questo, ti scrivo col cuore che arde. Siamo in grado di vincere i nostri mostri e paure. Da casa continuo a immaginare quel che lei starà pensando e attendo ansiosamente la risposta. Il mio atteggiamento mi ha fatto sentire bene. Vivere è avere coraggio.

Le parole che ho scritto nel biglietto sono rimaste impresse dentro di me.

“Cara Bárbara,

Quest’anno le cose sono molto complicate. Innanzitutto, mio padre se n’è andato, dopodiché hanno iniziato a prendermi in giro a scuola e, infine, sono stato rimandato. Quel che più mi ha ferito è stato rendere mia madre ancora più triste. Ma questo biglietto non è per parlare della tristezza. Voglio parlarti della felicità. O, per meglio dire, con felicità.

Con te, professoressa. Quando pensavo che tutto fosse perduto sono entrato nella tua classe e ho sentito che ti importava di me. Che mi trovi sveglio, intelligente. Ho sentito il mio cuore scaldarsi. Durante le lezioni, sentivo di trovarmi in una zona di pace nel mezzo di una guerra. Nonostante la tristezza caratterizzi la maggior parte della mia vita, quando ti sono vicino mi sento bene. Forse questa è una pazzia da parte mia, ma so che solo chi è pazzo è felice. Mi piaci molto, professoressa. E quando dico che mi piaci, intendo di più che come un’amica. Queste cose ancora non le so spiegare. Volevo solo dirti che tutte le volte che ti vedo sento ardere lentamente il mio cuore. Non potrei finire l’anno senza dirtelo.

Grazie di tutto. Ti auguro un felice anno nuovo.

Baci, João Victor. 9 dicembre 2006”

HOTEL PAMPAS

6 FEBBRAIO 2007. Le mie vacanze di fine 2006 e inizio 2007 sono state all'insegna del marasma. Non voglio giocare con l'aquilone, non voglio andare a ballare e non voglio nemmeno giocare con la Polystation¹⁵. L'unica cosa che voglio è che Bárbara mi risponda.

Le feste di fine anno sono state molto strane questo Capodanno. Quel che prima erano la piastra piena, il churrasco con la farina di manioca e la bibita gasata *Dolly* hanno perso completamente di significato senza mio padre. Sento molto la sua mancanza. Durante i fuochi di Capodanno, di noi quattro che abitualmente ci abbracciavamo non è rimasto che un forte abbraccio con mia mamma e mia sorella. Hanno pianto così tanto che io non sono riuscito a emozionarmi. Volevo solo essere lì per loro. Al chiaro di luna di quella notte ho sentito un luccichio provenire dal cielo. La stella di Angenor pulsa lassù.

Il mio sogno è proprio saltare tutto e andare diretto alle superiori. Solo studiando al mattino riuscirò a incontrare Bárbara. Non è più la mia insegnante di recupero al pomeriggio. Dentro al mio cassetto è rimasto ancora qualche petardo, ma sono talmente senza forze che ho deciso di lasciarli lì. Li scoppierò solo se Bárbara mi risponderà. Ogni giorno che passa sento sempre di più questa malinconia. Solo che la realtà dei poveri è diversa. Noi non abbiamo nemmeno tempo per essere tristi.

Dalla metà dell'anno scorso, mia mamma è diventata molto amica di Edna, la mamma di Douglinhas. In queste ultime settimane Edna ha raccontato a mia mamma che la ditta per cui lavora sta cercando giovani stagisti. Mia mamma non aveva proprio tutte le informazioni, ma ci ha mandato me e mia sorella.

Lunedì, ore 10.00, 5 febbraio 2007, Hotel Pampas. Queste sono state le informazioni che ci ha dato. Io e mia sorella siamo usciti di casa assieme. Per strada, ho cercato di tirare fuori l'argomento con Sandra, per cercare di dirle quanto ero ansioso. Mia sorella se ne sbatteva. Sembrava avere la testa da un'altra parte. Non ci ha dato peso. È bastato arrivare alla fermata dell'autobus – che si trova a due chilometri da casa – che Sandra mi ha chiesto un favore.

– João, io non ci vengo a questo colloquio.

¹⁵ **Polystation:** è un clone pirata della Nintendo che ha la carcassa uguale a quella di una PlayStation 1.

– **In che senso, Sandra? Sei matta?**

– **Perché tu pensi che io mi abbasso a lavorare in un hotel? Non esiste! Pensa se ti mettono a pulire i bagni? Sei fregato! Io farò di meglio nella mia vita.**

– **Che farai, Sandra? Sei matta? Non puoi farlo, Sandra. La mamma ti rivolterà come un calzino.**

– **No, non lo farò. Me le darà solo se tu glielo racconterai. E io mi fido di te. Tieni qui i soldi del mio biglietto e comprati la merenda. Ma promettimi che non glielo racconterai, va bene?**

Lei l'ha raccontata grossa. Non ha nemmeno ascoltato la mia risposta e se n'è andata. Un tipo più grande è arrivato in moto, ha caricato Sandra in sella, e lei se n'è andata. Ancora una volta ero accompagnato soltanto dalla malinconia. Facendo mente locale, cos'avrei dovuto fare? Smascherare mia sorella e passare per la spia? Giammai. Ho dovuto continuare per la mia strada. Ho dovuto superare ancora una volta la paura e l'ansia e percorrere la strada da solo. Arrivato ai dodici anni, mi trovavo ancora una volta solo contro la metropoli. Attraversavo la città alla ricerca di un posto al sole.

Ci ho messo un po', mi sono perso per strada, ma alle 9.45 sono arrivato all'hotel. Ho letto l'insegna e sono salito fino al nono piano. Una volta arrivato, ho visto una sala piena di adolescenti. Nessuno di loro sembrava avere la mia età. Erano tutti più grandi. Ho preso il numero e sono rimasto in attesa. 323. Lo schermo segnava il numero 51.

Per fortuna questa volta ero uscito di casa già preparato. Durante le ore d'attesa, mi sono addentrato ne "Il Mondo di Sofia"¹⁶ e il tempo è sembrato volare. Quando meno me l'aspettavo, il mio numero è apparso sullo schermo.

Mi sono seduto sulla sedia, ho preso il curriculum che avevo nella cartellina, l'ho consegnato all'esaminatrice con le mani che mi tremavano un po'. Lei ha guardato la mia data di nascita, ha fatto una faccia strana. Nonostante ciò, ha proseguito. Con un po' di fretta, ha cominciato con le domande. Ha chiesto delle mie esperienze, e io le ho raccontato che avevo già venduto prodotti per le pulizie, lavorato al lavasecco e lavoricchiato vendendo gas. Ne è rimasta impressionata. Mi ha chiesto che cosa mi sarebbe piaciuto fare e dei miei sogni, io le ho risposto che in quel momento un lavoro sarebbe stata la cosa migliore per me, mi avrebbe aiutato con i problemi finanziari a casa e mi avrebbe dato una speranza. Alla fine, mi ha fatto delle domande più personali. È

¹⁶ **Il Mondo di Sofia:** è un romanzo scritto da Jostein Gaarder, pubblicato nel 1991.

stato tutto molto tranquillo. E io mi sono dimostrato saggio durante il colloquio. Alla fine della conversazione, l'esaminatrice mi ha detto:

– **João, volevo farti i complimenti, sai? È stata un'ottima chiacchierata. Sei un ragazzino affascinante. Purtroppo, facciamo contratti solo ai giovani a con almeno 14 anni d'età. Non so come mai ti abbiano lasciato attendere qui così tanto tempo, le ragazze della reception avrebbero dovuto avvisarti subito.**

La malinconia ha ripreso il sopravvento. Ma lei ha proseguito.

– **Ma facciamo così, io mi tengo il tuo curriculum e, se dovessimo avere un posto libero, ti chiamiamo, va bene? Segnati il mio nome, sono Liege.**

Non sono riuscito nemmeno a festeggiare la “vittoria”. Il recente susseguirsi di eventi mi buttava giù. Anche quando la notizia era buona c'era qualcosa che non andava. Il mio cognome era diventato delusione. Sono uscito dal palazzo parecchio triste, ho comprato uno snack *Fofura*¹⁷ e sono tornato a casa assaporando l'impatto tecnico del mio fallimento del giorno.

GARIBALDA

10 LUGLIO 2008. Purtroppo, nella vita non ho più così tante novità. Ho perso le speranze che Bárbara mi risponda tanto tempo fa. Da allora, vado avanti col cuore spezzato. Sono esausto, non voglio andare a scuola e mi sento sempre triste. Mi sono messo in testa una cosa: torno qui a scrivere solo se ne vale la pena, va bene? Scusami se ti ho lasciato senza spiegazioni. Oggi volevo raccontarti la storia di Garibalda.

Una settimana prima di iniziare la seconda media, io e Douglinhas andammo a controllare la lista delle classi a scuola. Arrivati lì c'erano un sacco di nomi nuovi, per la maggior parte nomi di ragazze. Grazie a Dio, non ci conoscevano dagli anni passati. Douglinhas, dongiovanni come sempre, mi disse:

– **Bro, questa è un'opportunità di agire diversamente! È ora che il gioco cambi!**

E con questo entusiasmo abbiamo cambiato le carte in tavola.

Iniziai a comportarmi come il miglior bon vivant¹⁸. Ero un giocatore nato. Solo perché tu lo sappia, perfino il mio modo di scherzare in classe era cambiato. Non davo

¹⁷ *Fofura*: snack brasiliano tipico nelle favelas.

¹⁸ **Bon vivant**: è un'espressione della lingua francese che indica una persona che sa approfittare dei piaceri della vita.

più scappellotti ai ragazzi senza motivo, davo solo scappellotti con una certa eleganza. Non sparavo più palline di carta senza ragione, facevo solo aereoplanini con una certa eleganza. Non andavo più a scuola tutto arruffato, mettevo un po' di gel nei capelli con una certa eleganza. Ma fu lì che la combinai... persi un po' il contatto con la realtà quando le ragazze iniziarono a notarmi e io iniziai a starci¹⁹ con più di una allo stesso tempo. Lì, scoprii quello che loro chiamavano "ineleganza". Iniziai ad avere una brutta reputazione nella favela. Con questo atteggiamento, triplicai la difficoltà di ricevere un qualsiasi bacio.

Alla fine, con un casino dopo l'altro, metà anno scolastico era già passato ed ero ancora a mani vuote. Douglinhas era già stato con due ragazze a scuola. E io? Zero completo. Entrai nella disperazione più totale perché il gioco cambiasse.

In classe mia c'è una ragazza un pelo strana, come me. Il suo soprannome è "Garibalda". Garibalda, in realtà, è il soprannome cattivo che hanno dato a Kelly, della seconda B. È una ragazza alta, molto alta a dire il vero, magra e con i capelli lunghi e lisci. Ha un viso molto carino, affusolato, ma porta degli occhiali con le lenti che sembrano dei fondi di bottiglia in PET. Non le donano per niente. Ciononostante, mi somigliava abbastanza. Le piacciono i libri, i fumetti, i cartoni animati e tutte le nerdate dei nostri tempi.

Succede quanto segue: una volta questa tipa ha detto che le piacevo. Solo che non l'ha detto di persona. Mi ha mandato una dichiarazione su Orkut. Ma, a quel tempo, lei piaceva a Rodrigo (il riccone delle patatine fritte, ricordi?). Lui viveva per abbracciarla in Buddy Poke²⁰. Quindi quando Kelly mi mandò la dichiarazione, io la rifiutai seguendo le leggi della strada. Provarci con la tipa dell'amico è un reato capitale.

Ma la mia situazione aveva iniziato a essere così disperata, ma così disperata, che non avevo più scelta, amico. Pensai tra me e me. "Con Karen? Ci ho già provato. Con Babi? Ci ho già provato. Con Cynthia? Pure". Tutti tentativi infruttuosi di riuscire a dare il primo bacio. Un fallimento dopo l'altro. Se non avessi cambiato la mia strategia, sarei rimasto da solo per un altro anno, senza baciare nessuno. A quel punto, nel mezzo di

¹⁹ **Starci**: flirtare, provarci. Chiacchierare con secondi fini.

²⁰ **Buddy Poke**: sono dei fantocci in 3D di un'applicazione nata in Orkut (social media estinto). In pratica, una versione tenera di "The Sims".

questa confusione sentimentale, mi ricordai della dichiarazione su Orkut di Garibalda. Non fui io a sceglierlo, fu la necessità a tentarmi.

Senza perdere tempo in chiacchiere, escogitai una strategia per arrivare a lei: essere molto sincero dall'inizio e dire a Garibalda che potevamo stare assieme soltanto dopo essere usciti da scuola. Senza passione, senza fidanzarci. Era solo perché dessimo entrambi il primo bacio.

Per due settimane uscii un po' più tardi da scuola e accompagnai Garibalda fino a casa. Inevitabilmente, abbiamo cominciato a entrare in intimità. Iniziai a capire la differenza tra Kelly e Garibalda. Kelly è una tipa alla mano, intelligente e dolce. Garibalda è solo una maschera. Un'idiozia per tentare di sminuire la sua ricchezza. Posso ammetterlo? Forse Kelly un po' aveva iniziato a piacermi. È proprio così, a me nemmeno importava della bellezza, di queste cose degli standard né niente. E fu proprio lì che sbagliai.

Avrei dovuto seguire i comandamenti della strada e continuare come un bon vivant. Non potevo innamorarmi. Quando iniziai a piacermi, iniziai a distrarmi. Adesso lo posso raccontare perché so qual è stata la cavolata... ma il mio errore è stato non pensare a quanto fosse piccolo il mondo. E, ancora peggio, pensavo che la malalingua dei ciarlioni rimanesse inascoltata nella favela. Mi sbagliavo.

Dopo la seconda settimana, mi faceva davvero piacere accompagnarla a casa. Ridevamo, parlavamo di fumetti, giocavamo a fare la lotta e, a volte, compravamo i ghiaccioli²¹ assieme. Ma il problema è questo: Kelly è una ragazzina di 13 anni di 1,90m. Per quanto trovassi grazioso il suo sorriso, dovevo sempre sforzarmi per vederlo. Sono un ragazzino bassino, sai? Da quaggiù sembrava che lei stesse al terzo piano di un palazzo. L'altezza era un problema imminente.

Come avrei fatto a baciarla? Avrei dovuto portarmi a scuola uno sgabello? Dei tacchi alti? Non lo so. Mi scervellai un sacco per trovare una soluzione.

Non ci misi molto a ricordarmi della strada di Morrão. La strada più scoscesa che divideva il quartiere altolocato dalla favela e conosciuta perché alla fine della strada c'era un campo da calcio. Il campo sportivo della favela.

²¹ In portoghese *gelinho*, una specie di ghiacciolo artigianale preparato dentro a piccoli sacchetti di plastica. È anche conosciuto con altri nomi a seconda della regione in cui viene prodotto o commercializzato (N.d.T).

Con questo luogo in mente, il mio piano era più semplice da attuare, pensai tra me e me. Avrei solo dovuto portarci Kelly, io sarei rimasto nella parte più alta della strada, lei un gradino più in basso, quello era il momento giusto. L'ostacolo dell'altezza avrebbe soltanto reso tutto più divertente. Solo che è proprio nella foga del momento che il *vida loka*²² sbaglia. Mi emozionai troppo e feci uno sbaglio. Mi dimenticai del cazzo di campo sportivo. Dei maledetti ciarloni!

I giorni passavano e io riuscii a lavorarmi Kelly e a convincerla a venire nella benedetta strada di Morrão con me. Quando arrivammo, io ero già super in ansia. Le mie gambe tremavano, le mie mani sudavano freddo e il mio cuore mancava poco che mi saltasse fuori dalla bocca. Tuttavia, Kelly è incredibile. Sai cosa fece? Mi ricordò che era la prima volta anche per lei e così mi tranquillizzò. Arrivammo, salimmo la favela fino quasi alla cima e ci fermammo sul marciapiede a cui avevo pensato. Da lontano, sentivamo alcuni rumori di una partita di calcio.

Io salii sul marciapiede e lei rimase più in basso. Quando la guardai, da quell'altezza, trovai la scena pazzamente tenera. Le presi delicatamente la mano, lei mi chiese che chiudessimo gli occhi. In un movimento di attrazione, come l'orbita dei pianeti attorno al sole, i nostri corpi in preda a una spinta si avvicinarono.

Fui il primo a metterle la lingua in bocca e, amico, che cosa schifosa! Prima le nostre labbra si toccarono delicatamente, con rispetto, a quel punto sentii il mio petto fluttuare e non mi controllai. Mi feci trasportare. Tentando di imitare quello che vedevo nei film, la mia lingua prese vita propria. Mi viene voglia di ridere quando ripenso a questa cosa. Sul momento, sembrava che la mia lingua fosse l'elica di un frullatore e i suoi denti fossero un sacco di frutta che schizzava di qua e di là, cercando di non farsi mozzare la testa. Che brutta scena!

Ma la vita è così. Indipendente dall'estetica, nel momento in cui le nostre bocche divennero una sola, fu un momento unico. È stato e sarà indimenticabile. Tornai a casa fluttuando, felice come una Pasqua.

Arrivai a casa e decisi di fare un pisolino. Approfittai del fatto che la mia anima era tanto leggera da fluttuare nell'etereo. Caddi in un sonno profondo e mi svegliai

²² *Vida loka*: termine usato da criminali, delinquenti o simpatizzanti per descrivere la vita che fanno, tentando di conferirle una connotazione positiva; per estensione, chi pratica questo tipo di vita (N.d.T.).

soltanto alle 00.30. Un po' intontito, un po' stranito. Ma, dato l'orario, ne approfittai e mi fiondai al computer.

A casa, non avevamo nemmeno ancora finito con gli intonaci, ma prima di morire mio padre aveva voluto comprare un computer. Mia madre ci aveva messo un po' a convincersi, ma lo aveva comprato. Recentemente mia madre ha messo la connessione analogica²³ in casa. Per questo approfittai dell'orario. Dopo la mezzanotte, accedere a Internet era una meraviglia. Giocai a qualche gioco della Cartoon Network, scaricai degli altri giochi per giocare offline e, infine, controllai il mio Orkut. Era già l'1.30 circa quando la pagina dei miei messaggi si caricò. Trovai strano che quella notte ci fossero più di cinque messaggi, così, dal nulla. Andai a controllare e cinque persone che nemmeno conoscevo mi avevano mandato un link. Considerando che la connessione era analogica, il link ci impiegò cinque minuti ad aprirsi e, quando si aprì, c'era il seguente gruppo di Orkut: "ogni bassino ha bisogno sua spilungona".

Il gruppo aveva già più di 600 membri e la sua foto eternizzò per sempre il nostro primo bacio. Per sempre. La foto del gruppo era Kelly che incrociava le gambe a mo' di freccia verso il basso e io, quasi un metro sopra di lei, tutto storto mentre cerco di baciarla. Amico, che scena umiliante!

I ricconi malelingue che stavano giocando a pallone nel campo sportivo avevano visto la scena, si erano avvicinati di soppiatto e, invece di portare rispetto, avevano deciso di fotografarci e prenderci in giro. Bastardi! Ma è così. Le rogne di chi vive nella favela non hanno mai fine. I ragazzi continuarono a prendermi in giro per mesi e mesi.

Alla fine della fiera rendemmo nota la nostra "relazione". Ci provammo, a dire il vero. Io già non ne potevo più delle prese in giro a scuola e adesso, con lei, eravamo una calamita per le battutine. Non durammo assieme nemmeno un mese.

In fin dei conti, sentii che il nostro amore era eterno. Non solo per la fotografia, non solo per il bacio. Più che altro perché Kelly mi mostrò che possiamo amare a modo nostro. In un modo che ci fa sentire bene e felici. Siamo splendidamente brutti. Lascia pure che i pagliacci ci scherzino su. Dopotutto, loro non sapranno mai com'è bello amare ed essere amati.

²³ **Connessione analogica:** è una forma di accesso a Internet che usa la rete di telefonia per stabilire una connessione. È l'Internet di quando c'era solo la boscaglia.

EDUCAZIONE FISICA

13 FEBBRAIO 2009. Salve quadernino del bandito!

La vita è proprio un casino pazzesco, eh? In questi giorni, ho letto una poesia di un bro della favela, Fábio Boca, in cui dice che “la vita è la breve arte dell’incontro”.²⁴ Riflettendo sulle mie vicissitudini credo che sia proprio così. Quando pensi che la vita stia prendendo una certa piega tac, tutto cambia. Robe da matti.

Quest’anno le cose sono piuttosto cambiate nella mia vita. Ho iniziato la terza media e, a luglio, compio 14 anni. Mi sento più maturo, più vissuto. Tuttavia, non ti mentirò, può passare anche tutto il tempo del mondo ma questa cosa è più forte di me. Dal giorno in cui ho consegnato il biglietto nelle mani di Bárbara, non riesco a smettere di pensare a lei. Sogno sempre di rincontrarla.

Purtroppo, non posso raccontare questa storia a nessun altro. Ho rotto talmente tanto le scatole a Douglinhas che non vuole più starmi a sentire. Per questo, sono venuto a lamentarmi da te, quadernino sacro. Se ti racconto questa, non ci crederai mai.

Adesso che ho iniziato a studiare al mattino, sono arrivato all’ultimo anno della scuola secondaria di primo grado, la terza media. Nelle prime settimane di lezione con il nuovo orario, ho scoperto esserci una certa tensione nell’aria. La mattina, abbiamo un’aula fissa solo la prima settimana. Poi, gli alunni devono cambiare aula. Ideona. Sai che cosa mi lascia un po’ così, adesso? Siccome ora sto studiando al mattino, ho lo stesso orario di Bárbara. Questo significa che tutti i santi giorni posso incrociarla nei corridoi della scuola. Ciò mi sta già mandando fuori di testa.

Nella settimana iniziale, stavamo in aule fisse. Erano i professori a spostarsi da un posto all’altro. Fino ad allora era tutto mega bello. Io mi nascondevo nel mio angolino, non uscivo nemmeno per andare al bagno. Ognuno ha il proprio ruolo, il crimine è crimine e io sono io²⁵. Ma è chiaro che non sarebbe stato così easy per me. Un giorno hanno annunciato la distribuzione delle aule e sono andato a vedere gli orari delle lezioni.

Lunedì: mega noioso. Martedì: noia al quadrato. Mercoledì: il giorno si salvava grazie a storia e arte. Giovedì: il ritorno della noia. Ma amico, quando ho visto il venerdì sono rimasto troppo contento. Davvero troppo. Ho esultato come un pazzo in corridoio.

²⁴ Questo verso, a dire il vero, è di Vinicius de Moraes, ma l’ho sentito pronunciare da Fábio nel mixtape “Antes, Depois” di Amiri. Ne farò credito a chi me l’ha fatto credere, no? Scherzo, Vinicius, grazie dell’ispirazione!

²⁵ *O crime é crime, eu sou eu* è una canzone di Blenzer Lowrider (N.d.T.).

– **Che???**

Era inspiegabile. Due ore di educazione fisica di seguito e, per di più, nelle ultime due ore del venerdì? Era troppo bello per essere vero. Robe da matti. Ho deciso di togliermi la curiosità e ho chiesto conferma in segreteria.

– **Signora! L’orario è proprio questo?**

Quando i raga mi hanno visto uscire sorridente dalla segreteria, tutti insieme abbiamo ringraziato per il miracolo.

– **Evvaiiiii! – il grido è riecheggiato per i corridoi di tutta la scuola.**

Abbiamo pensato che dopotutto la scuola ne aveva fatta una giusta, alla fin fine. Io ho addirittura scordato tutti i mali della vita. Dopo la pubblicazione del nuovo orario abbiamo aspettato solo due settimane e siamo arrivati a oggi, 13 febbraio 2009. Venerdì 13.

Proprio oggi, camminando verso il campo sportivo, ho notato una cosa strana. Mentre ci avvicinavamo al portone c’era un’altra classe che veniva con noi. E loro non stavano soltanto venendo lì, a dire il vero ci sono restati. Io, con tutta l’ansia che avevo di giocare a calcio, sono rimasto davanti al portone ad aspettare. Da lontano, ho notato la nostra classe, solamente piccoli e sorridenti diavoletti di terza media. L’altra, una marea di tipe più grandi e ragazzoni quasi adulti della terza superiore. Quanto più le classi si avvicinavano, tanto più iniziava a tirare un’aria strana. E amico... è stato quando tutti finalmente sono arrivati che mi ha preso un colpo. Ho visto una cosa **mezza-bianca-mezza-nera** in fondo al corridoio. Ho pensato tra me e me “se è come penso sono fregato”.

– **Priiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiiii – il fischietto della professoressa ha messo a tacere tutte le voci che disturbavano il silenzio e mi è stato d’aiuto con la paura. Ha continuato.**

– **Alunni della terza media sezione B e della terza superiore sezione A, fate attenzione! Io sono Silvina, la vostra supplente. La professoressa Helena, quella di ruolo, è in malattia. Siccome non ci sono più supplenti, la direzione ha deciso di unire più classi nel campo sportivo, così nessuno perde la lezione.**

Non appena la professoressa ha finito di spiegarcelo, un pazzo arrogante di terza superiore ha preso a gridare.

– **Ah, lo sapevo che era troppo bello per essere vero! Dobbiamo condividere il campo con questi mocciosi qui?**

La professoressa, alterata, ha ripreso a parlare:

– **Lasciami finire di parlare, peste! Chi sei? Se devi cominciare a far confusione ti mando dal preside prima di subito.**

– **Sono Pixote, professoressa. Chiedo scusa.**

– **Va bene, Pixote. Stai tranquillo, questo sarà solo per il primo bimestre. Quindi non farne un dramma.**

Dopo la sgradevole conversazione, la professoressa ha aperto il portone siamo entrati nel campo sportivo. Ha cominciato con l'appello.

– **Terza media sezione B, attenzione. Adilson, Allan, Ana... – fino ad arrivare al mio nome – João Victor.**

Quando è arrivato il mio turno, ho risposto cercando quasi di nascondermi.

– **Presente...**

La professoressa ha terminato il nostro appello ed è passata a quello della terza superiore. Quando ha iniziato, Douglinhas ha notato che ero un po' nervoso, che mi stavo quasi nascondendo dietro allo zaino. Così mi ha domandato.

– **Che c'è, João? Hai visto un fantasma?**

– **Non c'è niente, bro. Niente! Lasciami tranquillo che sto ascoltando.**

La professoressa ha iniziato l'appello della terza superiore e io mi sono concentrato sui nomi. Volevo la conferma che il volto che avevo visto in fondo al corridoio fosse davvero il suo o se avessi avuto un'allucinazione.

– **Alexandre, Aline...**

– **... Bárbara!**

Udito il nome, il cuore mi è scalpitato nel petto. Porca puttana! La voce che ha risposto "presente" era la stessa, la pelle era la stessa, il nome era lo stesso. Non posso essere impazzito. È lei!

Mio Dio, quadernino. Solo al ricordo mi si accelera il battito. Sarà stato Dio a farmela trovare lì? O sono stato proprio io a meritarmi tutto questo? Bro, è lei, amico! Bárbara! La mia insegnante di recupero, la mia passione. E condivide il campo sportivo con me, bro! La tipa dei miei sogni. La tipa del bigliettino, cazzo!

Senza risposte, il massimo che ho potuto fare oggi è stato nascondermi durante tutta la lezione e tornarmene di corsa a casa. Ho addirittura lasciato Douglinhas da solo.

Sono tornato qui di corsa per condividere il mio dubbio con te, quadernino. Che ne faccio della mia vita ora?

CAPITOLO 5

UN PIANO PERFETTO

16 FEBBRAIO 2009. Tempo fa sono stato a casa di Douglinhas. Là, c'era suo cugino con un libro di Malcom X e ce ne ha letto un passaggio. “Non condannare se vedi una persona che beve un bicchiere di acqua sporca, mostragli soltanto l'acqua che hai tu. Quando la controllerà, non servirà dire che la tua è migliore.”

Oggi, qua a scuola, ho avuto questo flash. Forse, la mia disperazione è tanta che non ho nemmeno un bicchiere d'acqua. Credo di star proprio bevendo merda. Cerca di metterti nei miei panni.

Dal giorno del biglietto, sono passati due anni. Ma appena ho incrociato Bárbara nel campo da calcio, mi sono ricordato della mia figuraccia. Il mio cuore aperto, le mie tasche vuote e le mie sneakers strappate. Nel momento in cui i miei occhi hanno visto di nuovo la sua bellezza, ho visto una Bárbara più matura, più donna. Ma quando guardo me stesso, non vedo differenze. Da un lato, una regina. Dall'altro, un ragazzetto brutto, senza padre e senza soldi. Mi vergogno di aver mantenuto viva questa passione. Perché sono ancora convinto di avere una qualsiasi chance con lei? La risposta si trova nella pazzia che ha finito col prendermi.

Di tutti i mali, io sono il minore. Almeno, in terza media, sono iniziate le lezioni di filosofia che, assieme al professore barbuto, mi hanno aiutato a capire meglio chi sono. La settimana scorsa, abbiamo iniziato a studiare un tale “Nice”²⁶. Questo tipo qui non crede a molte cose fighe della vita. Adora complicare tutto con dei discorsi difficili ecc. Dopo aver scambiato opinioni super con il professore, mi sono fermato in classe per scrivere.

– **Professore, se la vita non ha alcun senso, allora perché vivere?**

– **Abbiamo due opzioni, João. O la vita non ha alcun senso o puoi darle tu il senso che vuoi. Sei tu che decidi! Il bello di vivere è scegliere come riempire i vuoti.**

Cazzo... solo al ricordo, ancora mi emoziono. Quest'idea si è insediata nel mio essere e mi ha fatto comprendere perché ho concordato con la pazzia di Douglinhas. Possediamo solo il presente, soltanto i piccoli momenti. La mia vita ha senso solo se ho coraggio e lo sfrutto. Oggi, alla prima ora, Douglinhas mi ha detto:

²⁶ **Nice:** a dire il vero, è il filosofo Nietzsche, ma nella grafia speciale di João.

- João, lo so perché eri strano e sei sparito venerdì, bro. Stai tranquillo!
- Cos'è che sai, bro? Non è successo niente. Avevo mal di pancia.
- Lo so che è stato per via di Bárbara, bro. Credimi. Ma, ehi, è così: mentre ti nascondevi dietro allo zaino eri distratto e non l'hai nemmeno capito.
- Non ho capito cosa, bro?
- La professoressa ha spiegato precisamente come verrà diviso il campo sportivo. Ha spiegato che lo divideremo con la terza superiore solo nel primo bimestre.
- Ok, bro, e questo che c'entra?
- Fammi finire di parlare, sfigato! Siccome tre professoresse sono in congedo all'inizio di quest'anno, non ci sarà la prova intermedia questo bimestre. Quella prova che ti dà un voto per ogni materia, hai presente?
- Ho presente, ma e quindi?
- È proprio questo il momento di agire, João. Loro ci daranno un compito da fare in coppia a tema libero.
- Va bene, va bene, Douglinhas. Perché tanto entusiasmo, bro? Lo sai che li facciamo sempre assieme i compiti.
- No, João. Ascoltami bene! Mia sorella ha già avuto le lezioni con Silvina in passato, ti ricordi? E mi ha detto che alla professoressa importa poco degli alunni, vuole solo avere meno lavoro. Ai tempi di mia sorella, ha unito i due gruppi e gli ha fatto fare un compito unico.
- Davvero, bro? Ma come?
- Davvero, João! Ho passato il fine settimana a parlarne con mia sorella e siamo giunti a una teoria. Credo che lo farà di nuovo. E se lo farà, troveremo un modo di metterti in gruppo con la tua adorata, puoi scommetterci!
- Ah, non dire idiozie, Douglinhas! Com'è che facciamo?
- Calmati, amico. Ti sei alzato col piede sinistro? Fidati di me. Mia sorella mi ha spiegato tutto per filo e per segno. La professoressa Silvina fa sempre così: organizza i gruppi in file di quattro alunni, apre il portone del campo e chiede a tutti di sedersi sugli spalti. Quando sono tutti seduti, consegna un foglio a ciascun gruppo e chiede di scriverci i nomi e il tema del compito. È così che separa i gruppi.

– Che occasione, bro! Quindi significa che tutto quello che dobbiamo fare è semplicemente stare vicini a Bárbara?

– Esatto, bro!

– E basta, bro?

– “E basta?” Mi prendi per i fondelli, João? Non sei arrivato nemmeno a Garibalda per quanto ne so! Come pensi di fare?

– Mamma mia, non serve che me lo ricordi, sai? Ma ci sta, amico. Facciamolo.

Scrivo queste righe per essere onesto con me stesso. Ad ora, non ho la più pallida idea di come faremo ad avvicinarci a lei. Solo al pensiero me la sto quasi facendo nei pantaloni. Ma non mi tirerò indietro. Quello che la vita vuole da noi è il coraggio.

STREGONE

18 FEBBRAIO 2009. Come due soldati mimetizzati nel bosco, abbiamo cominciato a tastare il terreno durante tutto l’intervallo del mercoledì. La nostra era una tattica bellica. Ognuno rimaneva fermo in un punto e comunicavamo con i nostri walkie-talkie²⁷ immaginari. Da lontano, Douglinhas mi ha fatto segno indicando l’orecchio. Erano le cuffiette. Per precisamente l’80% del tempo in cui abbiamo osservato Bárbara e la sua amica, loro intercalavano morsi ai toast ascoltando qualcosa. Ci siamo riuniti in un angolo e la nostra strategia ora era scoprire che cosa ascoltassero tanto.

– Bro, io credo che stiano ascoltando funk, è l’unica. Ti ricordi che abbiamo beccato Bárbara alla festa?

– João, sei impazzito, bro? Chi ascolta funk mentre fa merenda alle nove del mattino? Dev’essere qualcos’altro.

– Ah, bro... non lo so... che ne dici se domandiamo a qualcuno della loro classe cosa gli piace? Potrebbe essere un buon metodo per arrivare alle tipe?

– Forse anche sì, bro. Ma a chi lo domandiamo?

– Bro, l’unica persona che conosco di quella classe è il ragazzo matto da legare della favela, hai presente?

– Chi, bro?

²⁷ **Walkie-talkie:** piccolo apparecchio radiofonico che una persona può usare per comunicare a una distanza relativamente breve.

– **Quello strano forte, bro. Quello che ci assomiglia eccetera. Quello che si veste con robe dei manga, dei fumetti.**

– **Ahhhh, bro, ho capito! Lo Stregone, giusto?**

– **Proprio, bro, proprio quel matto da legare lì!**

– **Potrebbe essere una buona idea, bro. Ma dici che lui lo sa?**

– **Bro, lui è uno stregone. Sicuramente sa molto più di quel che immaginiamo.**

Dopo lo stereotipo affibbiato al miglior giocatore di RGP²⁸ della scuola, ci siamo imbarcati nell'impresa di parlare con lo "Stregone". Avevamo poco tempo quindi abbiamo dovuto correre.

Proprio come in una prigione, gli spazi durante l'intervallo sono divisi per gruppi, molto simili alle gang. L'architettura della scuola è a base quadrata, il che fa sì che i nerd rimangano sempre nell'angolo più distante possibile. Siamo andati di corsa a setacciare per di là.

Il nostro pregiudizio era corretto. Lo Stregone si trovava nell'angolo più propizio per ciò che lui più desiderava: l'invisibilità. Nascosto sulla soglia del portone che dava sull'orto della scuola, siamo giunti nel suo habitat. Senza sforzi abbiamo visto il corpo mongolo gigante che era steso e da solo.

C'era un cazzo di caldo e lui aveva abbinato dei bermuda e una felpa. Che tipo. Con un cappellino che gli copriva la faccia e le gambe bianche e pelose in bella vista. Io e Douglinhas ci siamo guardati e lui ha detto:

– **Io con quel tipo non ci parlo ma neanche se vuoi, João! Guarda la faccia di 'sto pazzo.**

– **E io, bro? Sei matto? Guardalo. Ha la faccia da matto del cazzo. Fa perfino paura!**

Per intensificare la nostra paura e disperazione, è suonata la campanella.

Lo Stregone si è alzato per tornare in aula tutto sgangherato. Tutto storto, quel che mi sono trovato davanti era lo stomaco di Etevaldo. A pezzi dalla paura, ho detto senza pensare:

– **Ehi, tu... Sei lo Stregone? Quello che vive nei palazzi della favela?**

²⁸ **RPG:** è la sigla inglese per role-playing game, un tipo di gioco nel quale i giocatori assumono il ruolo di personaggi immaginari, in un mondo fittizio. La cosa più nerd e più figa del mondo.

– **Stregone? Sei matto? Chi è che te l’ha detto, nanetto? Sparisci, vattene, lasciami in pace!**

Ho capito di aver fatto una cazzata e l’ho rincorso.

– **No, no, no... non me l’ha detto nessuno. È come ho sentito che ti chiamano i ragazzi, aspetta, io sono João, condivido il campo sportivo con la tua classe, volevo solo chiederti una cosa.**

– **Sparisci, moccioso!**

– **Solo una domanda! Ti do tutte le mie carte di Yu-Gi-Oh!²⁹ se vuoi!**

Essere nerd è figo. Sappiamo destreggiarci nel campo della negoziazione. Ha ascoltato la mia proposta e si è voltato verso di me.

– **Aspetta, hai il Drago Bianco Occhi Blu?**

– **Non ce l’ho! Ho solo le 4 parti di Exodia, mi manca solo la testa.**

– **Ah, e perché dovrei volere un altro Exodia? Non mi serve a nulla.**

– **Se mi rispondi ti do la mia versione di GameShark³⁰ per la PS1.**

Quando ho proferito questa frase, amico mio... in quel momento ho capito cos’è davvero la passione. Quando me ne sono reso conto, aveva già vuotato il sacco.

– **Hai il GameShark per la Play 1? Dove l’hai trovato?**

– **Non è importante, bro. Ho i miei mezzi. Ma allora, lo vuoi? Se lo vuoi rispondi in fretta che devo tornare in classe.**

– **Cos’è che vuoi sapere? Sputa il rospo, ragazzino.**

– **Qual è il genere musicale preferito di Bárbara?**

– **Tutto qui? Non te ne sei reso conto? Sei scemo?**

Douglinhas, sul piede di guerra come sempre, si stava già facendo violento.

– **Scemo a chi, bro? Sei fuori, eh?**

– **Calma, calma! Sono per l’Hip Hop. A loro piace il rap. Non ti sei accorto che nessuno si intriga con loro? Che sono delle super dure? E, soprattutto, che ogni giorno indossano qualcosa con su scritto a lettere cubitali “hip hop”?**

Douglinhas ha dovuto ammettere la nostra stupidità e ci siamo guardati.

– **È vero... ma allora, cos’è l’Hip Hop, Stregone?**

²⁹ **Yu-Gi-Oh!:** è una serie anime di alcuni maghi matti scritta e illustrata da Kazuki Takahashi.

³⁰ **GameShark:** è il marchio registrato di un CD di trucchi per i videogames come PlayStation e Nintendo 64, che servono a sbloccare i codici dei giochi.

– **Stregone un paio di palle, ragazzino! Se vuoi saperlo, fatti una ricerca. Io devo andare. Ma domani voglio il mio GameShark, chiaro? Verrò a cercarti.**

Tornando in classe ho guardato Douglinhas e ho detto confuso:

– **Hip Hop? Non è quella roba che piace a tuo cugino, Douglinhas?**

– **E io che ne so, João. Io sono per il funk. Scherzi?**

– **Anch'io, Douglinhas, noi siamo della favela. Ma questa volta dobbiamo studiare. Se vogliamo raccontarla³¹ alle tipe, dobbiamo essere preparati. Tutto chiaro?**

DOUGLINHAS, IL PRIMO VIDA LOKA DELLA STORIA

19 FEBBRAIO 2009. Da ieri, stiamo facendo delle ricerche sull'Hip Hop. Abbiamo cominciato chiacchierando con la mia vecchia perché ho pensato che ci potesse aiutare. Ma, purtroppo, ci ha detto che questa cosa non sarebbe stata utile a nessuno. Che era meglio lasciar perdere e concentrarsi su altro. Che smacco... sul momento ci ha preso una tristezza, ma allo stesso tempo non potevamo scoraggiarci. Abbiamo aspettato che uscisse per lavorare, e dai cassette di mio padre ho preso il CD "*Espaço Rap Vol. VP*"³². Siccome non ho lo stereo a casa, siamo corsi a casa di Douglinhas.

Non appena siamo arrivati là, ci siamo fatti silenziosi perché nessuno ci vedesse e abbiamo messo su il CD. Abbiamo ascoltato due canzoni, mosso la testa a tempo e assimilato le idee. Era proprio il top. E, all'improvviso, siamo stati sorpresi dal cugino di Douglinhas che entrava nella stanza.

– **Ciao, raga! Permesso. Che state ascoltando qui?**

Unendo l'utile al dilettevole, ha ascoltato una canzone che già gli piaceva e ha deciso di unirsi a noi per fare due parole. Il cugino di Douglinhas si chiama Amarildo ed è un tipo **nero-nemmeno-così-nero** tipo noi. È per l'Hip Hop e va sempre in giro con addosso roba larga e catene d'argento. È un sacco alto e ha la stazza di un giocatore di basket. A primo impatto mi era già capitato di identificarmi con lui perché era sempre armato di un libro. Ho risposto:

– ***Espaço Rap* volume sei.**

³¹ **Raccontarla:** dire una cosa che non è vera solo per ottenere una risposta a proprio favore.

³² **Espaço Rap:** è una raccolta di canzoni rap brasiliane lanciate tra il 1999 e il 2006.

– Caaaaacchio... davvero? Questo CD è una bomba! Per favore, posso mettere la traccia sei?

– Certo, bro. Mettila pure.

Ha preso il controllo della radiolina e ha iniziato a risuonare la canzone “Um Bom Lugar” di Sabotage. Un pezzo davvero super. Senza esitare ha preso a raccontarci un sacco di storie sulla vita di Sabotage, sulla favela in cui viveva e sui pezzi rap che aveva scritto. Quando Amarildo ha pensato che ci stesse annoiando e se ne stava per andare, Douglinhas mi ha battuto sulla spalla. Ho capito il segnale e abbiamo iniziato dunque il nostro attacco.

– Amarildo, aspetta, bro. Abbiamo un sacco bisogno del tuo aiuto per una cosa.

– Puoi contarci. Di che si tratta? Non vado a reffare erba per nessuno, intesi?

– No, bro. A noi nemmeno piace quella roba. Abbiamo bisogno del tuo aiuto per impressionare delle tipe.

– Dio mio... è per amore, quindi? Questa droga è anche peggio.

– È vero, bro. Stiamo studiando dei pezzi rap per fare due parole con delle tipe a scuola. Abbiamo poco tempo per impressionarle. Puoi aiutarci? Le incontriamo domani.

– Raga, io vi posso anche aiutare, ma eh, non vi mentirò. Se volete capire che cos'è questa cultura dovrete avere pazienza. La storia è complessa, ricca di dettagli e molto bella. Dovete andarci cauti e portare rispetto. Tutto chiaro?

Già agitato, Douglinhas lo ha interrotto:

– E cosa riusciamo a imparare in un giorno per impressionare le tipe, Amarildo?

– In un giorno, bro? Madonna... è un problema. Quello che posso consigliarvi è di ascoltare una decina di volte questo CD, *Espaço Rap*, e impararlo a memoria. In un giorno è il massimo che riuscirete a fare, ragazzi miei.

La voce dell'esperienza ha parlato e noi ne abbiamo seguito gli insegnamenti. Da quanto eravamo ansiosi, nell'ultima sera abbiamo ascoltato il CD perlomeno una ventina di volte e ne abbiamo imparato a memoria l'intera scheda tecnica.

19 FEBBRAIO 2009. Tic, tac, sono solo le otto e quaranta, il tempo in prigione scorre lentamente. Sul punto di avere una crisi di nervi abbiamo ripassato per l'ultima volta il nostro piano.

– Appena suona la campanella, corriamo verso i corridoi dell’altro palazzo. Da là, avremo una visione generale della fila alla mensa. Occhi di falco sulla fila, capito? Appena arrivano corriamo e inizia la parte due, tutto chiaro?

– Tutto chiaro.

– Nella parte due ci avviciniamo all’angolino dove si trovano loro e iniziamo a parlare dei nostri gruppi preferiti a voce alta. Non dimenticarti di intercalare! Io ne dico uno e tu ne dici un altro. 509-E, SNJ, Ndee Naldinho, Detentos do Rap, Expressão Ativa, Sabotage, Faccção Central, Império Z/O, Rappin’ Hood, DMN. Alla fine, presentiamo la nostra proposta.

Abbiamo seguito con freddezza il nostro piano e siamo rimasti invisibili dietro di loro fino all’inizio della parte due. Io, del tutto goffo, reggendo in mano il mio Dollyino³³, ho iniziato:

– Allora, bro... e quella canzone “*Oitavo Anjo*” di 509-E? Super top, no?

Le tipe mi hanno guardato con la coda dell’occhio e ho sentito che poteva succedere qualcosa di buono. Douglinhas ha continuato:

– Proprio super top, no, bro? E quella di Ndee Naldinho “*Aquela mina é firmeza*”? Fa battere il cuore del *vida loka*...

Douglinhas, da bravo ruffiano quale è sempre stato, quando ha finito di parlare, stava già guardando verso l’amica di Bárbara. Ma, per nostra sorpresa, lei ha semplicemente ignorato ciò che lui aveva detto e si è tolta le cuffiette. Ho guardato in faccia Douglinhas in preda alla più totale disperazione e ho detto, tra un gridolino e un sussurro:

– Che cosa facciamo adesso?

Il mio compagno è matto da legare, davvero. Senza alcun pudore. Ha capito che non avevamo tempo da perdere e che le tipe non sarebbero cascate in quella trappola per scemi che mi ero inventato. Ha girato la testa verso le ragazze e ha detto:

– Forza.

Sul momento mi sono bloccato. Ero sotto shock dalla paura, per il nostro piano che era andato a rotoli. Ho visto tutti i miei sogni andare in fumo. Nonostante ciò, ho seguito l’insegnamento delle favelas: non abbandonare mai un fratello. L’ho seguito con le gambe tremolanti e che quasi me la facevo addosso. Douglinhas ha fatto una pazzia e si è seduto

³³ **Dollyino**: diminutivo di *Dolly*, bibita gassata molto conosciuta e consumata in Brasile.

di fianco all'amica di Bárbara. Io mi sono seduto di fianco a Bárbara. Lui ha attaccato bottone:

– **Allora, ragazze, per noi è un un'ottima giornata. Voi come state?**

L'espressione che ha fatto Bárbara squadrando Douglinhas da testa a piedi è stata difficile da reggere. Tipo "chi ti credi di essere?"

– **Va bene, va bene. Tu sei Bárbara, e tu? Come ti chiami?**

La tipa non è riuscita a trattenersi davanti alla faccia tosta di Douglinhas e ha rotto il clima di tensione con una risata.

– **Chi sono io? Perché ti interessa?**

– **Perché so che adorerai conoscermi. Molto piacere, sono Douglinhas – le ha dato un bacio sulla guancia e ha terminato la frase – sono venuto qui per farti una proposta...**

– **Una proposta? Mah... piacere, Douglinhas. Io sono Luana.**

Io dovevo avere proprio una faccia da culo mentre apprezzavo la ruffianeria del mio compagno. Lui ha continuato:

– **Ti posso chiamare Lu?**

– **Mi hai appena conosciuta e già mi vuoi dare un soprannome? Presuntuoso, no?**

– **Presuntuoso per niente, sono intelligente.**

– **Intelligente? Con questa lingua lunga ne dubito fortemente, amico mio.**

– **Ne dubiti, eh? E tu credi che non abbia imparato nulla col rap? Noi l'Hip Hop lo ascoltiamo un casino.**

Il ragazzo è davvero un ruffiano. È stato sufficiente menzionare l'Hip Hop che è sembrata aprirsi una porta. I due si sono addentrati nel discorso e Douglinhas è tornato a seguire il nostro copione. Ha parlato di 509-E, SNJ, Ndee Naldinho... alla fine della conversazione, Luana ha ripreso:

– **Ma quindi, ragazzino, qual è la proposta di cui parlavi? Sono curiosa.**

Porca puttana, solo al pensiero, mi viene la dissenteria. Il mio cuore va su e giù come una montagna russa e io ringrazio Dio per avere un amico così *vida loka*.

– **Lo sai che condivido il campo sportivo con te, no?**

– **Lo so.**

– Ricordi quello che la professoressa ha detto lo scorso venerdì, sui compiti? È per questo che siamo qui. Vorremmo fare il nostro compito con voi, dico bene, João?

Douglinhas mi ha passato la patata bollente e io ero più impanicato di Cecco della Botte³⁴ durante un mancamento. Ho farfugliato soltanto:

– S, s... sì!

A rispondere al mio sì è stata Bárbara, bella arrabbiata:

– Siete matti, eh? Come facciamo a fare un compito con voi? Non siamo nemmeno dello stesso anno.

– Matti è dire poco. Se sono qui è perché ho un'informazione preziosa. Glielo dico o non glielo dico, João?

Timidamente, ho fatto solo un cenno di approvazione con la testa. Douglinhas ha continuato:

– Mia sorella è stata un'alunna della professoressa Silvina e, in quel periodo, era successa esattamente la stessa cosa. Avevano dovuto unire due classi per la lezione di educazione fisica.

– Ok, ma e quindi?

– E, quindi, questa professoressa non vuole avere il doppio del lavoro, invece che assegnare un lavoro a ogni classe, ci separerà in vari gruppi venerdì prossimo e ce lo farà fare assieme. E con tema a scelta.

– AHAHAHAHAH. Credici! La professoressa non lo farà mai.

– Te la ridi, sì? Ridi pure. Ridi ma non screditarmi. Non vi ricordate che è successa la stessa cosa l'anno scorso? Se volete avere un buon gruppo dovete prendere o lasciare.

Siccome Douglinhas aveva già conquistato la mente di Luana, lei si è schierata dalla nostra parte.

– È vero, Babi. L'anno scorso è andata proprio così. Non ti ricordi?

Dopo che Douglinhas aveva lanciato la proposta criminale, ho nascosto la mano dietro alla coscia e al polpaccio e ho incrociato le dita. Nel frattempo, le tipe stavano bisbigliando qualcosa una nell'orecchio dell'altra. Sono tornate a guardarci e hanno concluso:

³⁴ **Cecco della Botte:** (*Chaves*, in Brasile) è una serie tv messicana ideata da Roberto Gómez Bolaños (in lingua originale, *El Chavo*).

– Va bene, ok. Lo facciamo, sì.

– Ma a questa condizione: lo facciamo con voi solo se il tema è l’Hip Hop, chiaro?

Io e Douglinhas abbiamo risposto tipo i Racionais nelle loro canzoni:

– Ohhhhh ma è *craro*!³⁵

I sorrisi di tutto il gruppo sono durati pochi secondi ed è suonata la campanella. Abbiamo salutato le tipe e siamo tornati nella nostra classe. Quando ci eravamo ormai vicini, ho dato un abbraccio forte al mio bro e l’ho ringraziato per aver preso in mano la situazione e aver realizzato il mio sogno. Abbiamo saltato di gioia. Siccome la tematica era il rap, ho parafasato Mano Brown e ho detto orgoglioso a voce alta:

“È un casino da pazzi. Subito ti spaventa. Oh, Douglinhas, il primo vida loka della storia.”

³⁵ **Craro:** i Racionais MC’s sono un gruppo Hip Hop brasiliano, originario di San Paolo. È comune, nel portoghese regionale di questo Stato, la sostituzione della lettera *l* con la lettera *r* in contesti che non richiedono formalità: *craro* è, di fatto, come la parola *claro* potrebbe venire pronunciata in questa determinata zona del Paese (N.d.T.).

CAPÍTULO III

TRADUZIR PARA O ITALIANO A LITERATURA MARGINAL BRASILEIRA

III.1 Características estruturais do texto original

De um ponto de vista paratextual (GENETTE, 1989, pp. 5-6), começando pela encadernação, podemos observar que o romance em apreço apresenta uma capa flexível.

O título, *Reservado*, se encontra bem acima e em letras maiúsculas, enquanto o nome do autor aparece na parte inferior esquerda, em minúsculas.



Visualmente, a primeira coisa que sobressai é que as cores utilizadas para a realização da capa são somente três. O branco foi usado para o título, a sinopse na contracapa e alguns detalhes na ilustração. A cor salmão serviu para o fundo e o azul-escuro foi empregado para o nome do autor, para dar profundidade ao desenho e para o fundo na contracapa

O desenho retrata João Victor, a personagem principal do romance, no ato de pegar o tão desejado “Ônibus Reservado” que, na imagem, parece ter como destino final algum planeta no universo; essa ilustração faz referência a uma conversa que João teve com o pai.

Fantasiando sobre o destino de todos os ônibus com a placa “Reservado” que eles viam passar, brincadeira que os dois costumavam fazer, o protagonista lembra-se de quando o pai lhe disse:

A gente pode imaginar vários caminhos para ele, filho. Até universos, quem sabe? E se ele fosse até Magrathea¹³? Que tal?

¹³ **Magrathea:** o planeta favorito do livro favorito de Angenor e João Victor. Douglas Adams, autor do livro “O Guia do Mochileiro das Galáxias” definiu Magrathea como “O solo era às vezes de um cinza chato, às vezes de marrom chato, e o resto era menos interessante ainda”. Um lugar incrível para se visitar, ao menos eles achavam. (RIBEIRO, 2019a, p. 26)

João Victor conta que o ônibus lhe parece ser um “museu em movimento”, que lhe dá a chance de apreciar a vista da cidade e dos seus passantes sentado numa cadeira. Quando ele pega um, a sensação é de liberdade e a mente começa sua viagem, imaginando histórias e descobrindo lugares. O rapaz explica que adora andar de ônibus porque é a única coisa “de adulto” que ele, menino pobre, pode fazer para enxergar um pouco mais o tamanho do mundo e, além disso, é claro que gosta de lembrar com carinho da brincadeira com o pai. Podemos, portanto, afirmar que foram estas as motivações que influenciaram na escolha do título: a amável memória do “coroa” de João e a certeza de que há um futuro desconhecido, ainda por descobrir, mas todo para ser vivido.

O texto do romance, composto por oito capítulos, é precedido pelos agradecimentos, que se destacam por serem escritos em branco sobre fundo azul, fato que antecipa a utilização das mesmas cores da capa dentro do romance.

Há ainda duas seções paratextuais chamadas *Histórias mudam histórias* (pp. 6-7; pp. 204-207); a primeira é posicionada após os agradecimentos, sobre fundo azul, e a segunda é colocada no fim da obra, sobre fundo cor de salmão.

Logo a primeira seção de *Histórias mudam histórias* temos o sumário, sempre sobre fundo azul e, por último, imediatamente antes do início da obra, há duas páginas, igualmente sobre fundo azul, intituladas *Táticas de amor para vencer a guerra* (pp. 12-13). Nelas, o jovem autor encoraja, e ao mesmo tempo desafia, o leitor a ler pelos menos dez páginas todos os dias afirmando que a leitura é uma estratégia para vencer os conflitos.

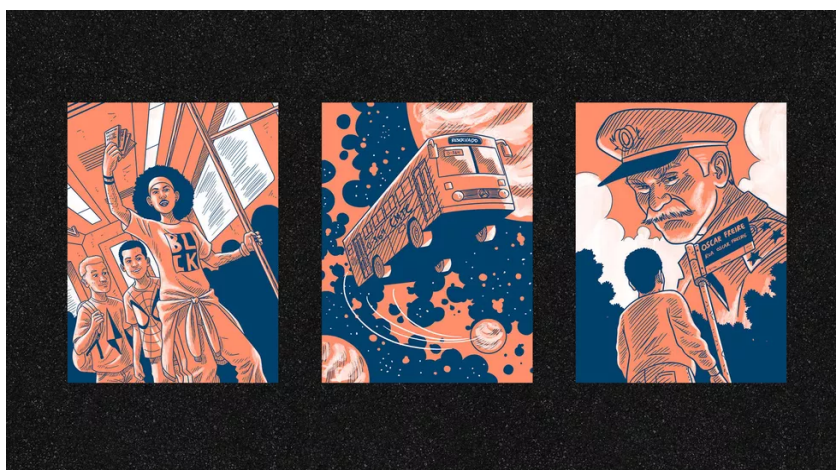
Por fim, temos que mencionar uma última seção, *Trabalhadores de palavra* (pp. 202-203), que se encontra antes do último *Histórias mudam histórias*. Esta é composta

por duas páginas nas quais Alexandre Ribeiro agradece a todos os que o ajudaram na realização do seu sonho, ou seja, a publicação deste romance, nomeando-os um por um.

Ao longo da obra, encontram-se copiosas ilustrações, realizadas com as cores que caracterizam todo o livro, que são significativas porque, ao impacto emocional suscitado no leitor pela leitura, acrescentam o impacto visual.

Nos capítulos de III a V, de que se apresentou a tradução no capítulo anterior deste trabalho, sucedem-se as seguintes imagens: João em lágrimas à vista do ônibus reservado com destino o Cemitério Vale da Paz, o protagonista improvisando o “ataque do p.c.c.”, Bárbara com sua pele “meio-preta-meio-branca” e a fuga do baile, a alegria do lanche com Rodrigo, o primeiro beijo com Garibalda e o Feiticeiro.

Em seguida apresentam-se alguns exemplos de ilustrações que se encontram ao longo do romance:



As imagens sugerem que a obra, além de ser um texto da literatura marginal, tem como público-alvo principal adolescentes e jovens adultos.

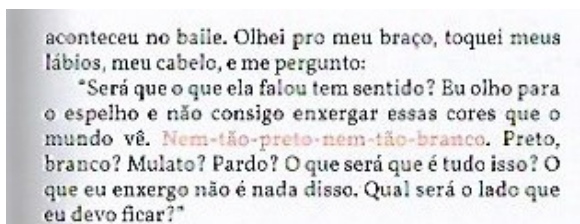
Por razões práticas, estes aspectos gráficos não puderam comparecer na proposta de tradução, mas, na medida do possível, há algumas singularidades que foram respeitadas também na transposição do texto: foi mantido o uso de duas diferentes fontes para os subtítulos e o corpo do texto; tudo o que aparece em itálico no texto de partida permaneceu em itálico na versão de chegada.

Em particular, o itálico foi utilizado pelo autor nas seguintes situações: nas duas linhas de abertura no começo do capítulo III, em frases curtas mas de impacto como, por exemplo, “*Ele não vai voltar*” (p. 45), referido a Angenor, nos pequenos poemas escritos

pelo protagonista no seu sagrado caderninho, na carta que ele escreveu para a querida Bárbara e para a paráfrase que João fez da música do Racionais MC's no final do capítulo V.

Na proposta de tradução adicionalmente encontram-se também as palavras culturalmente específicas que se decidiu não traduzir como, por exemplo, *Dolly* (p. 83), marca de um popular refrigerante brasileiro, e *Fofura* (p. 86), salgadinho brasileiro típico.

Os numerosos diálogos, assim como no texto original, são apresentados em negrito para fazer com que ressaltem na narração. Há um outro grupo de palavras evidenciadas simultaneamente em negrito e cor de salmão, todas relacionadas à cor da pele: preto-nem-tão-preto, “nem-tão-preto-nem-tão-branco” e “meio-preta-meio-branca”; estas encontram-se destacadas do mesmo jeito na proposta de tradução.



aconteceu no baile. Olhei pro meu braço, toquei meus lábios, meu cabelo, e me pergunto:
“Será que o que ela falou tem sentido? Eu olho para o espelho e não consigo enxergar essas cores que o mundo vê. **Nem-tão-preto-nem-tão-branco**. Preto, branco? Mulato? Pardo? O que será que é tudo isso? O que eu enxergo não é nada disso. Qual será o lado que eu devo ficar?”

Essas expressões nas suas diversas variantes, surgem onze vezes nos capítulos analisados, fato que nos remete à sua importância dentro da narração.

Como já foi mencionado no primeiro capítulo, a cor da pele é uma das temáticas tratadas pelo autor, que decide retratar as vicissitudes de um moleque nem branco nem preto, que não consegue enxergar todas as cores de que os outros falam e resolve definir-se da “cor do talvez”.

Ligado a esse assunto, é interessante evidenciar como, nas páginas finais da obra, a mãe de João Victor chama o povo brasileiro de “povo que não tem cor” (RIBEIRO, 2019a, p. 196), e também essa frase é marcada pela cor salmão.

Um último traço fundamental do ponto de vista formal e paratextual é o uso de notas por parte do autor, assunto que será tratado mais pormenorizadamente no sucessivo subcapítulo. Nomeadamente, o romance apresenta 151 notas de rodapé, as quais denotam uma significativa presença do autor dentro da obra.

III.2 As notas do autor

O grande uso das notas que o jovem Alexandre Ribeiro faz dentro do romance *Reservado*, é sem dúvida umas das peculiaridades mais interessantes a ser tratada.

Como já dissemos, no texto original contam-se 151 notas, que é possível categorizar em notas enciclopédicas, de vocabulário geral e de vocabulário giriático.

Em data 8 de dezembro de 2022 entrevistei, muito brevemente e por meio da plataforma social Instagram, Alexandre Ribeiro, para entender ao máximo qual fora a razão que o levava a um tão frequente uso das notas.

À pergunta “Qual foi o critério que você utilizou?”, o escritor respondeu:

O critério utilizado foi o de aproximação entre as favelas e o asfalto. A todo momento o autor e o editor fizeram a pergunta: será que um favelado está familiarizado com esta palavra? E será que uma pessoa fora da favela está familiarizada com essa expressão? Fizemos um caminho de empatia através da literatura. (RIBEIRO, 2022³⁶)

Quando, sempre em relação às notas, lhe perguntei se algumas dessas fossem escritas em previsão de possíveis traduções futuras do romance em língua estrangeiras, a sua resposta foi: “Não, na verdade não imaginava que conseguiria sair do Brasil por questões socioeconômicas. Foi uma inquietação contra obras elitistas!” (RIBEIRO, 2022).

À luz disso, pode-se afirmar que as notas foram um meio através do qual o autor poderia alcançar não só um público médio escolarizado e habituado à leitura, mas também um menos habituado à tradição escrita.

Nem todas as notas que se encontram no texto de partida foram mantidas no texto de chegada, porque, na língua italiana, algumas especificações que o autor fez no romance não eram necessárias a fim de compreender o conteúdo do mesmo. Isso porque, como veremos em breve, a situação educacional é diferente entre Brasil e Itália uma vez que, infelizmente, no Brasil a instrução ainda deve ser considerada um privilégio. Isso fez com

³⁶ Alexandre Ribeiro respondeu por escrito a algumas perguntas, em correspondência privada, no dia 8/12/2022.

que o autor sentisse a exigência de explicar ao público-alvo o significado de palavras que em italiano são de uso comum e que o tradutor não reputou necessário traduzir.

Na proposta de tradução dos capítulos de III a V figuram 33 notas enquanto, no original, as notas são 77. Essas, dentro da obra e da sua transposição, dependem principalmente de dois fatores: a variação diatópica e aquela diastrática. Como já foi explicado no primeiro capítulo desta dissertação, a primeira é o tipo de variação à qual pertencem regionalismos e dialetos e está, então, ligada ao território. A segunda está relacionada à substancial diferença entre a língua padrão, falada pelos mais escolarizados, e o português subpadrão, ou seja, o português falado por quem não teve a oportunidade de estudar. Como o mesmo autor declarou na entrevista já citada, ele teve que levar em consideração esses aspectos ao escrever seu livro e, mais ou menos em igual medida, também o tradutor tem de considerar essas condições e avaliar se e como incluir algumas especificidades.

Em português, Ribeiro julgou, provavelmente, indispensáveis as explicações sobretudo a nível semântico, ou seja, de vocabulário. Não podemos esquecer que o romance foi redigido como obra periférica e, por conseguinte, se propunha ser de fácil acesso e compreensão para todos. Isso justifica as definições em nota de rodapé de algumas palavras que, para os leitores médios, seriam de uso habitual.

Seguem alguns exemplos de notas que foram excluídas da tradução em função do público-alvo (destinatários ideais), porque, na Itália, os seus equivalentes são supostamente compreensíveis para esse público:

Explicitar: tornar explícito, escuro, sem margem para ambiguidade. (p. 42)

Morada: casa, ou um lugar em que se habita, uma moradia. (p. 44)

Confabular: trocar ideias num tom suspeito, misterioso ou secreto; combinar, maquinar, tramar. (p. 68)

Permissividade: qualidade de quem é permissivo, de quem deixa as coisas acontecerem, de quem dá permissão. (p. 74)

Melancolia: uma grande tristeza, um desencanto geral. (p. 84)

De fato, essas notas não aparecem na proposta de tradução uma vez que o leitor italiano médio, mesmo jovem, se supõe perfeitamente capaz de entender o significado

dessas palavras em italiano sem precisar de nenhum esclarecimento, tendo em conta o nível de literacia vigente na Itália.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) feita em 2019 (o mesmo ano em que foi publicado *Reservado*) presente no IBGEeduca, portal brasileiro do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) voltado para a educação, mostrou os dados relativos ao grau de instrução das pessoas com 25 ou mais anos de idade, de acordo com os quais a percentagem dos que finalizaram a educação básica obrigatória, ou seja até o ensino médio, é de 48,8%³⁷. Dando uma olhada também aos outros dados relativos à pesquisa, observamos que 27,4% completou o ensino médio, 4,0% não finalizou o ensino superior e somente 17,4% o completou.

Na Itália, por seu lado, o Istat – Istituto Nazionale di Statistica, relatou que, em 2019, 62,2% da população entre os 25 e os 64 anos de idade era graduado³⁸.

Como já dissemos, a literatura periférica é um gênero de protesto que nasce nas favelas e quer ser de fácil leitura não somente para quem teve a chance de estudar, mas para todos.

Alguns estudos salientaram que, no Brasil, a desigualdade econômica é um problema ainda muito grave, que afeta também o setor educacional. Basta pensar que entre os adultos 10% mais pobres, a escolaridade média é 7,6 anos e, em contrapartida, entre os adultos 10% mais ricos essa última é de 13,7 anos (PIERI, 2018, pp. 8-9). Nesse contexto, os escritores da literatura marginal assumem a responsabilidade de alcançar também quem teve menos oportunidades educacionais.

Pelo contrário, foram mantidas e traduzidas para o italiano todas as notas de teor enciclopédico, nas quais o autor explicita quem é alguém ou o que é algo, como nos casos das notas [1], [7] e [8]:

Spike Lee: Shelton Jackson Lee, mais conhecido como Spike Lee, é um cineasta, escritor, produtor e ator estado-unidense. Entre seus filmes se destacam “Malcom X” e “Faça a coisa certa”. (p. 52)

Spike Lee: Shelton Jackson Lee, più conosciuto come Spike Lee, è un cineasta, scrittore, produttore e attore statunitense. Tra i suoi film spiccano “Malcom X” e “Fa’ la cosa giusta”.

³⁷ IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, disponível em <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>. Último acesso: 22/11/2022.

³⁸ ISTAT, Istituto Nazionale di Statistica, disponível em <https://www.istat.it/it/files/2020/07/Livelli-di-istruzione-e-ritorni-occupazionali.pdf>. Último acesso: 22/11/2022.

Cartoon Network: é um canal de desenhos norte-americano de televisão por assinatura. (p. 69)

Cartoon Network: è un canale televisivo di cartoni animati nordamericano a pagamento.

Du, Dudu e Edu: uma série de desenho animado dos três amigos: Du, Dudu e Edu, Os três têm personalidades completamente diferentes, mas são loucos por balas de caramelo. Estão sempre tentando ganhar dinheiro para comprar seu doce favorito. (p. 70)

Ed, Edd e Eddy: una serie animata su tre amici: Ed, Edd e Eddy. I tre hanno personalità completamente diverse, ma tutti vanno matti per le caramelle spaccamascella. Cercano continuamente di guadagnare soldi per comprare il proprio dolce preferito.

Essas foram mantidas porque é possível que algum leitor, mesmo italiano, não tenha conhecimento de tais informações, independentemente do seu grau de instrução.

Há, ademais, notas que foram acrescentadas (e marcadas pela sigla N.d.T) para melhor explicar alguns pontos da narração ou da tradução. As notas do tradutor serviram sobretudo como esclarecimento de termos que o leitor italiano médio pode não conhecer por razões culturais.

Em seguida, temos como exemplos as notas número [4], [12] e [19], :

Nordestini: popolazione del Nordest del Brasile (N.d.T.).

“*Da ponte pra cá*”, nel testo originale. È come i Racionais MC’s si riferiscono alla Zona Sud di San Paolo (N.d.T.).

In portoghese *gelinho*, una specie di ghiacciolo artigianale preparato dentro a piccoli sacchetti di plastica. È anche conosciuto con altri nomi a seconda della regione in cui viene prodotto o commercializzato (N.d.T.).

A nota [4] foi incluída porque o termo “nordestini”, que foi utilizado na proposta de tradução, constitui um decalque do português que é bem compreensível também em italiano, língua em que esse neologismo já se encontra documentado, mas pode não ser inequívoco para os leitores que têm menos familiaridade com a realidade brasileira.

Passando à nota [12], esta foi integrada porque a assimetria linguística não é o único fator que temos que considerar ao traduzir textos literários. Com efeito, não menos importante é a diferença cultural que existe entre um país e outro e, para que não se perdesse esta componente, muito sentida nos romances periféricos, optou-se pela inserção

de algumas notas que explicassem determinados aspectos culturais que na versão italiana de outra forma se perderiam.

A frase original é *quem vem da ponte pra cá*, citação dos Racionais MC's, que foi traduzida como *chi viene dalla zona sud di San Paolo*. Supondo que o leitor italiano médio não possua este tipo conhecimento cultural específico, preferiu-se o auxílio de uma nota de rodapé.

No que concerne a nota [19], “gelinho” é um doce gelado que no Brasil tem vários nomes, dependendo da região na qual nos encontramos. Ele pode ser chamado também de *geladinho, sacolé, juju, chup-chup, dimdim e tabu*, numa grande riqueza de expressões que remetem para a variação diatópica.

Presenciam-se na obra original também notas que esclarecem elementos típicos ou comuns a todo o Brasil e notas que explicam gírias, apesar de muitas destas serem regionais e, portanto, usadas somente em zonas específicas do país. Este tipo de notas foi mantido na proposta de tradução porque denota elementos culturais próprios, ou seja, *realia*, os quais podem ser de vários gêneros: étnicos, geográficos, político-social, artísticos e assim por diante (OSIMO, 2011, p. 112).

A título de exemplo, a nota [15]:

Fofura: salgadinho brasileiro típico pelas quebradas. (p. 86)

Fofura: snack brasileiro típico nelle favelas.

e a nota [11], que tem a ver com o uso das gírias:

Visão de Jatobá: uma gíria de época, era referente ao personagem Jatobá da novela, que era cego. (p. 76)

Prospettiva da Jatobá: un modo di dire antico, si riferiva al personaggio di Jatobá nella telenovela ‘America’ del 2005, che era cieco.

Na verdade, as notas relativas propriamente às gírias foram quase todas eliminadas na proposta de tradução uma vez que, na língua italiana, acharam-se soluções que não precisavam de esclarecimentos adicionais.

Por exemplo:

Cheio de dente: uma definição para a pessoa que se abre para os outros sem motivos. (p. 60)

“Cheio de dente” foi traduzido pela a perífrase “che si prende sempre troppe confidenza”, que não pertence a uma gíria.

Mundiça: uma gíria nordestina para definir a população pobre, os carentes do básico. (p. 72)

A solução achada para a palavra “mundiça” foi “poveraccio”, que na tradução italiana concorda em gênero e número, então, ficando no masculino plural.

Neste caso, perde-se a evidência do regionalismo lexical brasileiro e da gíria da favela, porque a tradução a neutraliza.

III.3 Assimetrias entre o português brasileiro o italiano

Partindo do pressuposto que, entre o Brasil e a Itália, as diferenças não são simplesmente linguísticas mas são, além do mais, culturais, como se viu até agora, há várias assimetrias gramaticais, sintáticas, morfológicas, além de sócio-pragmáticas, que vale a pena levar em consideração, porque podem ser relevantes na tradução entre estas duas línguas românicas, em boa parte afins.

É evidente que há muitos fatores aos quais quem traduz um dado texto tem que prestar atenção, incluindo, sem dúvida, as circunstâncias gerais da obra, como, para mencionar algumas: época na qual foi redigida, contexto histórico, político e social, local geográfico etc.

O papel do tradutor é mais do que apenas achar uma série de palavras correspondentes entre os dois idiomas distintos, ele tem de ter um conhecimento adequado e *all-round* no que concerne todos esses outros elementos que compõem um texto. A seguir expõem-se os mais relevantes que se manifestaram na proposta de tradução de *Reservado*.

III.3.1 Pronomes sujeito e formas de tratamento

O português brasileiro usa predominantemente o pronome pessoal *você* em vez de *tu* na maior parte do país, exceto no Amapá, Pará, Maranhão, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, onde é preferido o pronome *tu* (CUNHA, CINTRA, 2017, p. 306).

Nos séculos XIV e XV, as formas de tratamento *Vossa Mercê* (de onde procede o *você* hodierno), *Vossa Senhoria*, *Vossa Alteza*, *Vossa Excelência* e *Vossa Majestade*, que no princípio eram utilizadas apenas para se dirigir ao rei, viram o seu uso alargado (FARACO, 2017, p. 115).

A forma de tratamento *Vossa Mercê* evoluiu até ao *você*, pronome pessoal de segunda pessoa singular com concordância na terceira. Isso aconteceu quando também as classes sociais mais baixas começaram a utilizar as formas de tratamento mais eruditas entre si, fazendo com que essas formas perdessem o valor inicial.

Esse item é um traço característico do português que mostra quantos fatos socioculturais podem desencadear mudanças linguísticas próprias (FARACO, 2017, p. 115). Também nos diversos países lusófonos usam-se os pronomes pessoais de maneira diferente; tomemos como exemplo a variedade europeia para ilustrar quanto acima mencionado:

No português europeu normal, o pronome tu é empregado como forma própria da intimidade. [...] O seu emprego tem-se alargado, nos últimos tempos, entre colegas de estudo ou da mesma profissão, entre membros de um partido político e até, em certas famílias, de filhos para pais, tendendo a ultrapassar os limites da intimidade propriamente dita, em consonância com uma intenção igualitária ou, simplesmente, aproximativa. [...] No português de Portugal não é ainda possível, apesar de certo alargamento recente do seu emprego, usar *você* de inferior para superior, em idade, classe social ou hierarquia. (CUNHA, CINTRA, 2017, pp. 305-306)

Em italiano, o pronome pessoal *você*, tendo como ponto de partida o português brasileiro, pode ser traduzido como *tu* ou como *Lei*, dependendo do contexto e do grau de formalidade.

Outro elemento inovador é a forma pronominal *a gente*, que equivale ao pronome de primeira pessoas plural *nós*. O sintagma nominal *a gente* tem origem no substantivo latino *gēns*, usado para indicar um grupo de famílias que tinha uma origem comum na Roma antiga sendo gramaticalizado definitivamente em português no século XIX (ARRUDA, 2021, pp. 48-49); constitui, portanto, um produto cultural, dado por uma transição através de várias formas e que, como aconteceu com o *você*, se distingue no panorama gramatical por ser um pronome irregular. De fato, é um pronome pessoal de

primeira pessoa plural com concordância na terceira singular. Esse último na língua italiana é equivalente, a todos os efeitos, ao pronome pessoal *noi*.

Em seguida, uma amostra de como esses pronomes aparecem na tradução italiana:

[1]

- **Você** é o resultado de várias partes que completam a sua família, não só o seu pai, sabia? (p. 64)

- *Tu sei il risultato di vari componenti della tua famiglia, non solo tuo papà, lo sapevi?*

[2]

- [...] **A gente** nem curte essa brisa. (p. 111)

- [...] *A noi nemmeno piace quella roba.*

Outra diferença envolve as expressões de cortesia. Em português, geralmente usa-se *o senhor* e *a senhora* (também *o doutor*, *a doutora*, e outros títulos profissionais, dependendo do âmbito) para dirigir-se a outra pessoa em contextos mais formais.

Em italiano é costume utilizar o pronome *Lei*, escrito com L maiúsculo para distingui-lo da terceira pessoa do singular, e respeitar a concordância com o verbo.

[3]

- Dona Zica? **A senhora** é a esposa do paciente? (p. 44)

- *Dona Zica? Lei è la moglie del paziente?*

Outra diferença substancial, num plano sociopragmático, entre uma língua e outra, é dada pelo grau de formalidade e informalidade interpessoal.

Vejamos um exemplo:

[4]

- **Ô, tia!** Esse horário está certo mesmo? (p. 95)

- *Signora! L'orario è proprio questo?*

No exemplo [4], João, agradavelmente surpreendido com os horários das aulas, quer saber se estes estão corretos e vai pedir confirmação na coordenação. Quando chega na chefia, ele chama a atenção da inspetora de uma maneira peculiar que na Itália seria percebida como estranha, porque nenhum estudante italiano trataria um funcionário escolar de *zio* ou *zia*, ou, de qualquer forma, de um modo tão informal.

Na verdade, chamar-se de *tio* e *tia* (*zio*, *zia*), na língua italiana, está em voga entre os jovens e é frequentemente usado entre amigos, mas a sua utilização limita-se a contextos informais, entre pares. Além disso, ninguém jamais utilizaria a interjeição vocativa *Ô* neste tipo de situação comunicativa, uma vez que chamar a atenção de alguém começando por “*Oh*” é considerado como grosseiro, indelicado. Com efeito, esse vocativo foi eliminado na versão italiana, e *tia* foi substituído pelo mais cortês *signora*.

III.3.2 O português brasileiro como língua pro-drop parcial

Outro traço característico do português brasileiro é a explicitação do pronome em posição de sujeito, muito mais frequente do que na língua italiana.

O português europeu, assim como o italiano, é designado como Língua de Sujeito Nulo, porque, diferentemente do inglês e do francês, é possível omitir o sujeito. A variedade brasileira coloquial é categorizada por Barbosa (2001) como língua parcialmente de Sujeito Nulo, ou seja “Languages that have agreement and referential null subjects whose distribution is restricted [...] such as Hebrew, Finnish, Marathi, Russian, colloquial Brazilian Portuguese” (BARBOSA, 2001, p.1).

Em italiano, este fenômeno seria considerado como uma inútil repetição, que levaria a um efeito desagradável causado pela justaposição de palavras que soam similares ou pelo insistente uso de aliterações. De fato, Barbosa (2001) classificou o italiano como uma língua “with rich subject agreement morphology [...]. In this type of language, subjects are freely dropped under the appropriate discourse conditions” (BARBOSA, 2001, p. 1).

Exemplificando o que acabamos de dizer:

[5]

- **Ele** criou as histórias e depois pediu para que outras pessoas contassem por ele. **Ele** tem medo de não ser aceito, tem medo de ser julgado. (pp. 57-58)

- *Inventava le storie e poi chiedeva ad altre persone che le raccontassero per lui. Ha paura di non essere accettato, ha paura di essere giudicato.*

Embora haja no italiano falado uma maior frequência no uso dos pronomes pessoais, sobretudo no que concerne o pronome pessoal de primeira pessoa (D'ACHILLE, p. 189), todas as repetições de pronomes presentes naturalmente no português brasileiro não são comuns em italiano, pelo que muitos não foram mantidos na tradução.

III.3.3 Graus aumentativo e diminutivo

Um aspecto morfológico interessante é a formação dos graus aumentativo e diminutivo por sufixos, que em português não afetam apenas os nomes e os adjetivos, mas também, no caso do grau diminutivo, os advérbios e outras palavras invariáveis. Estes, por vezes, não servem para indicar realmente a dimensão de algo, uma vez que essas noções são geralmente expressas de maneira analítica pelos adjetivos *grande* e *pequeno* ou de maneira sintética mediante a utilização de sufixos e estão, portanto, relacionados à esfera sentimental ou emocional (CUNHA, CINTRA, 2017, p. 212).

Em português, não é raro encontrar essas formações de grau, que nem sempre apresentam correspondentes sufixais literais em italiano.

Vejamos, na ordem, um exemplo para cada caso surgido ao longo da tradução:

[6]

- Eu senti meu coração ficar **quentinho**. (p. 82)

- *Ho sentito il mio cuore scaldarsi.*

Aqui a formação de grau tem a ver com o campo dos sentimentos. O emprego do diminutivo serviu ao autor para expressar a sensação de carinho que o protagonista experimenta quando pensa na sua amada, tornando a linguagem mais amável.

Em italiano esta derivação sufixal não foi possível porque, embora também na língua italiana falada haja uma maior tendência ao uso de aumentativos e diminutivos (D'ACHILLE, p. 197), estas nem sempre se encaixam com nomes ou adjetivos que se podem encontrar formados em grau em português.

Para dar outro exemplo:

[7]

- Quando ele entrou, deu até para ouvir o **barulhão** que aquela porta oca de ferro fez. (p. 50)

- *Appena entrato, la porta di ferro, vuota all'interno, fece **un gran casino**.*

Neste caso, o sufixo aumentativo nos indica a intensidade do barulho, mas não tendo como usar um sufixo aumentativo em italiano, então, para não mudar o sentido da afirmação, foi acrescentado um *complemento di quantità*, ou seja, algo que, no caso específico desta afirmação, acompanhe o nome e o determine quantitativamente.

III.3.4 O singular nu

O singular nu é um tipo de sintagma nominal, muito frequente no português brasileiro.

O singular nu tem a ver com sentenças genéricas, pois que esse sintagma sempre se apresenta de forma não específica. Em outras palavras, não fornece uma indicação precisa em relação ao número:

A peculiar feature of Brazilian Portuguese is the distribution of bare singular count nouns (henceforth “BS nouns”), which are nominal arguments that occur without determiners or number morphology and can be interpreted as semantically singular or plural. (LIMA, GOMES, 2016, p. 194)

Pelo contrário, o uso desse tipo de sintagma em italiano está limitado a determinadas circunstâncias, ou seja, às afirmações gerais como *lo squalo è un pesce di grandi dimensioni* ou *Graham Bell ha inventato il telefono*, enquanto na variedade brasileira do português a sua utilização é muito mais frequente.

Por exemplo:

[8]

- A cada vez que **a nossa mão** se batia sem querer... (pp. 77-78)

- *Ogni volta che **le nostre mani** si toccavano senza volerlo...*

E ainda:

[9]

- **Minha mão** suava frio e **minha perna** saltitava feito um coelho desgovernado. (p. 80)

- *Le mie mani sudavano freddo e le gambe mi tremavano come fossi stato un coniglio fuori controllo.*

Em italiano, a manutenção do singular no do texto original não teria sido gramatical, pelo que se optou pelo plural.

III.3.5 Uso dos Pretéritos

Os tempos verbais constituem outro âmbito de assimetria entre o italiano e o português. Vejamos, com o apoio dos exemplos, as principais desigualdades.

O Pretérito Perfeito Simples, abundantemente utilizado no romance, em italiano pode ter duas correspondências, *Passato Prossimo* ou *Passato Remoto*, dependendo do contexto.

[10]

- Desde o meio do ano passado, minha mãe **se tornou** uma grande amiga da Edna, a mãe do Douglinhas. Nessas últimas semanas a Edna **contou** pra minha mãe que a empresa que ela trampa está recrutando menor aprendiz. (p. 83)

- *Dalla metà dell'anno scorso, mia mamma è diventata molto amica di Edna, la mamma di Douglinhas. In queste ultime settimane Edna ha raccontato a mia mamma che la ditta per cui lavora sta cercando giovani stagisti.*

[11]

- **Terminei** de comer, **acendi** o segundo cigarro e **dei** mais dois tragos. (p. 43)

- *Finii di mangiare, accesi la seconda sigaretta e feci altri due tiri.*

No exemplo [10], o Pretérito Perfeito Simples traduzido pelo *Passato Prossimo*, em italiano, utilizado para ações recentes ou que ainda têm efeitos no presente de quem fala ou escreve. Pelo contrário, no exemplo [11], foi utilizado o *Passato Remoto*, que em italiano indica algo acontecido no passado que já se concluiu, e não se apresenta em função do presente. Usa-se em relação a fatos distantes no tempo.

No italiano, a alternância entre *Passato Prossimo* e *Passato Remoto* é uma questão sensível numa dimensão tanto diacrônica como diatópica, sendo que o uso do primeiro tem tendência a prevalecer sobre o segundo, mesmo quando as circunstâncias indicariam uma preferência na utilização do *Passato Remoto*.

Como também afirma Patota (2019), as variáveis diatópicas, diafásicas e diamésicas desempenham um papel fundamental na escolha do tempo verbal.

Em termos diatópicos, é possível constatar que, no Norte da Itália, o *Passato Remoto* caiu praticamente em desuso, enquanto nas áreas meridionais é ainda muito utilizado.

Por outro lado, na dimensão diafásica, a escolha do tempo verbal tem a ver com o registro utilizado em um dado contexto. Nas situações menos formais, é preferido o uso do *Passato Prossimo*, em circunstâncias mais protocolares o *Passato Remoto* continua a desempenhar o seu papel.

Por fim, entrando na dimensão diamésica, o *Passato Remoto* continua sobrevivendo em alguns setores da língua escrita como, por exemplo, nos textos históricos, na prosa literária e paraliterária e na imprensa.

Foi tendo em conta tudo isso que foi escolhido um tipo de passado em detrimento de outro e vice-versa na tradução para italiano do romance de Alexandre Ribeiro.

III.3.6 Uso do Gerúndio

Na língua italiana, o gerúndio tem dois tempos: o *Gerundio Presente*, que indica duas ou mais ações que ocorrem simultaneamente, e o *Gerundio Passado*, que indica ações anteriores em comparação com frase principal que tiveram duração no tempo³⁹.

Na língua portuguesa, este modo permite uma utilização muito mais ampla do que o italiano, de modo que nem sempre se pode traduzir com o *Gerundio* do italiano. De fato, o português inclui várias perífrases como *estar* + gerúndio, que expressa ações durativas que estão decorrendo num dado momento, *andar* + gerúndio, usada para indicar uma ação durativa na qual é predominante a ideia de intensidade ou de movimento repetido, *ir* + gerúndio, que determina ações durativas que se realizam progressivamente ou por etapas sucessivas, e *vir* + gerúndio, que expressa ações durativas que avançam

³⁹ TRECCANI, https://www.treccani.it/enciclopedia/gerundio_%28La-grammatica-italiana%29/. Último acesso: 10/02/2023.

gradualmente em direção ao momento e ou ao lugar no qual estamos (CUNHA, CINTRA, 2017, p. 507).

Estas podem, em alguns casos, ser traduzidas em italiano mediante o *Imperfetto Progressivo*, que se refere a ações em curso das quais não se pode determinar o início e o fim e às quais se sobrepõem ações que decorrem em um único instante⁴⁰.

Vejamos um primeiro exemplo:

[12]

- Eis que, do nada, cresce uma multidão **gritando** em coro.

- *Ecco che, dal nulla, si formò una cerchia che **gridava** in coro.*

Em italiano o uso do *Gerundio* não é admissível neste caso específico, embora se trate de duas ações que decorrem contemporaneamente, porque na língua italiana o *Gerundio* não pode desempenhar a função de relativa, ou seja, uma frase que modifica um item nominal, que se encontra na frase principal, atribuindo-lhe características que o adjetivam⁴¹. Portanto, foi utilizado o *Imperfetto*, que corresponde ao Pretérito Imperfeito do Indicativo do português.

Outro exemplo de uso assimétrico do Gerúndio é o seguinte:

[13]

- Estranhamente, dentro da minha cabeça eu senti uma proximidade entre a gente **acontecendo**.

- *Stranamente, nella mia testa sentii che ci **stavamo avvicinando**.*

Neste caso, na proposta de tradução recorreu-se a um *Imperfetto Progressivo* (*stare* + *Gerundio*), geralmente usado para ações que estavam decorrendo no passado e que exprimiam, então, um evento em andamento.

⁴⁰ TRECCANI, [https://www.treccani.it/enciclopedia/gerundio_\(Enciclopedia-dell'Italiano\)/](https://www.treccani.it/enciclopedia/gerundio_(Enciclopedia-dell'Italiano)/). Último acesso: 10/02/2023.

⁴¹ TRECCANI, [https://www.treccani.it/enciclopedia/frasi-relative_\(Enciclopedia-dell'Italiano\)/](https://www.treccani.it/enciclopedia/frasi-relative_(Enciclopedia-dell'Italiano)/). Último acesso: 18/02/2023.

III.3.7 Expressão do futuro

Em português, o futuro é normalmente expressado pela perífrase *ir* (conjugado no Presente do Indicativo) + *Infinitivo*, uma estrutura que não existe na língua italiana. O Futuro do Presente do Indicativo, na oralidade e em registros não elevados, é mais raro no português brasileiro (PERINI, 2010, p. 224). Na tradução italiana a perífrase verbal para expressar o futuro no português foi traduzida pelo *Futuro Semplice*.

Segue um exemplo:

[14]

- “Ele não **vai voltar**.” (p. 45)

- “*Lui non **tornerà**.*”

Embora o *Futuro Semplice* seja um tempo verbal muito comum, em italiano é frequente também o uso do *Presente pro Futuro*, utilizado amiúde em contextos informais, normalmente acompanhado por complementos e advérbios de tempo, ou quando se trata de um futuro genérico.

Esse tipo de opção, na tradução encontra-se no seguinte exemplo:

[15]

- O papo foi parar na reflexão “qual caminho a gente vai escolher na hora da saída?” (p. 48)

- *Il discorso si conclude nella riflessione “che strada **prendiamo** quando è ora di uscire?”*

III.3.8 O infinitivo pessoal

Ainda no que diz respeito aos tempos verbais, o português difere das outras línguas românicas por possuir um Infinitivo a mais: o Infinitivo Pessoal.

Este tempo é variável, ou seja, segue uma conjugação e concorda com as pessoas do discurso. Possui desinências para a 2ª pessoa do singular e as três pessoas do plural e é utilizado nos seguintes casos: quando o sujeito é nitidamente expresso, quando se refere a algo não expresso, mas que se dá a conhecer pela desinência verbal, quando indica a indeterminação do sujeito e para atribuir maior ênfase à oração (CUNHA, CINTRA, 2017, pp. 502-503).

Vejam os exemplos:

[16]

- Eu não poderia deixar eles **sofrerem**. (p. 47)

- *Non potrei lasciarli soffrire.*

Em italiano foi usado o único modo *Infinito* existente que, neste caso, não altera absolutamente o significado da afirmação.

É interessante mencionar que na escrita formal existe também uma construção semelhante a do italiano, que seria *Eu não poderia deixá-los sofrer*.

III.3.9 A dêixis

Mais uma assimetria é dada pelo uso dos dêiticos, que várias vezes foram eliminados na tradução, dado que na língua italiana não são utilizados com a mesma frequência que no português brasileiro.

Na língua portuguesa, com base nos estudos de Teixeira (2005, p. 6), os vínculos semânticos entre esse tipo de marcadores são mais complexos do que a simples determinação de uma distância física. Embora o espaço seja o mais comum, esses indicadores designam também a distância em função da acessibilidade, porque é necessário considerar outros aspectos cognitivos das percepções humanas. Quer dizer, algo próximo não é indispensavelmente acessível e isso influencia na escolha do dêitico.

Como sustenta Battaglia (2013, p. 35), o uso dos dêiticos é fundamental na linguagem na medida em que agem como intermediários entre a realidade externa, o código linguístico e os interlocutores. Em outros termos, conferem tridimensionalidade ao texto e, como acrescenta Koelling (2003):

Os elementos dêiticos somente adquirem sentido em virtude de sua relação intrínseca com o contexto de fala que se manifesta em torno do enunciador. Fora da enunciação ou mesmo sem algum tipo de ancoragem, são vazios de significado [...].
(KOELLING, 2003, p. 11)

Contudo, observa-se uma maior frequência no uso de dêiticos por parte dos falantes do português brasileiro.

Por exemplo:

[17]

- Já sei! Cê tem uma caneta **ai**? Vou fazer um bagulho **aqui**. (p. 80)

- *Lo so! Hai una penna? Che faccio una cosa.*

Nesse contexto, a espacialidade fica bem clara na mente do leitor sem precisar de nenhuma especificação, por isso os advérbios dêíticos neste caso foram considerados supérfluos em italiano, pelo que foram omitidos na tradução.

III.4 O *giovanilese* na tradução da literatura marginal

Paolo d’Achille (2019) tenta traçar um perfil do italiano atual, explorando todos os seus aspectos e explicando por que o italiano tem de ser catalogado como uma “língua em movimento”. Isso devido ao desenvolvimento de novas variantes como, por exemplo, o “*italiano dell’uso medio*”, definição dada em 1985 por Francesco Sabatini para designar uma linguagem, seja formal que informal, utilizada na fala e na escrita por pessoas cultas, chamada também de “*neo-standard*”, por Gaetano Berruto, em 1987.

O *italiano dell’uso medio* caracteriza-se pelo uso de estruturas morfossintáticas e lexicais já existentes, que sempre foram censuradas ou consideradas erros.

A título de exemplo, podemos incluir no italiano contemporâneo a utilização do pronome átono *gli* para referir *a lei e a loro*; o uso duplo do Pretérito Imperfeito do Indicativo nos períodos hipotéticos: *Se sapevo che l’esame era così difficile, studiavo di più* e o uso de *che* como subordinador genérico e de *cosa* como interrogativo simples em vez de *che* ou *che cosa* (D’ACHILLE, pp. 189-190).

A difusão destes fenômenos fez com que não fosse mais possível ignorá-los e se tornasse necessário incorporá-los como material de estudo e, com o passar do tempo, estas construções acabaram por parecer normais.

Nos últimos tempos, deve-se a progressiva mutação dos idiomas (e entre eles, também do português) aos novos canais de transmissão surgidos no novo milênio, o “escrito em distância” e “em tempo real”, possíveis graças ao desenvolvimento tecnológico: aos e-mails, *chatlines*, Whatsapp e aos social media. A “fala escrita”

utilizada nestes meios de comunicação influencia o jeito de expressarmos, também em situações não extremamente informais.

D'Achille dedica um capítulo do seu livro às variações faladas, descrevendo as principais características do italiano falado com foco nos *italiani regionali* e na linguagem dos jovens. Desta última, ele expõe as particularidades fonéticas, os aspectos morfológicos, a sintaxe e a textualidade do falado, e o léxico.

Tratando das peculiaridades fonéticas, os aspectos destacados são a aférese, a apócope e as ulteriores reduções das palavras como, por exemplo, '*giorno* em vez de *buongiorno* e os alongamentos do timbre vocálico, como *naa* para um *no* enfático (D'ACHILLE, p. 188).

Sob o aspecto morfológico, evidencia no falado subpadrão também a regularização de paradigmas irregulares, a redução no uso de modos e tempos verbais, particularidades na escolha dos auxiliares e encurtamento de palavras como, por exemplo, *fotografia* > *foto* e *motocicletta* > *moto* (D'ACHILLE, p. 189).

No que concerne a sintaxe, o autor salienta o uso das conjunções coordenativas que desempenham a função de ligações textuais, o uso da forma *stare a + Gerundio* nas subordinadas implícitas, o *che* polivalente e o *dove* usado para referir-se também à dimensão temporal (D'ACHILLE, p. 193).

Concluindo com a textualidade do falado, o autor aponta a tarefa dos demarcativos, quais *allora, ecco, beh* et cetera, para indicar o começo e o fim do discurso, dos sinais fáticos, como *dai, scusa, vero? hai capito?*, para assegurar-se a participação do interlocutor, as interjeições e os ideófonos, sobretudo de matriz inglesa como, por exemplo, *wow*, para expressar sentimentos e emoções (D'ACHILLE, 2019, pp. 193; 195).

Retomando o que já foi elucidado no primeiro capítulo, a literatura marginal se caracteriza por uma linguagem informal, marcada principalmente pela presença de neologismos, gírias e desvios linguísticos.

O português não é o único a possuir uma variante não padrão, também a língua italiana apresenta variantes coloquiais, uma entre elas é conhecida como *gergo giovanile*, que Beccaria define não como uma linguagem à parte, mas sim como um verdadeiro jargão, que pode ser aquele do submundo da droga ou específico de um determinado ambiente de trabalho, e que constitui, portanto, uma variante da língua materna: “Non c'è un linguaggio dei giovani distinto dall'italiano comune, e questa lingua non ha nemmeno

la funzione di comunicazione segreta dei gerghi storici. Ha un carattere lucido, la si impiega in contesti non impegnativi” (TURSI, 2015).

A única diferença entre o jargão propriamente dito e a gíria juvenil é que essa última deve ser considerada como transitória, usada em precisas faixas etárias, pelo que envelhece depressa e é destinada a mudar constantemente.

Alberto A. Sobrero, por seu lado, descreve o *giovanilese* como:

Quella varietà basata sull’italiano comune ma smozzicata, semplificata e multistrato, nella quale troviamo pezzi di gergo giovanile, pezzi di italiano scolastico, pezzi di lingua dello sport, della pubblicità, dei talk show, giustapposti e riordinati secondo le regole che a noi adulti quasi sempre sfuggono. (MIRRA, 2015)

É esta tipologia de linguagem a que mais se aproxima à língua que surge do romance periférico abordado e, portanto, é esta a linguagem que se decidiu empregar na tradução dos três capítulos de *Reservado*.

Igualmente, mesmo tendo a disposição uma “fala escrita” afim, traduzir estas páginas não foi nada simples.

Numa entrevista realizada por Sabrina Tursi a Franca Cavagnoli (2015), a autora revela que no ato de traduzir um texto, a dificuldade maior reside em criar o que ela chama de “fluxo narrativo autêntico”, que consiste em fazer com que as personagens se expressem tanto espontaneamente quanto no texto original. A transposição de um texto tem que ser feita tendo em conta que o resultado, mesmo que não idêntico, deve aparecer genuíno na mesma medida que no texto de partida.

Ao fazer isso, um papel fundamental é desempenhado pela linguagem, que dá forma aos diálogos e veracidade às personagens, derrubando as barreiras entre o que é real e o que é fictício, transportando o leitor no mundo descrito pelo autor.

Relativamente a isso, Cavagnoli comenta “Il personaggio che lo usa non deve parlare come un libro stampato, e chi traduce deve attingere a tutte le risorse della lingua parlata, alla ridondanza e al surplus informativo tipici dell’oralità” (TURSI, 2015). Também acrescenta que “La scelta della strategia traduttiva dipende dalla consapevolezza che i lettori hanno esigenze diverse a seconda del libro che hanno in mano” (TURSI, 2015).

Por esta razão é fundamental evitar ao máximo desvirtuar o texto que estamos a traduzir.

Isso toca de perto, e com maior razão, as obras periféricas. Nelas, o tradutor exerce uma função importantíssima: ele tem de escolher muito atentamente as palavras que utiliza para que os leitores possam aproximar-se, de modo empático, aos autores marginais e aos escritos deles. Foi especificado “de modo empático” porque, como já foi reiterado várias vezes no curso do primeiro capítulo, a literatura de favela é um movimento artístico, político e social e, como um qualquer movimento, precisa de envolvimento emotivo para ser compreendido. As obras periféricas são um retrato da realidade da vida na periferia, são um grito de protesto, e são uma forma de mostrar os problemas do dia a dia, na esperança de ser, finalmente, ouvidos.

Para que tal aconteça, é necessário que as características linguísticas e estilísticas que denotam este gênero sejam, na medida do possível, respeitadas. Não se supõe que quem mora nas favelas fale um português áulico ou acadêmico, não só porque o contexto da periferia é altamente informal mas porque, além do mais, como já dissemos, uma das problemáticas ligadas a este ambiente é a falta de recursos fundamentais, entre os quais, uma adequada instrução, embora haja com certeza algumas exceções e tenha também gente com formação acadêmica. Caso o tradutor utilizasse somente o italiano padrão na transposição do texto, a tradução perderia de autenticidade e, certamente, a versão de chegada até não poderia ser considerada como uma tradução. Esta última iria acabar sendo, no máximo, uma reformulação.

Paola Mirra sustenta que a estratégia tradutória é crucial em dar voz a um jovem e que para fazer isso é necessário ter competências em âmbito sociolinguístico.

Questo è possibile già dagli anni Ottanta, grazie all'introduzione della linguistica delle varietà nei programmi scolastici, che ha avuto il merito di valorizzare le varietà (diastratiche, diatopiche, diamesiche e diafasiche) invece di reprimerle nell'ottica del raggiungimento di uno standard ideale. (MIRRA, 2015)

O tradutor tem, portanto, o dever de reconhecer estas variações e evitar, sempre que possível, a sua perda, e a mesma atenção tem de ser prestada quando se depara no texto original com neologismos e gírias.

O desafio é achar um correspondente que faça com que, quem lê a obra de partida e quem lê a versão de chegada, experimentem iguais sensações e sentam idêntico impacto.

Para terminar, é necessário esclarecer uma questão: neste subcapítulo comparamos a linguagem extremamente informal e cheia de variações, neologismos e gírias típicas da literatura periférica com a linguagem dos jovens. Isso porque, na obra que foi levada em análise, o protagonista, João Victor, é pouco mais que uma criança, portanto, na transposição, foi privilegiado o uso do *gergo giovanile*.

O que é certo é que a linguagem da transposição tem de ser próxima à linguagem utilizada na obra original e, em qualquer caso, uma das características subjacentes à literatura marginal e dos marginalizados é, a assim chamada, “fala escrita”.

III.5 A tradução de gírias

Um das dificuldades maiores na tradução dos três capítulos do romance *Reservado* foi ter que traduzir gírias e neologismos, traços típicos da literatura marginal.

Embora na língua italiana também exista um *gergo giovanile*, nem sempre existe uma correspondência direta com a gíria utilizada no romance brasileiro em apreço; contudo, de fato, muitas vezes foi possível traduzir gírias e expressões não pertencentes ao português padrão recorrendo ao *gergo giovanile* italiano, como se pode observar pelos exemplos da tabela:

Era que a gente pagava mó rajada . (p. 48)	Era che a noi piaceva un casino .
Ela meteu o louco grandão . (p. 84)	Lei l’ha raccontata grossa .
Minha irmã nem pá . (p. 84)	Mia sorella se ne sbatteva .
Dia vai e dia vem, eu consegui desenrolar com a Kelly [...]. (p. 90)	I giorni passavano e io riuscii a lavorarmi Kelly [...].
Até então tava lindão . (p. 94)	Fino ad allora era tutto mega bello .
Não vou descolar maconha pra ninguém não, hein? (p. 111)	Non vado a reffare erba per nessuno, intesi?

Aqui é Hip Hop até umazora . (p. 115)	Noi l’Hip Hop lo ascoltiamo un casino .
Abraça! (p. 116)	Credici!

Algumas gírias plenamente brasileiras foram traduzidas através de estrangeirismos anglófonos, frequentemente utilizados pelos jovens italianos, tanto que, nos dias de hoje, é lícito considerá-los como parte integrante do vocabulário cotidiano deles.

Catizone (2021) informa que os anglicismos começaram a ganhar território na década de 90 e que atualmente constituem aproximadamente 20% de todos os neologismos.

Os estrangeirismos, sobretudo de natureza inglesa, são abundantemente empregados em vários âmbitos, não obstante só excepcionalmente não existam palavras italianas correspondentes ao que nós queremos fazer referência. Não é raro deparar-se com *make-up* em vez de *trucco*, *take-away* em lugar de *asporto*, e assim por diante.

Há, outrossim, palavras de origem inglesa que são hoje em dia parte integrante da língua italiana e que são compreendidas por todos, como *bar*, *jeans*, *rock*. Essas não apresentam palavras de igual significação que possam designar as mesmas coisas, e esse fenômeno de aquisição de novos termos não é mais do que o inevitável processo de evolução ao qual cada língua participa (CATIZONE, 2021).

Vejamos alguns exemplos:

As aulas rolavam, e eu estava trocando ideia com um irmão – irmão esse que não tinha nada. (p. 48)	Le lezioni si susseguivano e io stavo chiacchierando con un bro – bro , questo, che non aveva nulla.
Era simplesmente daora . (p. 51)	Era semplicemente wow .
No baile eu só queria ouvir um som e ficar de quebradinha . (p. 60)	Al ballo volevo solo ascoltare musica e starmene un po’ in chill .

Na versão dos três capítulos de *Reservado* para a tradução de gírias foram utilizados, portanto, alguns anglicismos, que permitiram manter o mesmo registro do texto fonte.

Em pouquíssimos casos não foi possível uma tradução da gíria brasileira por uma gíria italiana, o que determinou uma neutralização ou padronização do registro, como nos exemplos seguintes:

Vou tentar ser direta pra não roubar a brisa [...]. (p. 62)	Cercherò di essere diretta per non innervosire nessuno.
É quente. (p. 63)	È così.
Mas eu não posso meter o louco e dizer que era feia. (p. 69)	Ma non posso dire cavolate e dire che era brutta.
Assim que chegamos lá, ficamos de quebradinha para ninguém ver [...]. (p.111)	Non appena siamo arrivati là, ci siamo fatti silenziosi perché nessuno ci vedesse.
Demorou? (p. 112)	Tutto chiaro?

Há, ademais, gírias que podemos definir principalmente gráficas, que consistem em grafar a oralidade de modo que a palavra escrita revele como esta é pronunciada pelas personagens. Uma vez que o italiano apresenta uma correspondência quase perfeitamente unívoca entre grafemas e fonemas e que, no caso de aféreses, apócpes e sínopes, muito dificilmente estas surgem nas mesmas palavras que no português, para estes casos não se encontram soluções análogas em italiano e a tradução acabou por neutralizar esse fenômeno.

Por exemplo:

A mina, mais velha que nóiz , foi atenciosa e disse o seguinte [...]. (p. 61)	La tipa, più grande di noi, è stata cortese e mi ha detto così [...].
Tá bem. Peraí, Rô! (p. 71)	Va bene. Arrivo, Rô!
Cê é loko?	Ma sei pazzo?

Em português existem muitas abreviações típicas da oralidade e, como se aludiu acima, não é raro deparar-se, num texto de literatura periférica, com *tá* em vez de *está*, com *cê* e *cês* no lugar de *você* e *vocês* e assim por diante. Na fala do cotidiano essas palavras são truncadas na dicção e, nas obras da literatura marginal, geralmente

encontram-se escritas tal como são pronunciadas, precisamente porque a marca da oralidade caracteriza as obras marginais e desempenha um papel fundamental.

A este respeito, como é evidenciado por Eslava, “essa ação é mais que literária, torna possível, segundo a própria visão dos sujeitos *marginais*, traduzir no “*nosso vocabulário que é muito precioso*” o silenciado “*grito do verdadeiro povo brasileiro*” (ESLAVA, 2004, p. 40).

No que concerne os neologismos, um processo relevante para a tradução foi o da neologia mediante formação de siglas. Uma das ocorrências é “BVL” (p. 88), uma sigla que condensa “Boca Virgem de Língua” e que foi traduzida da seguinte maneira.

- Era só para a gente perder o **BVL**.
- *Era solo perché **dessimo entrambi il primo bacio**.*

Neste caso, preferiu-se não produzir uma sigla para o italiano visto que isso teria implicado a verdadeira invenção de uma sigla enquanto, no português brasileiro, a sigla BVL é muito usada pelos jovens, tanto que no romance autor não sentiu a necessidade de explicar o seu significado numa nota de rodapé.

Caso diferente é o de outra sigla, PCC, que corresponde a *p.ão c.om c.arne* (p. 52), usada como prelúdio ao ataque que o protagonista implementa na escola lançando um pão na multidão ao grito de *ATAQUE DO Pê CêCêêêêÊÊÊÊ*. O fato interessante é que esta sigla existe realmente, mas o autor conferiu-lhe em sua obra um significado diferente. O PCC é o Primeiro Comando da Capital, a maior organização criminosa do Brasil, que atua principalmente no Estado de São Paulo, de onde Alexandre Ribeiro é originário. É curioso ver como essa sigla foi reduzida a um simples “ataque” realizado lançando um pão recheado, num paralelismo que vê comparados por um lado o jovem João Victor, moleque totalmente inofensivo que se mete em sarrilhos na escola, e por outro lado os criminosos do PCC, que atuam como representação da violência, um dos problemas que mais aflige o país.

Nesta comparação é evidente um dos traços que mais caracterizam a literatura marginal, literatura enjagada que se preocupa com as problemáticas dos indivíduos e que, mais uma vez, demonstra quanto essas últimas sempre atormentem a mente de quem tem como propósito denunciar os abusos e as injustiças, com a esperança de um dia conseguir

mudar as terríveis condições nas quais o país, mas sobretudo os sujeitos subalternos se encontram.

Conclusão

O objeto deste estudo foi a variação linguística através dos desafios que esta última gera quando se trata de traduzir textos da literatura marginal brasileira para o italiano. Em particular, pesquisa foi realizada a partir do romance *Reservado* (2019), uma obra periférica escrita pelo jovem Alexandre Ribeiro, da qual se traduziram três capítulos que se constituíram como matéria de análise.

A literatura marginal brasileira, associada a um movimento social, político e cultural muito mais amplo, como se viu, caracteriza-se por uma linguagem extremamente informal, rica em termos de neologismos e gírias. Não é raro, de fato, nos textos da literatura de favela, se deparar com repetições, imperfeições e desvios típicos da oralidade, que não seriam normalmente aceitos pela norma padrão, sobretudo na escrita.

Os seus autores dão expressão aos sujeitos subalternos através da chamada “fala escrita”, que desempenha um papel fundamental dentro das obras periféricas porque lhes permite retratar com maior fidelidade o cotidiano das favelas, o crime e as violências do dia a dia. As palavras, nas obras da literatura de favela, atuam como armas contra as injustiças sociais e denunciam as miseráveis condições dos moradores dos bairros mais pobres.

No presente trabalho foi analisada esta linguagem tão singular, começando por uma proposta de tradução dos capítulos de III a V de *Reservado*, que serviu de exemplo para poder estudar de perto o fenômeno em questão. Além dos curiosos elementos paratextuais, que foram ilustrados e comentados no início do terceiro capítulo, o romance se prestou perfeitamente à investigação linguística, que permitiu destacar aspectos muito interessantes.

Para além de assinalar as principais assimetrias entre português brasileiro e italiano sob o ponto de vista gramatical, sintático e morfológico, através de exemplos de excertos traduzidos, foram examinados os elementos que caracterizam a literatura marginal e que originaram dificuldades na transposição do texto de uma língua para outra. Uma tradução eficaz foi possibilitada pelo recurso ao *italiano dell'uso medio* e ao *giovanilese*, uma variante do italiano que se pode considerar como próxima à linguagem usada por estes autores e que foi, portanto, empregada na tradução proposta.

Na transposição do texto, tentou-se não desvirtuar também a marca estilística, embora nem sempre isso tenha sido possível. Foram relatadas, a título de exemplo, várias situações nas quais se conseguiu achar um correspondente à variação linguística encontrada e outras em que foi necessário optar por uma padronização da língua em detrimento de algumas marcas estilísticas que pontualmente se perderam.

Um dos resultados mais interessantes do estudo foi a observação das particularidades linguísticas do chamado português sub-*standard* e do *giovanilese*, que foram amplamente confrontadas ao longo do terceiro capítulo desta dissertação.

Estas duas variantes são habitualmente utilizadas em contextos coloquiais mas, a partir da década de 90, encontram finalmente lugar na literatura, dando voz aos que nunca tiveram a possibilidade de se exprimir, chamando a atenção de numerosos linguistas contemporâneos.

Bibliografia

ADAMO, Giovanni, DELLA VALLE, Valeria, *Osservatorio neologico della lingua italiana, lessico e parole nuove dell'italiano*, Roma, Istituto per il Lessico Intellettuale Europeo e Storia delle Idee, 2019.

ALVES, Ieda Maria, *Neologismo: criação lexical*, São Paulo, Editora Ática, 1994.

ALVES, Ieda Maria, MARONEZE, Bruno, “Neologia: histórico e perspectivas”, in *GTLex*, Uberlândia, jul.-dez. 2018, pp. 5-32.

ARRUDA, Carolina, Palma de Sousa, *A gramaticalização do pronome a gente, um percurso através de cartas pessoais e familiares*, 1ª ed., São Paulo, TL224 Publicações, Universidade Estadual de Campinas, 2021.

BAGNO, Marcos, *Gramática pedagógica do português brasileiro*, São Paulo, Parábola Editorial, 2012.

_____, *Preconceito Lingüístico – o que é, como se faz*, 49ª ed., São Paulo, Edições Loyola, 2007.

BARBOSA, Pilar, *Partial pro-drop as null NP-anaphora*, Braga, Departamento de Estudos Portugueses, Instituto de Letras e Ciências Humanas, Universidade do Minho, 2001.

BASÍLIO, Margarida, *Teoria lexical*, 7ª ed., São Paulo, Editora Ática, 2007.

BASSO, Renato Miguel, TEIXEIRA, Ariane, “Uma tipologia para as interjeições do português brasileiro”, in *Revista do GEL*, v. 16, nº 3, 2019, pp. 10-34.

BATTAGLIA, Paola Manuela, *La deissi nei testi letterari*, Rende, Università degli Studi della Calabria, 2013.

BECCARIA, Gian Luigi, “Italiano, oggi: l’antico, il nuovo”, in *Cuadernos de Filología Italiana*, v. 9, 2002, pp. 191-203.

BECHARA, Evanildo, *Moderna gramática portuguesa*, 37ª ed., Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009.

BERNARDI, Erica, “Reservado” de Alexandre Ribeiro. *Tradução, análise e comentários dos capítulos 1 e 7*, tese de graduação, Venezia, Università Ca’ Foscari di Venezia, 2020.

CORREIA, Margarita; ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos, *Neologia em português*, São Paulo, Parábola, 2012.

CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley, *Nova gramática do português contemporâneo*, 7ª ed., Rio de Janeiro, Lexicon Editora Digital, 2017.

D’ACHILLE, Paolo, *L’italiano contemporaneo*, Bologna, il Mulino, 2019.

DRESSLER, Wolfgang U., MERLINI BARBARESI, Lavinia, “Pragmatic explanations in morphology”, in *Word Knowledge and Word Usage*, De Gruyter Mouton, 2020, pp. 406-440.

DURHAM, Eunice Ribeiro, “A sociedade vista da periferia”, in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 1, n° 1, jun. 1986, pp. 84-99.

ECKERT, Kleber, “Observatório de neologismos da língua portuguesa: da sala de aula para a pesquisa”, in *LínguaTec*, v. 3, n° 1, jun. 2019, pp. 1-19.

ESLAVA, Fernando Villarraga, “Literatura marginal: o assalto ao poder da escrita”, in *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n° 24, jul.-dez. 2004, pp. 35-51.

FARACO, Carlos Alberto, *Galego e Português Brasileiro – história, variação e mudança*, LaborHistórico, v. 3, n° 2, jul.-dez. 2017, pp. 1-134.

FÁTIMA RUTIQUEWISKI GOMES, Andréia de, *O singular nu e a sentença genérica no português brasileiro*, Florianópolis, dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, 2001.

FERREIRA, Sousa Paulo Ricardo, *Neologismos e processos lexicais criativos, a produtividade lexical sob a ótica da linguística cognitiva e gerativa*, Belo Horizonte, dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2021.

FERRÉZ, *Capão Pecado*, São Paulo, Companhia de Bolso, 2020 [2000].

_____, “Manifesto de abertura: Literatura Marginal”, Ato I, *Caros Amigos*, 2001.

GENETTE, Gérard, *Soglie, I dintorni del testo*, Torino, Giulio Einaudi Editore s.p.a, 1989.

GONÇALVES NASCIMENTO, Alexandre Vinícius, *O hino dos libertinos: poesia marginal e ditadura no Brasil por meio da antologia “26 poetas de hoje”, de 1976*, Cuiabá-MT, Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Geografia, História e Documentação, Departamento de História, dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História, 2016.

IAMARTINO, Giovanni, *L’innovazione lessicale nei testi letterari e nelle loro traduzioni: puntualizzazioni concettuali e indicazioni metodologiche*, Trieste, EUT Edizioni Università di Trieste, 1999.

ILARI, Rodolfo, BASSO, Renato, *O português da gente, a língua que estudamos, a língua que falamos*, São Paulo, Editora Contexto, 2006.

KOELLING, Sandra Beatriz, “Os dêiticos e a enunciação”, in *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, v. 1, n° 1, ago., 2003, pp. 1-12.

LIMA, Suzi, GOMES, Ana Paula Quadros, “A interpretação dos nomes singulares nus em contextos neutros”, in *Revista Letras*, n° 93, jan.-jun. 2016, pp. 193-209.

LUZI, Alfredo, “Il linguaggio giovanile in Italia”, in *Revista de Literatura Italiana*, v. 2, n° 5, mai., 2021, pp. 1-7.

MIOLO, Marilene Rosa, “A fala da periferia em Cidade de Deus”, in *Revista Crioula*, n° 11, mai. 2012, pp. 1-22.

NASCIMENTO, Érica Peçanha, *Literatura marginal: os escritores de periferia entram em cena*, São Paulo, dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de, PELLIZARO, Tiago, “Alessandro Buzo e o engajamento literário da periferia”, in *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, v. 9, n° 41, jan.-jun. 2013, pp. 99-118.

OSIMO, Bruno, *Manuale del traduttore*, Milano, Hoepli, 2011.

PERINI, Mário Alberto, *Gramática do português brasileiro*, São Paulo, Parábola Editorial, 2010.

PIERI, Renan, *Retratos da educação no Brasil*, São Paulo, INSPER - Instituto de Ensino e Pesquisa, out. 2018.

RADTKE, Edgar, *La lingua dei giovani*, Tubinga, Gunter Narr Verlag Tübingen, 1993.

RANGEL, Aline, VIEIRA, Vitor, “O idioma prático e inconfundível das gírias”, in *Eclética*, n° 33, jul.-dez. 2011, pp. 30-34.

RIBEIRO, Alexandre, *Reservado*, 2ª ed., São Paulo, Miudeza, 2019 (2019a).

RIBEIRO, Alexandre, entrevista inédita, 8/12/2022.

RODRIGUEZ VIEGAS, Renata, “O emprego do infinitivo pessoal”, in *Ao Pé da Letra*, v. 1, n° 1, 1999, pp. 1-7.

SAMU, Leonardo, “Considerações para uma conceitualização de dialeto: perspectivas comparadas”, in *Revista Philologus*, n° 55, jan.-abr. 2013, pp. 345-357.

SILVA, Eliane da Conceição, “Carolina Maria de Jesus e a literatura marginal: uma questão de gênero”, in *Século XXI, Revista de Ciências Sociais*, n° 1, jan.-jun. 2019, pp. 21-52.

SILVA, Ewerton Andrade da, “Capão Pecado: literatura marginal e hip hop como vozes da periferia”, in *Emblemas, Revista da Unidade Acadêmica Especial de História e Ciências Sociais*, UFCAT, v. 17, n° 2, jul.-dez. 2020, pp. 109-122.

SOUSA, Julienni Lopes de, LIMA, Luana Nunes Martins de, “Regionalismo e variação linguística: uma reflexão sobre a linguagem caipira nos causos de Geraldinho”, in *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n° 72, abr. 2019, pp. 63-82.

SOUSA, Renan Santiago da, IVENICKI, Ana, “Multiculturalismo como política de inclusão/exclusão”, in *Nuances: estudos sobre Educação*, v. 27, n° 1, jan./abr. 2016, pp. 279-299.

SOUZA, Adílio Junior de, *Lexicalização e neologismo: análise funcional em corpus digital*, João Pessoa, dissertação de Mestrado em Linguística, Universidade Federal de Paraíba, 2015.

SZANTYKA, Izabela, “I dimostrativi nel testo: l’inventario degli usi dei pronomi dimostrativi ‘questo’ e ‘quello’ nella prospettiva anaforico-deittica testuale e situazionale”, in *Actes du XXVIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes; Section 10: Linguistique textuelle et analyse du discours*, Estrasburgo, 2015, pp. 273-286.

TEIXEIRA, José, “De cá para lá e de aqui para aí: rede de valores semânticos dos marcadores espaciais cá/lá/(acolá) e aqui/aí/ali”, in *Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*, v. 1, 2005, pp. 449-460.

VIANA, Fernanda Cristina, ALVES, Jéssica Brandet, “O uso de gírias: crenças, preconceitos e identidades”, in *Traços de Linguagem*, v. 4, nº 1, 2020.

ZIMBORDI, Marcos, “Literatura marginal em revista”, in *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº 24, jul.-dez. 2004, pp. 71-82.

Artigos eletrônicos

BARROS, Gracinda, “Literatura marginal periférica”, in *Wikifavelas*, 2020, https://wikifavelas.com.br/index.php/Literatura_Marginal_Perif%C3%A9rica. Último acesso: 09/06/2022.

BONACORCI, Ricardo, “Livros: Capão Pecado – A literatura marginal de Ferréz”, in *Bonas Histórias*, 2019, <https://www.bonashistorias.com.br/single-post/2019/12/11/livros-capao-pecado-a-literatura-marginal-de-ferrez>. Último acesso: 11/07/22.

BRANDÃO, Adriana, “De Diadema para o mundo: escritor de periferia, Alexandre Ribeiro promove sua obra na Alemanha”, in *RFI*, 2019, <https://www.rfi.fr/br/brasil/20191110-rfi-convida-alexandre-ribeiro>. Último acesso: 10/08/22.

_____, “Escritores independentes divulgam obras alternativas brasileiras na Feira de Frankfurt”, in *RFI*, 2019, <https://www.rfi.fr/br/cultura/20191020-escritores-independentes-divulgam-obras-alternativas-brasileiras-na-feira-de-frankf>.

Último acesso: 23/11/2022.

BRITO, Diego, “Escritor de Diadema vende livros de mão em mão para ir à Alemanha”, in *Mural*, 2018, <https://www.agenciamural.org.br/poeta-de-diadema-inflorescencia/>.

Último acesso: 10/08/2022.

CATIZONE, Luigi, “L’itanglese: quante parole inglesi nell’italiano?”, in *Dante Alighieri Society*, 2021, <http://danteact.org.au/litanglese-quante-parole-inglesi-nellitaliano/#:~:text=Risulta%20che%20dal%201990%20a,%20era%20al%2028%25>

. Último acesso: 24/01/2023.

CHAVES, Mariana Bruno, SILVA, Mariana Vitale T. Da, JUNIOR, Norival Leme, “A poesia marginal dos anos 70”, in *Revista Melp*, 2013, <http://www.lalec.fe.usp.br/revistamelp/component/k2/item/33-a-poesia-marginal-dos-anos-70>. Último acesso: 09/06/2022.

CRISTIANINI, Maria Carolina, “Dos palácios até a mesa de jantar: a origem dos pronomes ‘tu’ e ‘você’”, in *Aventuras na História*, 2021, <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/tu-vs-voce-brasil.phtml>.

Último acesso: 24/11/2022.

DUARTE SILVA, Priscilla Chantal, SHITSUKA, Ricardo, DE ARAÚJO BRITO, Max Leandro, MOREIRA SHITSUKA, Dorlivete, “Comunicação dos *millennials* e uso do “tipo”: estudo linguístico da incidência dos vícios de linguagem oral entre discursos de universitários”, in *Research, Society and Development*, 2019, <https://www.redalyc.org/journal/5606/560662197041/html/>. Último acesso: 03/08/2022.

FERRARI, Mariana, “Difícil é fazer literatura com barulho de tiro na quebrada”, in *Ponte*, 2019, <https://ponte.org/quero-ver-fazer-literatura-escutando-barulho-de-tiro-na-quebrada-diz-alexandre-ribeiro/>. Último acesso: 10/08/2022.

GOMES, Joel, “A nova literatura marginal, um movimento de possibilidades ao acesso literário”, in *Fazia Poesia*, 2020, <https://faziapoesia.com.br/a-nova-literatura-marginal-895fef052e9>. Último acesso: 14/06/2022.

LEITE, Antonio Eleison, “O legado simbólico do rap Da ponte pra cá”, in *Ação Educativa*, 2013, <https://acaoeducativa.org.br/artigo-o-legado-simbolico-do-rap-da-ponte-pra-ca/>. Último acesso: 15/02/2022.

MACEDO, Letícia, “Quem é o jovem brasileiro que vendeu e autografou livro para presidente de Portugal”, in *Globo.com*, 2020, <https://g1.globo.com/olha-que-legal/noticia/2020/09/05/quem-e-o-jovem-brasileiro-que-vendeu-e-autografou-livro-para-o-presidente-de-portugal.ghtml>. Último acesso: 10/08/2022.

MIRRA, Paola, “La lingua dei giovani, strategie traduttive”, in *Eurologos Milano*, 2015, <https://eurologos-milano.com/la-lingua-dei-giovani-strategie-traduttive/>. Último acesso: 05/09/2022.

PATOTA, Giuseppe, *Apologia del passato remoto*, Torino, Pearson Italia, 2019, https://it.pearson.com/content/dam/regioncore/italy/pearsonitaly/pdf/italiano/Folio%20Anno%206%20N.3/ITALY-DOCENTI-FOLIO-Gennaio-2019-PDF_Videointervista%20Patota-Apologia-Passato-remoto.pdf. Último acesso: 10/02/2023.

PINHEIRO BAPTISTA, Bárbara, “Poesia Marginal e resistência cultural no Brasil dos anos de chumbo”, in *Lapalavra*, 2020, <https://lavrapalavra.com/2020/01/22/poesia-marginal-e-resistencia-cultural-no-brasil-dos-anos-de-chumbo/>. Último acesso: 14/06/2022.

PRADO, Matheus, “De Diadema para Alemanha: a história do jovem escritor Alexandre Ribeiro”, in *Veja SãoPaulo*, 2019, <https://vejasp.abril.com.br/cidades/de-diadema-para-a-alemanha-a-historia-do-jovem-escritor-alexandre-ribeiro/>. Último acesso: 10/08/2022.

RIBEIRO, Alexandre, “Manoel de Barros é favela”, in *ItaúCultural*, 2019 (2019b), <http://portale.icnetworks.org/manoel-de-barros-e-favela>. Último acesso: 04/02/2023.

TURSI, Sabrina, “Tradurre la lingua dei giovani – STL intervista Franca Cavagnoli”, in *STL*, 2015, <https://stl-formazione.it/tradurre-la-lingua-dei-giovani-stl-intervista-franca-cavagnoli/>. Último acesso: 04/09/2022.

Sitiografia

Enciclopédia ItaúCultural

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/>

GovBR:

<https://educa.ibge.gov.br/>

Norma Culta, Língua Portuguesa em bom Português

<https://www.normaculta.com.br/>

Treccani – Il portale del sapere

<https://www.treccani.it/>

Recursos multimídia

VOLPATO Regina, “Entrevista com o escritor Alexandre Ribeiro”, 2019, <https://www.youtube.com/watch?v=ms-jwBAhSfk>. Último acesso: 10/08/2022.